



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PAU DOS FERROS (CAPF)
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
(PROFLETRAS)**



MARIA CECÍLIA VIEIRA DE MORAIS

**VOZES SOCIAIS EM ARTIGOS DE OPINIÃO ESCRITOS POR
ESTUDANTES DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

PAU DOS FERROS

2020

MARIA CECÍLIA VIEIRA DE MORAIS

**VOZES SOCIAIS EM ARTIGOS DE OPINIÃO ESCRITOS POR
ESTUDANTES DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS), Unidade Pau dos Ferros, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras na área de concentração Linguagens e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Maia
Fernandes Barbosa

PAU DOS FERROS

2020

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

V658v

Vieira de Moraes, Maria Cecília.

VOZES SOCIAIS EM ARTIGOS DE OPINIÃO ESCRITOS
POR ESTUDANTES DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL. /
Maria Cecília Vieira de Moraes. - PAU DOS FERROS, 2020.
107p.

Orientadora: Profª Dra. Maria do Socorro Maia Fernandes
Barbosa

Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em
Letras) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Programa de Pós Graduação em Letras. Artigo de opinião.
Ensino de Língua Portuguesa. Vozes Sociais. Discurso Bivocal.
Discurso Citado.

MARIA CECÍLIA VIEIRA DE MORAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS), Unidade Pau dos Ferros, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Linguagens e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes.

Dissertação aprovada em, 07 de outubro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa (UERN)
Orientadora

Profa. Dra. Maria Vanice Lacerda de Melo Barbosa (UFERSA)
Examinadora externa

Profa. Dra. Rosângela Alves dos Santos Bernardino (UERN)
Examinadora interna

Prof. Dr. Evandro Gonçalves Leite (IFRN)
Suplente externo

Profa. Dra. Crígina Cibelle Pereira(UERN)
Suplente Interna

PAU DOS FERROS

2020

À minha mãe. (in memoriam)
Porque ela sabia que eu seria professora e tinha
muito orgulho disso.

Com todo amor, dedico!

AGRADECIMENTOS

Primeiro era um sonho. Depois realidade. Mas, a felicidade inicial de estar naquela universidade, naquele mestrado foi sendo destruída aos poucos por causa de uma realidade de vida que me deixou muito exausta. Decepcionada por não ter os meus direitos respeitados, quando não me foi permitido o afastamento para estudos. Professora de dois vínculos na rede Estadual do Rio Grande do Norte, tive a qualidade, do meu mestrado, comprometida por tirarem de mim a possibilidade de dedicar-me inteiramente aos estudos no mestrado.

A pandemia de 2020, ironicamente, promoveu-me benefícios por me possibilitar, devido ao isolamento, maior tempo para dedicação aos estudos, embora, em muitos momentos, tenha me tirado a paz. Perdi pessoas muito queridas – Minha Tia Terezinha e seu esposo, Luís. Momento devastador! No entanto, com as aulas suspensas, pude ler com tranquilidade, escrever com maior disposição e criatividade. Que bom que não desisti! E agora a minha voz é de agradecimento.

Primeiramente, agradeço a Deus por me abençoar na luta diária, a Nossa Senhora pela sua valiosíssima proteção e ao Divino Espírito Santo por sempre iluminar meus caminhos. Assim, abençoavam-me meus avós (*in memoriam*).

Minha gratidão à professora mais linda, Dra. Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa, professora da graduação e, agora, no mestrado também. Agradeço, também, pela acolhida em seu grupo de pesquisa, por orientar-me e compreender-me tão carinhosamente em minhas dificuldades. Por não permitir que eu desistisse. A você, toda minha gratidão, carinho e respeito.

Sou grata a todos que compartilham dos conhecimentos bakhtinianos no grupo de orientandos da Professora Dra. Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa. Em nossas reuniões de estudo, com hora apenas para começar, as vozes dos queridos colegas trouxeram-me muito aprendizado.

Agradeço imensamente a todo o corpo docente do PROFLETRAS. Vocês nos ensinaram bem mais do que imaginam, já não sou mais a mesma profissional, nem sequer a mesma pessoa, cresci muito com tudo o que me ensinaram, principalmente, ensinaram-me a ser melhor, bem melhor como professora de Língua Portuguesa.

Ao secretário do PROFLETRAS, Edneudo, por sempre orientar as burocracias institucionais e disponibilizar a sua atenção tão pacientemente, tornou-se um amigo.

Aos meus amigos da turma V, pela amizade, pelas trocas de conhecimento e de experiências, em especial, a Audaclécia, Karlena, Edilânia e Abraão, amores.

Aos professores que participaram da minha Banca de Qualificação e Defesa contribuindo significativamente com o meu trabalho.

Sou grata ao meu filho, por ser esse garotinho genial, sempre compreensivo e tão independente.

Ao meu Marido, que mesmo não compreendendo o meu emaranhado de vozes, no final sempre ouve a voz do coração. Às *crianças*, José Inácio e Maria Elisa, lindos e inteligentes que, sempre presentes, eram compreensivos nos meus momentos de estudo.

Ao meu pai porque está sempre ali. Olho e, na casa da frente, posso vê-lo rezar o seu terço diário e a abençoar-me.

Ao meu irmão, por todo amor que compartilhamos. A Raphaela, cunhada muito querida e presente de maneira ativa em todos os momentos da minha vida. Ao meu sobrinho. Luís Gustavo, tão inteligente e cativante.

À minha cunhada Kyara, à minha afilhada Emília, à minha pessoa Giovanna, que nem sonham estar na minha lista de agradecimentos, mas sou muito grata ao suporte que me deram nos últimos momentos de produção.

Sou grata por Arthur, sua torcida, orgulho da *Fofa*.

Aos meus familiares e amigos, em especial, àqueles que buscaram ajudar-me com palavras de incentivos, que entenderam a minha ausência e que lutaram comigo das mais diversas formas para a concretização desse sonho.

Aos alunos do Colégio Municipal Padre Osvaldo, pela parceria nas aulas da pesquisa. À professora Solange Batista da Silva, que me ensinou a ler e agora me ensina a ser melhor como professora e como gente. Minha parceira de trabalho incrivelmente humana e criativa, juntas tiramos leite de pedra.

Aos gestores das *minhas escolas*: Escola Estadual Mariana Cavalcanti em Luís Gomes-RN (Lamarck e Zefinha) e Escola Estadual Demócrito de Sousa em Tenente Ananias- RN (Edna Belo e Lea Carla), que compreenderam minhas faltas e incentivaram-me a continuar, sempre me apoiando e dando-me o suporte necessário em minhas ausências.

SOU GRATA!

*De minha parte, em todas as coisas, ouço vozes e
sua relação dialógica.*

(BAKHTIN, 2003, p.413)

MORAIS, Maria Cecília Vieira de. **Vozes Sociais em Artigos de Opinião Escritos por Estudantes do 9º Ano do Ensino Fundamental**. 109f. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional - PROFLETRAS) Unidade de Paus dos Ferros, campus Avançado Profa. Maria Elisa de A. Maia, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2020.

RESUMO

Tudo o que enunciamos está repleto de vozes, com algumas vozes fundimos a nossa, com outras reforçamos nossa própria voz. Tendo em vista esse entendimento, o presente trabalho tem o objetivo de analisar as vozes sociais presentes nos artigos de opinião produzidos por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. A partir desse objetivo geral, elaboramos os objetivos específicos desta pesquisa: investigar quais as vozes sociais enunciadas no discurso dos alunos articulistas; e, analisar como o discurso bivocal e o discurso citado aparecem nos enunciados produzidos pelos alunos. A obra de Bakhtin e de seu Círculo, assim como de seus comentadores e estudiosos serão fundamentais para o respaldo teórico deste trabalho, entre eles: Brait (2007; 2012; 2016); Paula (2019); Rojo e Barbosa (2015); e, Geraldi (1997). Os artigos de opinião foram escritos a partir de uma proposta de intervenção nas aulas de Língua Portuguesa com a aplicação de uma sequência didática apresentada pelo caderno de Artigo de Opinião das Olimpíadas de Língua Portuguesa. Portanto, foram selecionados seis artigos de opinião para o *corpus* e, a partir das leituras, elencamos categorias conforme as teorias de vozes sociais, discurso bivocal e discurso citado. A presente pesquisa é de abordagem qualitativa e de natureza descritiva e interpretativa. Como resultado da pesquisa, percebemos que os estudantes apresentaram, em seus enunciados, através do discurso bivocal, as vozes de pessoas próximas e que consideram referências, como os amigos, os pais e os professores. Foi possível observar, também, as vozes da lei representadas através do discurso citado: trechos de documentos oficiais que, de certa forma, são mais expostos na mídia e em ambientes escolares, porém de maneira muito tímida, por faltar-lhes maior acesso a esses discursos. Percebemos, ainda, que os articulistas apresentam maior facilidade em utilizar o discurso bivocal, pois o conhecimento do senso comum está atrelado ao cotidiano dos articulistas. Por outro lado, compreendemos a dificuldade em utilizar o discurso citado que requer alguns conhecimentos linguísticos mais específicos. Mesmo assim, consideramos que houve compreensão sobre a articulação das vozes sociais nos artigos de opinião analisados. Portanto, ao concluirmos a pesquisa, consideramos que houve compreensão sobre a apresentação das vozes sociais nos textos produzidos. Além disso, percebemos as fragilidades do ensino de produção textual e a necessidade de nós, professores de língua portuguesa, buscarmos estudar mais sobre essa temática, a fim de estarmos preparados para planejarmos essas aulas segundo os pressupostos de Bakhtin e de seu Círculo apresentados nesse estudo.

Palavras-chave: Artigo de opinião. Ensino de língua portuguesa. Vozes Sociais. Discurso Bivocal. Discurso Citado.

MORAIS, Maria Cecília Vieira de. **Vozes Sociais em Artigos de Opinião Escritos por Estudantes do 9º Ano do Ensino Fundamental**. 109f. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional - PROFLETRAS) Unidade de Paus dos Ferros, campus Avançado Profa. Maria Elisa de A. Maia, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2020.

ABSTRACT

Everything we say is full of voices. With some voices we merge ours, with others we reinforce our own voice. In view of this thought, the present work aims to analyze the social voices present in opinion articles produced by 9th grade students. Based on this general objective, we elaborated the specific objectives of this research: To investigate the social voices enunciated in the speech of the columnist students; To analyze how the bivocal speech and the mentioned speech appear in the statements produced by the students. The work of Bakhtin and his Circle, as well as his commentators and scholars, will be fundamental for the theoretical support of this work, among them Brait (2007; 2012; 2016); Paula (2019); Rojo and Barbosa (2015); and Geraldi (1997). Opinion articles were written from the intervention in Portuguese Language classes with the application of a didactic sequence presented by the Opinion Article section of the Portuguese Language Olympics. Six opinion articles were selected for the corpus and, from the readings, we list categories according to the theories of social voices, bivocal speech and quoted speech. This research has a qualitative approach and is descriptive and interpretive. As a result of the research, we noticed that the students presented in their statements, through the bivocal discourse, the voices of people close to them and that they consider references such as friends, parents and teachers. It was also possible to observe the voices of the law represented through the aforementioned discourse: excerpts from official documents that, in a way, are more exposed in the media and in school environments, but in a very timid way, because they lack greater access to these speeches. We also noticed that the writers have an easier time using the bivocal discourse, since the knowledge of common sense is linked to the daily lives of these writers. On the other hand, we understand the difficulty in using the mentioned speech that requires some more specific linguistic knowledge. Even so, we consider that there was an understanding of the articulation of social voices in the opinion articles analyzed. Therefore, at the end of the research, it was possible to understand how the social voices are presented in texts by elementary school students, the facilities to expose common sense positions in the bivocal discourse and the difficulties in articulating the other's discourse through the aforementioned discourse. In addition, we realize the weaknesses of teaching textual production and the need for us, Portuguese language teachers, to seek to study more about this topic, in order to be prepared to plan classes according to the assumptions of Bakhtin and his Circle.

Keywords: Opinion article. Portuguese language teaching. Social Voices. Bivocal speech. Cited Speech.

LISTA DE QUADRO E FLUXOGRAMAS

Quadro 1: Sequência Didática da Proposta Interventiva.....	50
Fluxograma 1: Critérios utilizados para a Seleção dos Artigos de Opinião	52
Fluxograma 2: Categorias e Subcategorias de Análise.....	53
Fluxograma 3: Detalhamento da Subcategoria de Análise Senso Comum	54
Fluxograma 4: Detalhamento das Subcategorias Vozes de Autoridade e Vozes da Lei ...	55

SUMÁRIO

1 A PALAVRA MINHA: PERCEPÇÕES INICIAIS SOBRE A PESQUISA.....	13
2 A PALAVRA OUTRA: Vozes teóricas.....	20
2.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O CÍRCULO DE BAKHTIN E A ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO (ADD)	20
2.2 AS VOZES SOCIAIS.....	24
2.3 SOBRE A ORIENTAÇÃO E A TRANSMISSÃO DAS VOZES NO DISCURSO	27
2.3.1 O discurso bivocal	32
2.3.2 O discurso citado	35
3 METODOLOGIA.....	39
3.1 OS GÊNEROS DISCURSIVOS	39
3.1.1 Os gêneros discursivos em sala de aula.....	41
3.1.2 O artigo de opinião	44
3.2 A CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	46
3.3 OS COLABORADORES DA PESQUISA	46
3.4 A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	47
3.5 A SEQUÊNCIA DIDÁTICA	49
3.6 A CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i> E AS CATEGORIAS DE ANÁLISE	52
4 AS VOZES PRESENTES NOS ARTIGOS DE OPINIÃO	56
4.1 O DISCURSO BIVOCAL.....	56
4.1.1 Menores de 18 anos podem frequentar festas noturnas sozinhos?	56
4.1.2 O uso de celular na sala de aula.....	59
4.1.3 Amazônia em chamas.....	62
4.1.4 Legalização da maconha.....	63
4.1.5 O feminicídio no Brasil	65
4.1.6 O porte de armas.....	67
4.2 O DISCURSO CITADO	68
4.2.1 Legalização da maconha.....	68
4.2.2 O feminicídio no Brasil	70
4.2.3 O porte de armas.....	72
5 O GRANDE ENCONTRO DE VOZES	74
REFERÊNCIAS	77
ANEXOS	80

1 A PALAVRA MINHA: PERCEPÇÕES INICIAIS SOBRE A PESQUISA

*A palavra revela-se, no momento de sua expressão,
como produto de interação viva das forças sociais.
(BAKHTIN, 2009, p.67)*

Conhecer a obra de Bakhtin e de seu Círculo nos faz entender que a “língua em uso - o discurso - é o material signifiicante”, que o ato comunicativo deve ser considerado nos estudos das ciências humanas porque é construído a partir de valores e ideologias que permeiam as vozes da sociedade. Inclusive, quando expomos nossas ideias, estamos expondo quem somos e quais os nossos valores coletivos numa constante dialogicidade, pois as vozes sempre se tocam (RENFREW, 2017, p. 109).

A partir desse conhecimento, e aliados ao testemunho da realidade problemática, que persiste nas aulas de produção textual, das escolas, ao longo dos anos, em que observamos propostas de “redação”, com abordagem de temas fora da realidade de vida dos estudantes, serem frequentes no fazer pedagógico dos professores, resolvemos investigar as vozes sociais presentes em artigos de opinião escritos por alunos do 9º ano do ensino fundamental.

Para o embasamento teórico desta pesquisa, respaldamos as obras assinadas por Bakhtin e seu Círculo, assim como os estudos de alguns autores que compartilham da sua concepção dialógica da linguagem: Brait (2007; 2012; 2016); Paula (2019); Rojo e Barbosa (2015); e, Geraldi (1997), cujos autores são responsáveis por apresentar-nos mais esclarecimentos sobre a obra bakhtiniana.

Partindo dessas considerações para a produção escrita dos artigos, optamos por aplicar parte da sequência didática apresentada no material da Olimpíada de Língua Portuguesa 2019 (OLP). Esse material foi desenvolvido de acordo com os estudos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). O método de ensino em questão trata-se da organização de um conjunto de atividades que visa desenvolver as competências e as habilidades necessárias à compreensão de um determinado gênero do discurso. De acordo com a visão bakhtiniana, o texto não só reflete o mundo, mas refrata-o na medida em que amplia ou modifica maneiras de pensar ou de agir no mundo.

O artigo de opinião foi o gênero escolhido para nossa investigação porque levamos em consideração o nosso público: adolescentes que, pela natureza da idade, costumam polemizar acontecimentos e, em nosso contexto, fazem-no nas redes sociais, através da publicação de pensamentos ou de comentários, bem como produzindo material

de acesso aberto e interativo na *internet*. Considerando, também, que o artigo de opinião apresenta o posicionamento do articulista, a partir do reconhecimento do problema gerador das polêmicas e da opinião de outras pessoas, acreditamos que este seria o gênero mais adequado a trabalhar em sala de aula para a realização de nossa pesquisa, já que a nossa intenção era investigar as vozes presentes nos artigos.

Dois fatores são necessários para a compreensão da escolha do material de trabalho. Em primeiro lugar, é importante ressaltar que costumamos utilizar o material desse concurso, independentemente de estar acontecendo a competição da OLP, pois temos o incentivo dos professores que organizam o material para que o utilizemos no cotidiano escolar. Em segundo lugar, mesmo o caderno “Pontos de Vista” de que trata o gênero artigo de opinião não sendo destinado ao 9º ano do ensino fundamental, escolhemo-los por apresentar o conteúdo necessário para a intervenção a que nos dispomos a realizar, porém tivemos a preocupação de selecionar as atividades, considerando o nível da etapa de ensino escolhido.

Do caderno, selecionamos sete das oficinas apresentadas e reorganizamos em módulos. Seguindo a proposta do material, as aulas foram compostas por leituras e análises de artigos de opinião, bem como notícias, reportagens e charges, estas últimas utilizamos com o fim de embasar as discussões acerca do gênero e estimular os debates sobre os assuntos mais polêmicos, atuais e relacionados ao contexto de vida de cada um dos participantes.

Assim como em nossa pesquisa, analisamos as vozes sociais no *corpus* oriundo da aplicação do material desenvolvido para a OLP. Costa (2017), em sua dissertação de mestrado, pesquisou a concepção de autoria como uma tomada de posição diante da variedade de vozes sociais em artigos de opinião finalistas da 5ª edição da OLP 2016. Com o objetivo de investigar como o discurso citado contribuiu para a construção da autoria desses textos, a pesquisadora toma como aparato teórico o estudo da dialógica do discurso apresentado pelo Círculo de Bakhtin e estabelece os conceitos de discurso citado e autoria presentes em Bakhtin/Volóchinov (2014) e Bakhtin (2011). Como resultado, observou que o discurso citado, nas formas de discurso indireto e discurso direto, é um recurso frequentemente utilizado, exercendo diferentes propósitos comunicativos e que contribuíram, de forma significativa, para a construção da autoria de textos do gênero artigo de opinião produzidos por alunos do ensino médio. O trabalho, em questão, tem relevância para o estudo dialógico, uma vez que trata de uma pesquisa voltada à análise de

textos produzidos em sala de aula, com propósitos interventivos. Pesquisas dessa natureza contribuem efetivamente para a melhoria no ensino de produção textual.

Para a organização e orientação deste trabalho, amparamo-nos em estudos atuais sobre as vozes sociais e a produção textual, com base no dialogismo de Bakhtin e seu Círculo.

Na sua dissertação de mestrado, Bessa (2007) investiga as dificuldades de inserção do discurso do outro na seção de fundamentação teórica de monografias escritas por alunos do curso de Letras. Para tanto, aponta para o problema referente à dificuldade de produção escrita de alunos concluintes. Discussões como essas podem ser observadas em tantos outros estudos linguísticos, que buscam contribuir para a melhoria nas produções escritas desses estudantes.

No trabalho de Sipriano e Gonçalves (2017), é apresentado o conceito de vozes sociais relacionando-as aos diferentes pontos de vista, posicionamentos e posturas ideológicas. Trata-se de uma reflexão teórica dessa categoria sob os escritos do Círculo de Bakhtin. Esses autores dizem que a palavra “voz”, nesses estudos, tem sentido metafórico, pois vai além da emissão de sons e perpassa toda uma carga ideológica de expressão comunicativa, assim como para o Círculo, em que designação de voz faz referência à questão de valores, ponto de vista, opinião. No decorrer do artigo, é possível entender, ainda, que as vozes sociais constituem-se na relação dialógica entre vozes, formando uma cadeia em que o que se diz, em certo momento, em certo espaço (cronotopo), é fruto de outras vozes anteriores e será parte de outras vozes posteriores, sendo o dialogismo considerado um fenômeno próprio de qualquer discurso. A compreensão de “voz” que nos é apresentada por Sipriano e Gonçalves (2017) é coerente com os estudos bakhtinianos, porém para nossa pesquisa, ampliamos esse estudo e buscamos compreender as vozes sociais apresentadas nos discursos, dos nossos estudantes, que são discursos produzidos a partir de discussões pertinentes ao contexto em que eles vivem.

Santos (2013) discute os princípios de dialogismo e vozes em atividades escolares. Utilizando o material didático da Olimpíada de Língua Portuguesa, também nos levou a compreender a importância de se trabalhar, em sala de aula, com a realização de sequência didática, pois a pesquisadora escolheu, para sua análise, o caderno do gênero artigo de opinião que, também, foi objeto de análise da sua pesquisa de mestrado. A autora defende o trabalho com a sequência didática, proposta no material, com base nos estudos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). O objetivo da pesquisa é apresentar a didatização

dos conceitos de dialogismo e vozes, a partir de Bakhtin e de seu Círculo, os quais norteiam também o nosso trabalho. Entretanto, a autora investigou a discursividade presente nesse mesmo caderno, enquanto nós optamos por analisar, em nosso *corpus*, as vozes sociais.

Na dissertação de mestrado da Lima (2013), os enunciados produzidos pelos alunos também são analisados sob os aportes do Círculo de Bakhtin. Para a autora, conhecer as teorias do Círculo esclareceu seus questionamentos e, na tentativa de compreender o posicionamento de cada aluno, considera o cronotopo para análise, o tempo e o lugar social de cada um, pois considerar o lugar de cada participante é reconhecer e valorizar a voz dos excluídos. Em seu trabalho, cada um dos alunos escreveu em seus diários de leitura o que compreendeu a partir da leitura de textos publicados em revistas variadas e, a partir disso, produziram seu material afirmando-se como sujeitos no mundo, compreendendo, refutando e respondendo os diversos textos que circulam em sociedade. A autora consegue, ainda, ouvir e compreender as vozes daqueles diaristas e nisso observar o preconceito, o estranhamento do outro, pois o que eles queriam era ser ouvidos. Segundo Bakhtin e seu Círculo (BAKHTIN, 2008), ouvir é reconhecer os sentidos presentes naquele discurso sem a imposição de estar em acordo ou desacordo. E ela conclui, ao final do trabalho, que as vozes sociais constituem o ser de linguagem. Essas vozes sociais foram o nosso material de pesquisa assim como o dela, porém a partir dos artigos escritos, pudemos observar os pontos de vista dos estudantes que demonstraram engajamento nos debates sobre as polêmicas que foram observadas no lugar em que eles vivem.

Outro trabalho que dialoga com a temática escolhida para esta pesquisa é apresentado por Bubnova. Em sua pesquisa-ação, a estudiosa analisa textos de alunos, observando as variadas vozes ecoadas nos textos, dentre elas, as vozes da mídia, a voz da instituição da pesquisa - uma escola católica - e as vozes dos professores. Mais tarde, em 2011, Bubnova e colaboradoras publicam o artigo “Voz, sentido e diálogo em Bakhtin”, na revista Bakhtiniana. Abordam o pensamento do mestre do dialogismo no que diz respeito à palavra ser sempre alheia, destacando os conceitos bakhtinianos a respeito do diálogo e da voz presentes nele. Bubnova, Baronas e Tonelli (2011) defendem a voz como ato personalizado, carregado de posições éticas e ideológicas, visto que o homem está em constante interação com o mundo. O acontecimento das relações dialógicas é fruto do valor social empregado nos enunciados.

Em estudo realizado por Gonçalves (2016), o gênero charge foi selecionado para análise, porém isso não aconteceu em atividades produzidas no meio escolar, as charges que formavam seu *corpus* estavam veiculadas na mídia. Seu objetivo era compreender como os discursos constroem-se com base na teoria bakhtiniana, assim como elucidar como acontece a construção dialógica de sentidos nesse gênero discursivo. As charges analisadas foram as mais polêmicas, ou seja, com maior incidência de dupla compreensão por parte dos leitores. Dessa forma, a pesquisadora percebe que, nas charges, as vozes entram em confronto a partir do lugar que cada um ocupa. A metodologia de análise está alicerçada na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* de Volóchinov (2018), assim como alicerçamos a base teórica do nosso trabalho, pois consideramos que o conflito emerge da diferente valoração das vozes na relação do eu com o outro. A intenção de contribuir para pesquisas e estudos na área de ensino comunga com o que pensamos para nossa pesquisa, mas acreditamos, também, que poderíamos intervir no meio escolar.

Conhecer esses trabalhos possibilitou-nos perceber que os estudos do Círculo de Bakhtin estão cada vez mais incorporados às pesquisas acadêmicas e que a sua teoria pode ser o que as escolas necessitam estudar e colocar em prática para a melhoria do ensino de língua portuguesa, mais precisamente do ensino de produção textual. Por isso, desenvolvemos esta pesquisa que, além de buscar o reconhecimento desses estudos, buscou intervir na realidade da sala de aula, contribuindo, mais especificamente, nas aulas de produção escrita. Compreendemos que entender o conceito de dialogismo em Bakhtin tem grande relevância para pesquisas na área da educação, principalmente para professores das áreas de humanas.

Por se tratar de uma pesquisa advinda como propósito para a escrita da dissertação do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), sabemos que o produto desse trabalho é resultado da intervenção em sala de aula, por isso reconhecemos sua importância para fomentar debates acerca de problemas que estão presentes na realidade escolar. Neste caso, a preocupação com baixa aprendizagem na área de produção escrita direcionou-nos para que esta investigação também colaborasse com reflexões para a melhoria do ensino e aprendizagem.

Assim, a compreensão de linguagem como atividade dialógica, como também a proposta de intervenção, orientou-nos para a realização deste trabalho que se constitui como uma pesquisa-ação dedicada a analisar as vozes sociais nas produções de alunos do

ensino fundamental. Foi importante, para a realização desta pesquisa, buscar a resposta para as seguintes perguntas:

a) Quais as vozes sociais que aparecem nos artigos de opinião escritos pelos alunos do 9º ano do ensino fundamental?

b) De que maneira as vozes sociais aparecem nos artigos dos alunos seguindo a compreensão de discurso bivocal e de discurso citado?

A partir desses questionamentos, estabelecemos nossos objetivos.

Objetivo Geral:

- Analisar as vozes sociais presentes nos artigos de opinião produzidos por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.

Objetivos específicos:

- Identificar as vozes sociais enunciadas no discurso dos alunos articulistas; e,
- Analisar o uso do discurso bivocal e do discurso citado nos enunciados produzidos pelos alunos.

O trabalho está organizado em cinco capítulos. No primeiro capítulo, “A PALAVRA MINHA: Percepções iniciais sobre a pesquisa”, apresentamos o nosso trabalho, justificamos porque escolhemos analisar as vozes - nosso objeto de pesquisa -, assim como suas contribuições para o meio acadêmico e para o ensino. Foram expostos, também, nossos questionamentos e objetivos, explanamos um pouco sobre o estado da arte e, por fim, apresentamos a estrutura desta dissertação.

O segundo capítulo, intitulado “A PALAVRA OUTRA: vozes teóricas”, traz para nós os estudos e os teóricos que fundamentam esta pesquisa. Nele, situamos a pesquisa nos estudos dialógicos orientados pelos postulados teóricos de Bakhtin e de seu Círculo, além de seus comentadores. Apresentamos, portanto, a teoria de dialogismo, de vozes sociais, as vozes sociais no discurso, o discurso citado e o discurso bivocal.

No terceiro capítulo, “METODOLOGIA”, discorremos sobre gêneros discursivos, comentamos, de maneira mais direta, sobre o artigo de opinião, como também apresentamos a nossa proposta de intervenção e a sequência didática. Discutimos, ainda, os principais aspectos metodológicos da investigação, caracterizamos a pesquisa e o campo de investigação, os métodos para as análises dos enunciados, os procedimentos de coleta, a delimitação do *corpus* e, por fim, a divisão das categorias.

O quarto capítulo, “AS VOZES PRESENTES NOS ARTIGOS DE OPINIÃO”, apresenta as análises realizadas sob as duas categorias escolhidas: as vozes sociais em discurso bivocal e em discurso citado.

No quinto capítulo, “O GRANDE ENCONTRO DE VOZES”, reiteramos as percepções iniciais, apresentamos os resultados e deixamos o debate aberto para outros estudos e discussões.

2 A PALAVRA OUTRA: Vozes teóricas

Dois enunciados alheios confrontados, que nada sabem um do outro, se querem tocar, ainda que de leve, o mesmo tema (pensamento), entram inevitavelmente em relações dialógicas entre si. (BAKHTIN, 2016, p. 88).

A obra de Bakhtin e de seu Círculo sobre a linguagem tornou-se importante para que os estudos das diversas áreas das ciências humanas pudessem repensar seus conceitos, a partir da concepção dialógica da linguagem. Assim, os valores individuais e coletivos dos sujeitos envolvidos no ato da linguagem, como também o contexto no qual estão imersos tornaram-se parte integrada ao estudo da língua. Os estudos da linguagem, à luz da teoria de Bakhtin e de seu Círculo, são denominados como Análise Dialógica do Discurso (ADD), assunto que será tratado nos subtópicos desta seção, nos quais discorreremos sobre o dialogismo de Bakhtin, objeto de estudo da ADD, assim como discorreremos sobre as vozes sociais, o discurso citado e o discurso bivocal.

2.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O CÍRCULO DE BAKHTIN E A ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO (ADD)

O Círculo de Bakhtin era formado por pessoas que compreendiam, de forma similar, as ideias sobre a linguagem, considerando a sua concepção dialógica, a heteroglossia, o cronotopo e o carnaval. Bakhtin aproveita-se do *corpus* - Linguagem - e apresenta a sua teoria ampliando a visão de alcance dos estudos nas ciências humanas, até então publicados, pois sua teoria da linguagem é construída em torno da enunciação em que a língua é vista como algo vivo e de total importância para as ciências humanas, como afirma-nos Renfrew (2017, p.15):

[...] via expressa da interdisciplinaridade, a convocação de Bakhtin para os campos afins da sociolinguística, da antropologia, da teoria social e, obviamente, da filosofia, domínio do qual ele inicialmente provém, é um testemunho do fato de que o que é importante para e em Bakhtin – a construção e a transmissão do sentido e a relação do eu com o outro – é central para o projeto das ciências humanas em geral. (RENFREW, 2017, p. 15)

O projeto bakhtiniano de estudo da linguagem apresentou teorias que procuraram influenciar estudos nas diversas áreas das ciências humanas. E isso foi feito não como pretexto de exclusão de teorias preexistentes sobre o estudo da linguagem, mas com a

intenção de unir saberes e acrescentar a essas teorias a valorização do estudo da língua enquanto enunciado.

Dessa forma, partimos da compreensão de dialogismo porque considera a língua como “enunciado”, ou seja, a linguagem como sendo o denominador comum de estudo a todas as áreas das ciências humanas. Assim, com ênfase na compreensão de que as relações comunicativas são interpessoais e que a elaboração de uma teoria da linguagem tornara-se necessária, não somente para os estudos linguísticos, mas para todo aquele que se comprometa em entender a vida humana, acreditamos que, em Bakhtin, encontraremos respaldo para nosso estudo. Sobre isso Renfrew diz que:

[...] Bakhtin é o pensador que não apenas torna a conceber a relação entre a literatura e outras disciplinas, como também aquele que é capaz de, em última instância, demonstrar a base comum vital de todas as disciplinas da área de humanas – de todas as disciplinas que têm a escrita como seu núcleo conceitual e metodológico. (RENFREW, 2017, p. 13).

Compreendemos, assim, que Bakhtin articula as diferentes áreas do conhecimento para provar que em tudo há dialogismo, pois o enunciado perpassa o nosso ser, vai além da escrita, onde é mais fácil encontrar as marcas dialógicas.

Sobre a importância de Bakhtin para a compreensão de linguagem, Brait (2016, p. 01) diz que o nome de Bakhtin “evoca alguns conceitos, categorias e/ou noções que, de diferentes maneiras, interferiram, e continuam interferindo nos estudos linguísticos, literários e nas Ciências Humanas em geral”. Seu amplo conhecimento filosófico, pautado numa postura ética, denotaram e denotam credibilidade à obra bakhtiniana que pode ser identificada como altruísta quando consideramos as suas ideias de coletividade e alteridade apresentadas na sua obra e, não menos importante, nas de seus colegas, colaboradores e parceiros. Além disso, segundo Paula:

Há ainda o crescimento de grupos de pesquisas institucionais registrados no CNPq que trazem como foco de trabalho e pesquisa o Círculo de Bakhtin. Interesse também em publicar obras que tratem de temáticas bakhtinianas e que se propõem a refletir, com autores brasileiros e estrangeiros renomados, estudiosos do Círculo de Bakhtin, sobre o complexo escopo de seus estudos, o que se apresenta como possibilidade de contribuir com as pesquisas bakhtinianas no cenário de pesquisas acadêmicas no Brasil e também como forma de legitimar o Círculo enquanto grupo pensador da linguagem. (PAULA, 2019, p. 246)

As contribuições do Círculo de Bakhtin vão além de ser referência para várias pesquisas e estudos, pois observamos a sua presença frequente no referencial teórico de

vários materiais didáticos, não somente de universidades, mas no ensino básico pode ser muito observada. Isso porque a sua proposta teórica, pautada em uma postura de análise da realidade, é bem compreendida e aceita por educadores de diversas áreas de conhecimento.

A obra do Círculo tem como uma, das tantas outras características, a apresentação de críticas às teorias estabelecidas pelas diversas áreas de estudo das ciências, no século XX, as quais priorizavam o conhecimento universal e desprezavam o singular nas ciências humanas como afirma-nos Faraco,

[...] o Círculo apresenta em sua obra o posicionamento crítico contrário a estudos em que o ser humano é abstraído de sua realidade concreta. Assim, Bakhtin e seu Círculo, recusando-se a contribuir com estudos que tratassem da vida humana fora de sua realidade, nos apresentou um novo jeito de entender as ciências humanas. (FARACO, 2009, p. 19)

Entendemos, então, que, para a teoria bakhtiniana, o texto seria o objeto essencial para qualquer trabalho em que as ações sociocomunicativas estejam em foco. Sobre isso, o próprio Bakhtin (2003, p. 307) diz que “onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento”. Assim, compreendemos que o texto é imprescindível para qualquer pesquisa que trate de experiências humanas. O texto, como fonte inesgotável de expressão do conhecimento e das experiências humanas, revela-nos valores individuais construídos pelos sujeitos inseridos em comunidade, como afirma Bakhtin ao nos dizer que

[...] a vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente a palavra, e essa entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal. (BAKHTIN, 2003, p. 348)

O acontecimento da linguagem é considerado pela ADD como algo essencialmente dialógico e, por isso, considera-se que ela tenha dois componentes: a língua e o discurso. A primeira é responsável pelo significado, entende-se a palavra em seu estado isolado de qualquer contexto de uso; e, o segundo está ligado ao sentido, ou seja, o discurso promove o uso da linguagem em um contexto real, que vai muito além de significados, ele enuncia porque é carregado de intencionalidades e de valores sociais e individuais. Portanto, o discurso aqui entendido como enunciado é o objeto de estudo do Círculo e da ADD.

Seguindo a discussão, queremos acrescentar que um discurso não é feito apenas de palavras, mas também de contextos históricos, espaciais, temporais e, principalmente, de sujeitos interagindo, modificando e sendo modificados pela história, pelo espaço e pelo

tempo, apresentando-se como o que Bakhtin denomina de cronotopo. Essa categoria reconhece que todo discurso é produzido por um ser historicamente situado e que, partindo das suas experiências vividas, enuncia, conforme Bakhtin/Volochínov,

[...] Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando réplicas. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 137)

É muito importante considerarmos a compreensão de que há um lugar, um contexto adequado a cada enunciação, pois o mesmo enunciado produzido em tempos ou lugares diversos nunca terá o mesmo sentido e, uma vez estabelecida nossa compreensão sobre o dito, aquele enunciado incorpora-se ao nosso adquirindo novos significados. Esse acontecimento dialógico só é possível porque estamos em constante comunicação e, assim, somamos ao nosso discurso outros conhecimentos e valores.

Sobre o evento de se construir réplicas, a partir das relações de comunicação, é importante refletir sobre o que Brait (2012, p. 14) define como polo da linguagem: “[...] a dimensão que engloba a linguagem do autor, do gênero, da corrente, da época, à língua nacional – e, ao mesmo tempo, o significado de repetível e não repetível [...]”. Assim, entendemos que, além de todo aparato composicional, contextual e individual do uso da linguagem, devemos compreender que a voz tem o seu sentido dado, aquele que já vem de outros discursos anteriores, porém ao ser dito novamente se reveste do criado que são construídos axiologicamente em determinado cronotopo. Decorrente disso, criamos réplicas a todo momento de uso da linguagem.

Portanto, o acontecimento da linguagem, base da comunicação, é a interação entre sujeitos socialmente constituídos e orientados por valores construídos ao longo de sua vida. Isso pode ser evidenciado quando Brait (2012, p. 14) afirma que “o acontecimento da vida do texto, isto é, a sua verdadeira essência, sempre se desenvolve na fronteira de duas consciências, de dois sujeitos”, por conseguinte as ressonâncias da voz de outrem em qualquer discurso são inevitáveis.

Quando chegamos à conclusão da heterogeneidade do discurso, é interessante pensarmos no início de tudo, quando do primeiro cumprimento do *Adão mítico direcionado a Eva ainda muda*. A sugestão desse pensamento nos serve de ilustração para marcar a iniciação do diálogo constante, a partir daí a palavra carrega significados, valores e finalidades que são ressignificadas a cada situação comunicativa.

Sobre isso, Brait (1997, p. 98) coloca que o “dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos que, por sua vez, instauram-se e são instaurados por esses discursos”. E, ampliando esse pensamento sobre o dialogismo, coloca que, na interação social, os sujeitos interagem não apenas com o outro, mas também consigo mesmo e com todo o universo que o cerca. O movimento dialógico é inerente a qualquer ação humana que envolva a linguagem. Como postula Bakhtin:

[...] a orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo o discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. (BAKHTIN, 2010, p. 88)

Com base na citação apresentada, entendemos que o dialogismo é inerente a qualquer discurso vivo, pois ele está relacionado ao que foi dito antes mesmo de ser construído e não termina quando encontra o discurso de outrem, continuando, dessa forma, como discurso vivo para outros discursos. Tem-se, portanto, que o diálogo é inconcluso.

Nessa perspectiva, entendemos que a enunciação é estruturada a partir da articulação de diferentes vozes instauradas na produção discursiva. Com base nos estudos dialógicos, discutiremos vozes sociais no próximo tópico.

2.2 AS VOZES SOCIAIS

Partindo da discussão sobre dialogismo, entendemos que o nosso discurso é formado pelo diálogo entre vozes e essa é a condição para que as muitas vozes ecoadas na sociedade se entrecruzem; em outras palavras, a linguagem, como parte da essência humana comunicativa, é um meio de transmissão de ideias, de culturas e de valores, pois o que se enuncia em um dado momento será compreendido, refutado ou acrescentado em um outro, como, tão bem, coloca Bakhtin:

As palavras do outro, introduzidas na nossa fala, são revestidas inevitavelmente de algo novo, da nossa compreensão e da nossa avaliação, isto é, tornam-se bivocais. O único que pode diferenciar-se é a relação de reciprocidade entre essas duas vozes. O nosso discurso da vida prática está cheio de palavras de outros. Com algumas delas fundimos inteiramente a nossa voz, esquecendo-nos de quem são; com outras reforçamos as nossas próprias palavras, aceitando aquelas como autorizadas para nós; por último; revestimos terceiras das nossas próprias intenções, que são estranhas e hostis a elas. (BAKHTIN, 2008, p. 195)

Isso posto, entendemos que, no pensamento de Bakhtin, a comunicação acontece num dado contexto e é construída a partir do que já foi dito anteriormente. As vozes anteriores encaminham o novo discurso forjando, sentido a partir de vozes alheias, ou seja, a partir da compreensão do que foi dito antes e, ainda, antecipando a resposta do interlocutor, pois todas as palavras são direcionadas a alguém, em um ato para o outro, por isso sentimos a necessidade de colocarmo-nos no lugar desse outro, a fim de antecipar a resposta que está por vir; esse ato é chamado de responsividade.

Nesse movimento dialógico da linguagem, a relação de embate entre as diferentes vozes da ação comunicativa tem um caráter pluridiscursivo, pois a linguagem é o ponto de partida para qualquer situação comunicativa, conforme Bakhtin assinala:

[...] em cada momento de sua existência histórica, a linguagem é grandemente pluridiscursiva. Deve-se isso à coexistência de contradições socioideológicas entre presente e passado, entre diferentes épocas do passado, entre diversos grupos socioideológicos, entre correntes, escolas, círculos, etc. Estes “falares” do plurilinguismo entrecruzam-se de maneira multiforme, formando novos “falares” socialmente típicos. (BAKHTIN, 2010, p. 98)

O termo “plurilinguismo” utilizado por Bakhtin, no enunciado acima, leva-nos a refletir sobre a gama de vozes que circulam no meio social – a cultura de cada lugar, os valores, os posicionamentos. Essa questão axiológica da linguagem revela-nos o conceito de vozes sociais como sendo fruto de um conjunto de diversidade cultural e de valores construídos, a partir de nossas experiências de vida. Esse é o caráter heterogêneo da língua, no qual não existe voz individual, sendo os valores culturais, de cada um, construídos a partir do convívio em sociedade. Dessa forma, entendemos que os discursos/enunciados são povoados por vozes sociais. Como afirma Bakhtin, a língua é viva e plural:

A língua, enquanto meio vivo e concreto onde vive a consciência do artista da palavra, nunca é única. Ela é única somente como sistema gramatical abstrato de formas normativas, abstraída das percepções ideológicas concretas que a preenche e da contínua evolução histórica da linguagem viva. A vida social viva e a evolução histórica criam, nos limites de uma língua nacional abstratamente única, uma pluralidade de mundos concretos, de perspectivas literárias, ideológicas e sociais, fechadas; os elementos abstratos da língua, idênticos entre si carregam-se de diferentes conteúdos semânticos e axiológicos, ressoando de diversas maneiras no interior, destas diferentes perspectivas. (BAKHTIN, 2010, p. 96)

Esse pensamento bakhtiniano, refere-se ao conceito de heteroglossia, que seria o embate de diferentes vozes sociais presentes no processo comunicativo. Seguindo essa linha de pensamento, Faraco (2009) discorre sobre heteroglossia como sendo relativa à heterogeneidade da língua. Em outras palavras, esse termo refere-se ao embate de forças contraditórias no jogo de vozes, que se constroem sob tensas relações de poder, diferente de polifonia, termo utilizado por Bakhtin, na sua obra, em que analisa o discurso de Dostoiévsky quando observa que a variedade de vozes apresentada no romance, por vezes, não está em conflito. Heteroglossia e polifonia são termos que, vez ou outra, causam confusão com relação aos seus conceitos, porém é importante entender que são termos com significados diferentes, como afirma Faraco:

Assim confundir esses termos limita, por exemplo, a percepção de que os discursos que circulam socialmente têm peso político diferenciado; e de que, no jogo dos poderes sociais, há [...] um contínuo esforço centrípeto (monologizante) dos discursos que ambicionam se impor como um centro, buscando reduzir e impor a heteroglossia. (FARACO, 2009, p. 76)

Como bem coloca Faraco, heteroglossia tem a ver com multiplicidades de vozes conflitantes, em que fica clara a disputa de posições e de jogo de valores. Essa definição aproximou-nos, ainda mais, do nosso *corpus*, pois o gênero Artigo de Opinião apresenta, entre suas características principais, a voz polêmica gerada por vozes sociais que denunciam uma realidade problemática. A defesa de um ponto de vista, dentre tantos outros, que circulam na sociedade, traz à tona o embate de vozes.

As vozes por trás da palavra/enunciado já são carregadas de vozes da sociedade, como afirma Bakhtin (1996, p. 362): “A palavra chega ao contrário do falante a partir de outro contexto, cheia de sentidos alheios; seu próprio pensamento a encontra já povoada.” A atitude de usar a palavra/enunciado deve levar, em consideração toda, a carga ideológica que ela já carrega e a isso adicionar, no debate interno da linguagem, os próprios valores e as intenções de quem irá enunciá-la.

O embate de vozes que permeia a linguagem humana reflete o diálogo sempre inacabado em relação ao outro, a palavra aqui é tida como ato ético na ação sobre o mundo e sobre o outro. Todas as palavras e as formas que povoam a linguagem são vozes sociais e históricas, que lhe dão determinadas significações concretas e que se organizam no romance em um sistema estilístico harmonioso, expressando a posição socioideológica diferenciada do falante/escritor em meio a diferentes discursos de sua época.

No próximo tópico, ampliaremos a discussão sobre vozes sociais, para que possamos refletir sobre as vozes sociais nos discursos, seja sob o formato do discurso bivocal ou do discurso citado. Essas duas categorias também serão apresentadas nos subtópicos.

2.3 SOBRE A ORIENTAÇÃO E A TRANSMISSÃO DAS VOZES NO DISCURSO

Nas práticas do cotidiano, todo discurso é produzido a partir dos discursos já ditos. Esses discursos são formados por valores ideológicos e por avaliações sociais nas mais variadas esferas discursivas da comunicação. Nesse subitem, recorreremos às teorias do Círculo de Bakhtin para esclarecermos sobre a orientação e a transmissão das vozes no discurso.

Inicialmente, devemos entender que, quando um sujeito apropria-se do discurso alheio, orienta-se axiologicamente, tomando a posição de avaliador sobre o outro e seu discurso. Segundo Bakhtin (2003, p. 297), “cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados, visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados que já foram proferidos em dada situação, em uma determinada esfera de comunicação.” Nessa perspectiva, entendemos que o enunciado é reelaborado a partir do que já ouvimos e sabemos, da possibilidade de acordo ou de desacordo. É no contexto desse discurso interior que ocorrem a percepção do enunciado alheio, a sua compreensão e a sua avaliação, isto é, a orientação ativa do falante. Nesse momento de reflexão sobre os sentidos da palavra alheia, o novo se constrói a partir das percepções geradas sobre o discurso alheio, sobre isso Volóchinov acrescenta nos informando que

Essa percepção ativa e intradiscursiva se dá em duas direções: em primeiro momento, o enunciado alheio é emoldurado pelo *contexto real e comentador* (que, em parte, coincide com aquilo que é chamado de fundo de apercepção da palavra), pela situação (interna e externa), pela expressão visível e assim por diante; e em um segundo momento, prepara-se uma réplica (*Gegenrede*). Tanto a preparação da réplica, isto é, a *réplica interior*, quanto o *comentário real* se fundem naturalmente na unidade de percepção ativa e podem ser isoladas apenas de modo abstrato. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 254, grifos do autor)

Compreendemos, a partir desse trecho, que a orientação ativa do falante, a princípio, circunda a voz alheia para que seja formulado o comentário real (percepção da palavra alheia em seu contexto de origem) numa atitude de interpretação e avaliação interior do discurso alheio, somente, a partir desse experimento, será possível a produção

da voz autoral, ou seja, será possível a construção de uma réplica, já que a voz alheia, agora, é direcionada em contexto diferente de sua situação de produção. Entretanto, tanto o comentário real como a réplica podem ser percebidos. Sobre isso Volóchinov ainda diz que:

Independentemente dos objetivos desse contexto, seja ele um conto literário, um artigo polêmico, o discurso de defesa do advogado etc., percebemos claramente nele ambas as tendências: o comentário real e a réplica, sendo que uma delas costuma predominar. Entre o discurso alheio e o contexto de sua transmissão existem relações complexas, tensas e dinâmicas, sem as quais é impossível compreender a forma de transmissão do discurso alheio. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 254-255)

De acordo com esse autor, pode haver a predominância de percepção do comentário real ou da réplica no discurso autoral, pois devemos considerar que a inter-relação dinâmica entre as grandezas é inerente a qualquer enunciado. Em outras palavras, pode haver a predominância de uma voz sobre a outra, porém no caso de citações em que o contexto de transmissão não é considerado, como era comum observar em textos da idade média, há o direcionamento ideológico apenas para o que expressa o discurso alheio. O discurso autoral e o alheio somente existem nessa inter-relação e não isoladamente. Apenas é possível perceber a predominância entre um e outro. Volóchinov alerta-nos para o grau de autoritarismo da palavra, pois, segundo ele,

[...] é necessário distinguir também o grau de percepção autoritária da palavra, o grau de sua confiança ideológica e dogmatismo. À medida que o dogmatismo da palavra aumenta e a percepção compreensiva e avaliativa deixa de admitir matizes entre a verdade e a mentira, entre o bem e o mal, as formas de transmissão do discurso alheio se despersonificam. Pois, quando há uma polarização bruta e extrema entre as avaliações sociais, não há lugar para um tratamento positivo e atento a todos os aspectos individualizados do enunciado alheio. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 257)

O dogmatismo autoritário é característico da nossa escrita antiga. Nele, os modelos de transmissão do discurso alheio não consideram o contexto e a orientação ativa do discurso, pois o que se enuncia, nesse padrão dogmático, é desprovido de interpretação, de avaliação, ou seja, há uma despersonificação da voz autoral. Nesse sentido, a voz alheia passa a ter maior poder ideológico sobre a voz do autor.

Além disso, para que o autoritarismo provindo do discurso alheio não domine a construção autoral, é importante compreendermos a finalidade da orientação do contexto autoral. O discurso artístico, por exemplo, transmite com muito mais sensibilidade todas as

mudanças na orientação discursiva mútua. Diferentemente, na retórica não há tanta liberdade no manuseio da palavra alheia, como razão da sua finalidade de orientação, a retórica exige uma fronteira mais nítida das fronteiras do discurso alheio, é meticulosa quanto à autenticidade, levando em consideração a linguagem jurídica que verifica as “partes” processuais. É necessário considerar a hierarquia social da palavra alheia que está sendo transmitida, sobre isso Volóchinov afirma que

Quanto mais intensa for a sensação de superioridade hierárquica da palavra alheia, tanto mais nítidas serão suas fronteiras e menos penetrável ela será pelas tendências comentadoras e responsivas. Assim, nos gêneros inferiores do neoclassicismo existe desvios substanciais do estilo linear racional e dogmático de transmissão de discurso alheio. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 262)

As condições da comunicação discursiva, as suas formas e os meios de diferenciação ou de penetração na voz alheia são determinados pela força ideológica em que são produzidas. Em outras palavras, quanto maior a autoridade de conhecimento representado pela palavra, menor possibilidade de penetração da voz autoral. As premissas socioeconômicas da época regem as condições mutáveis da sociedade que determinam as alterações das formas de transmissão do discurso alheios, por nós, analisados.

Essa tendência constrói “um certo” abismo entre os discursos transmitidos, o destaque da voz alheia, que faz prevalecer, na hierarquia de valores, o discurso citado, geralmente feito dessa forma porque a voz citada é carregada de um tom de autoridade sobre o tema em discussão.

Nos últimos capítulos de Marxismo e filosofia da linguagem, Volóchinov (2018) discute sobre essas formas de apreender e de transmitir o discurso do outro. No texto, ele, inicialmente, apresenta três modalidades sintáticas, mas em nossa análise abordaremos apenas duas: o discurso direto e o discurso indireto. O discurso indireto livre não será abordado por não fazer parte da análise do nosso objeto de estudo.

A análise sintática deve ser feita tendo em vista a enunciação, como o Círculo sugere. Nesse caso, a sintaxe seria a materialidade e a concretude linguístico-discursiva do encontro de vozes. (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2010). Volóchinov apresenta-nos esse estilo de transmissão do discurso alheio, segundo este teórico:

A sua tendência principal é a criação de contornos claros e exteriores do discurso alheio diante da fraqueza de sua individualização interior. À vista da homogeneidade total e estilística de todo o contexto (o autor e todos os seus personagens usam a mesma linguagem), o discurso alheio

alcança do ponto de vista gramatical e composicional, um isolamento máximo e uma solidez escultural. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 257-258)

Nesse aspecto, este mesmo autor denomina o estilo linear como sendo o que apresenta claramente os limites entre o discurso citante e o discurso citado, assim como colocado na citação acima. Segundo ele “[...] o discurso alheio alcança, do ponto de vista gramatical e composicional, um isolamento máximo e uma solidez escultural.” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 257). O isolamento do discurso citado, de maneira mais nítida, protege o discurso alheio das entoações próprias ao autor e conserva suas características linguísticas individuais. Nesse sentido, a utilização de recursos como os sinais de pontuação e verbos do dizer sinalizam onde cada um tem início e fim.

O estilo linear é mais propício a introduzir discursos de autoridade ou citar outros textos publicados em revistas, jornais e livros, utilizando o modelo de discurso direto ou indireto. Sobre esses discursos, é possível observar o grau de aceitabilidade ou se há refutação do pensamento do outro com mais clareza. É comum observarmos, ainda, o estilo linear em situações mais formais da linguagem.

Além disso, também é importante validar a presença do interlocutor e a finalidade de transmissão do discurso, pois de acordo com Volóchinov (2018, p. 254-255), “Entre o discurso alheio e o contexto de transmissão existem relações complexas, tensas e dinâmicas, sem as quais é impossível compreender a forma de transmissão do discurso alheio.” Dessa forma, compreendemos que é importante considerar o interlocutor, pois sabemos que a nossa relação com ele dita as formas de transmissão do discurso que se pode construir de maneira formal ou informal.

O nível de formalidade do discurso, colocado no parágrafo anterior, pode ser facilmente percebido nos enunciados quando associados aos dois estilos apresentados por Volóchinov (2018), dessa forma, podem ser caracterizados pela maneira como é citado o discurso de outrem, seriam eles: o estilo linear e o pictórico, este com inclinação maior para o discurso formal e aquele para o discurso informal.

Por outro lado, no estilo pictórico, percebemos maior assimilação entre o discurso citado e citante. Segundo Volóchinov (2018, p. 258), “A língua elabora um meio de introdução mais sutil e flexível da resposta e do comentário autoral ao discurso alheio. O contexto autoral tende a decomposição da integridade e do fechamento do discurso alheio, a sua dissolução e ao apagamento de suas fronteiras.” Neste estilo, há um esforço por romper com as estruturas fechadas e acabadas do discurso citado, assim, não percebemos

com tanta clareza os limites entre o discurso citado e o citante, pois apenas a leitura extra verbalizada pode sugerir o entrecruzamento de vozes sociais. Relativizamos esse estilo à informalidade do uso da língua. Como é colocado por Volóchinov,

Na segunda tendência da dinâmica da mútua orientação entre o discurso autoral e o alheio, percebemos processos de caráter diametralmente opostos. A língua elabora um meio de introdução mais sutil e flexível da resposta e do comentário autoral ao discurso alheio. O contexto autoral tende à decomposição da integridade e do fechamento do discurso alheio, à sua dissolução e ao apagamento de suas fronteiras. Podemos chamar esse estilo de pictórico. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 258)

Ele tende a apagar os contornos nítidos e exteriores da palavra alheia. Nesse caso, o próprio discurso é muito mais individualizado e a percepção, dos diferentes aspectos do enunciado alheio, pode ser extremamente aguçada; percebe-se não apenas o seu sentido objetual, a afirmação nele contida, mas também todas as particularidades linguísticas de sua encarnação verbal. De acordo com Volóchinov (2018, p. 258), “Essa segunda tendência comporta ainda tipos variados. O enfraquecimento ativo das fronteiras do enunciado pode partir do contexto autoral, que penetra no discurso alheio com suas entonações, humor, ironia, amor ou ódio, enlevo ou desprezo”.

Nessa tendência, o dogmatismo autoritário e racional da palavra é enfraquecido e é possível observar que as avaliações sociais que são realizadas possibilitam a percepção positiva das nuances autorais apresentadas no discurso. “Entretanto, ainda é possível um outro tipo: a dominante discursiva é transferida para o discurso alheio o qual torna-se mais forte e ativo do que o contexto autoral emoldurante e é como se começasse a dissolvê-lo” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 259). Nesse contexto, observamos que o discurso alheio tem a prevalência ideológica do discurso autoral, pois o discurso autoral toma consciência de si a partir da voz alheia.

Neste item, também havemos de colocar algumas considerações sobre o discurso bivocal, em que a tendência é o apagamento total dos contornos que destacam a palavra alheia (VOLÓCHINOV, 2018). Aqui, a voz alheia é fundida à voz que enuncia. Segundo Paulo Bezerra (2005), ancorado em (BAKHTIN 2005), diz que bivocalidade é a capacidade que tem o enunciado de abrigar outros enunciados. Assim, todas as vozes ecoam para uma única direção. Segundo Bakhtin (2005, p. 98), na mesma obra supracitada, “nesse caso estamos diante de um “falar mais direto”, não na linguagem, mas através da linguagem, através de um meio linguístico alheio e, por conseguinte da refração das intenções do autor”. Nesse sentido, as vozes do enunciado tornam-se uníssonas,

mesmo considerando que ali está impregnado de vozes alheias, de valores e de ideologias, o enunciador consegue convertê-las para um único fim, segundo suas intenções.

Além de considerarmos a discussão sobre os estilos do discurso citado e as peculiaridades do discurso bivocal, ainda é importante compreender que os padrões de percepção do discurso alheio não são estáticos, ao longo do tempo, assim como a linguagem, ele sofre modificações de acordo com as mudanças na sociedade, como afirma Volóchinov (2018, p. 253)

A percepção, por certo não ocorre diretamente nas formas do discurso direto ou indireto. Elas são apenas padrões de transmissão. Por um lado, esses padrões e suas modificações só puderam surgir e se formar em relação às tendências predominantes de percepção do discurso alheio, mas por outro, por terem se formado e estarem presentes na língua, essas formas exercem uma influência reguladora, estimuladora ou inibidora sobre o desenvolvimento das tendências de percepção avaliativa, determinando sua direção. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 253)

Conforme Volóchinov, os padrões linguísticos são colocados para nós como modelo de apresentação e de compreensão do discurso do outro em nosso discurso, porém ressalta que eles sempre serão reelaborados e regulados de acordo com a percepção valorativa e ideológica que construímos em nossas experiências sociais. De acordo com Volóchinov (2018, p. 25, grifos do autor), “As formas de transmissão do discurso alheio expressam a *relação ativa* de um enunciado com outro, não no plano temático, mas nas formas construtivas estáveis da própria língua”, pois somos sujeitos dialógicos que vivemos em constantes mudanças e as vozes sociais representam essas mudanças ao longo de nossa história. Com elas conversamos, dialogamos e atribuímos-lhes valores.

Assim, apreendemos e transmitimos, no nosso discurso, o discurso do outro. Sobre isso, na sequência abordamos os conceitos de discurso bivocal e discurso citado apresentado pelo Círculo de Bakhtin.

2.3.1 O discurso bivocal

O discurso bivocal é definido pelo Círculo de Bakhtin como recurso de assimilação do encontro das vozes sociais, em outras palavras, trata-se da incorporação da voz do outro no discurso que se apresenta. Bakhtin (2003, p. 294) nos informa que “a experiência individual discursiva de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros”.

Assim, quando relatamos um enunciado alheio dentro de um enunciado próprio, estamos realizando uma fala bivocal das palavras de outrem. Além disso, o evento da bivocalidade reflete o pensamento de que ela somente é possível porque somos seres individuais, porém com experiências sociais. Pois como afirma Volóchinov,

O enunciado alheio é percebido não por um ser mudo que não sabe falar, mas por um ser humano repleto de palavras interiores. Todas as suas vivências – assim chamado fundo de apercepção – são dadas na linguagem do seu discurso interior e é apenas assim que elas entram em contato com o discurso exterior percebido. Uma palavra entra em contato com outra palavra. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 254)

Segundo essa citação, o ser que enuncia não é desprovido de conhecimento, de voz, apenas é aquele ser que, vivendo em meio social, assimila e soma a palavra alheia às suas. Esse exercício dialógico é constante e interminável, pois para Bakhtin “toda palavra ou discurso é bivocal, ou seja, contém mais de uma voz – a minha e a do outro ou de outros -, mais de uma apreciação do mundo, e é produto de um diálogo entabulado ou presumido.” (BAKHTIN, 2005, p.243). Esse conceito esclarece-nos que o enunciado alheio, incorporado ao discurso interior, assimila não somente um tema, mas valores e ideais que juntos aos que já pré-existem e formam o discurso bivocal recriam-se. Nas palavras de Volóchinov,

Tanto a expressão da réplica, isto é, a réplica interior, quanto o comentário real se fundem naturalmente na unidade de percepção ativa e podem ser isoladas apenas de modo abstrato. Independentemente dos objetivos desse contexto, seja ele um conto literário, um artigo polêmico, o discurso de defesa do advogado etc., percebemos claramente nele ambas as tendências: o comentário real e a réplica; sendo que uma delas costuma predominar. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 254)

A réplica seria o resultado apresentado, após as vozes no discurso fundirem, tornando-se quase imperceptíveis os limites entre as vozes do enunciador e as tantas vozes que circundam seu discurso. O discurso bivocal deve ter uma única orientação, pois se trata de uma apropriação da voz alheia que se propõe a uma única orientação axiológica, implicando a diluição da voz do outro no discurso que o cita. De acordo com Bakhtin (2008, p. 223), “as palavras do outro, uma vez introduzidas na nossa fala, são revestidas inevitavelmente de algo novo, isto é, tornam-se bivocais” e acrescenta que a bivocalidade da palavra é uma “abreviatura de enunciado (isto é, se ganhar autor)”, pois sabemos que o enunciado não foi criado de maneira solitária, mas sim a partir de uma segunda voz

(BAKHTIN 2016, p. 78). No cerne da questão está a consciência de que a voz alheia é recuperada pela voz autoral e exprime os sentidos da primeira voz.

Em outras palavras, na bivocalidade acontece a assimilação das vozes do discurso alheio, porém o sentido proposto por essa fusão é novo, de acordo com Bakhtin, o fenômeno da bivocalidade

[...] serve ao mesmo tempo a dois falantes e traduz simultaneamente duas diferentes intenções: a intenção direta da personagem falante e intenção refratada do autor. Na palavra há duas vozes, dois sentidos, duas expressões. Ademais, essas duas vozes são correlacionadas fisiologicamente, como que conhecem uma a outra (como duas réplicas de um diálogo, conhecem uma a outra e são construídas nesse conhecimento recíproco), como se conversassem uma com a outra. A palavra bivocal é sempre interiormente dialogada. (BAKHTIN, 2005, p. 113)

A réplica criada, a partir da bivocalidade, recria a informação elaborada pela voz alheia ao passo que amplia voz de quem enuncia, como se as duas vozes já se conhecessem. Sobre o sentido novo a que se propõe a linguagem, Bakhtin (2005, p. 101) assim elabora seu pensamento: “Disseminam-se por essa linguagem palavras, palavrinhas, expressões, definições e epítetos contagiados por intenções alheias com as quais o autor não se solidariza até o fim e através das quais refrata suas próprias intenções”.

Assim, consideremos os três movimentos de introdução da voz do outro no discurso bivocal: o primeiro seria o movimento de assimilação das palavras alheias; o segundo é o de reelaboração, momento em que o locutor tenta relacionar dialogicamente a sua própria voz e a do outro num mesmo enunciado; e, por fim, o movimento de (re)acentuação, momento do confronto de valores e entonação entre as vozes. Dessa forma, cada sujeito cercado por seu estilo individual e posição valorativa consegue a reelaboração da palavra outra, como nos ensina Bakhtin:

[...] nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras de outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos. (BAKHTIN, 2003, p. 294-295)

Devemos considerar, dessa maneira, que a bivocalidade acontece de maneira dinâmica, pois as relações com as palavras do outro, no ato concreto da língua, podem sofrer variações de sentido a depender de seu contexto de recepção. Bakhtin (2010, p. 228)

afirma que a “inter-relação das vozes no discurso pode variar acentuadamente, o discurso orientado para um único fim pode converter-se num discurso orientado para diversos fins” e vice-versa. Podemos observar essa variação quando consideramos as diversas esferas comunicativas, assim como reconhecer que elas são relativamente estáveis.

Diante do exposto, é importante observarmos que as relações dialógicas entre as vozes sociais estabelecidas pelo processo enunciativo acontecem de acordo com as variadas situações discursivas e “podem ser infinitamente variadas em função da infinita diversidade de situações da vida em que eu e o outro nos encontramos em um dado momento” (BAKHTIN 2003, p. 23). Os encontros de enunciados, em determinada situação sociocomunicativa, são relativizados pelos gêneros discursivos nas diversas esferas da comunicação humana.

A compreensão de que os gêneros discursivos organizam nossos enunciados, alimenta nossa ideia de buscar identificar e analisar as vozes sociais que se apresentam nos artigos de opinião dos estudantes do ensino fundamental.

A seguir, apresentamos o conceito e algumas peculiaridades do discurso citado, segundo o Círculo de Bakhtin.

2.3.2 O discurso citado

Volóchinov (2018, p. 260) diz que o discurso citado é o “discurso no discurso, a enunciação na enunciação”, em outras palavras, trata-se do discurso sobre o discurso do outro ou o que se enuncia sobre as vozes alheias, assim nos orienta que “O discurso alheio é concebido pelo falante como um enunciado de *outro* sujeito, em princípio totalmente autônomo, finalizado do ponto de vista da construção e fora do contexto em questão” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 250, grifo do autor). Diferentemente do discurso bivocal, em que o discurso alheio é assimilado na voz do enunciador, aqui, a voz do outro pode ser perceptivelmente avaliada, vez que os limites entre o discurso citado e o discurso citante é sinalizado por sinais de pontuação, bem como a utilização de verbos que indicam a inserção do discurso alheio.

Sobre o estilo linear de apresentação da voz citada, Volóchinov (2018, p. 271) diz que “pode ser percebido como uma determinada posição semântica do falante e, nesse caso, a construção indireta transmite analiticamente a sua extra composição objetual

(aquilo que o falante disse).” Assim, é possível compreender as nuances do discurso alheio mesmo que inserido em outro discurso, no discurso que o cita.

Em outras palavras, o discurso citante deve assimilar o discurso alheio de forma parcial já que é impossível a compreensão total de qualquer enunciado, pois cada discurso é único e, quando exposto em contextos diferentes, adquire novas possibilidades de compreensão/interpretação, a partir disso compreendemos que o olhar ideológico e valorativo de quem toma posse do discurso alheio apresenta um ponto vista único.

Geralmente, o estilo linear transmite discursos de palavras de autoridade, discursos veiculados em jornais e revistas, como as reportagens, as notícias, os editoriais, as entrevistas e os artigos de opinião. Esses gêneros destinam-se a um grupo extenso de interlocutores, por isso as escolhas lexicais, sintáticas e semânticas devem ser criteriosas, de forma a possibilitar a diferenciação da palavra de quem é citado daquele que o cita. Segundo Volóchinov,

A língua pode tentar criar limites claros e estáveis para o discurso alheio. Nesse caso, ao protegê-los da penetração das entonações autorais, os modelos e as suas modificações seguem uma estratificação mais rígida e clara do discurso alheio, tendendo a sua síntese e ao desenvolvimento de suas particularidades linguísticas individuais. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 255)

Para este autor, as formas gramaticais do discurso direto e indireto são usadas como modelos a serem seguidos para a realização da citação do discurso alheio, pois **esse** modelo demarca os limites estabelecidos entre o discurso citado e o discurso citante, de acordo com os modelos estabelecidos linguisticamente. Porém, é necessário saber que tais modelos são elaborados e modificados de acordo com as necessidades de organização dos discursos presentes no discurso de quem o enuncia. Observamos, segundo os estudos de Volóchinov, que essas modificações dos modelos de apresentação do discurso alheio são inerentes a toda forma de expressão da língua que sempre estarão sujeitas a variações ao longo do tempo, e afirma que:

Essa dinâmica encontra sua manifestação linguística concreta nos modelos de transmissão do discurso alheio e nas modificações desses modelos, que são espécies de indicadores do desenvolvimento atingido pela língua em dado momento, bem como sua correlação de forças entre o enunciado autoral e o alheio. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 263)

Assim como as relações sociais mudam, a linguagem muda, os modelos de comunicação também mudam; a mudança é inerente a nossa vida, por isso devemos

compreender que os modelos estabelecidos em um dado momento histórico podem sofrer modificações, podem ser livres de nuances valorativas ou emocionais do discurso de origem, apenas podemos observar as mudanças na forma de apresentação do discurso alheio. Assim, é importante considerar que o modelo analítico do discurso alheio, segundo Volóchinov,

[...] manifesta-se no fato de que todos os elementos afetivos-emocionais do discurso, por serem expressos não no conteúdo, mas nas formas do enunciado, sofrem mudanças quando transpostos para o discurso indireto. Eles são transferidos da forma do discurso para seu conteúdo e apenas desse modo são introduzidos na construção indireta, ou mesmo são transferidos para a oração principal, sob a forma de comentários que orientam o verbo introdutor do discurso. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 269)

Segundo esses dizeres, Volóchinov (2018) expõe o que devemos compreender sobre esquema linguístico de apresentação do discurso alheio, através dos modelos de discursos direto ou indireto. Aqui não há mobilização ou interferência no discurso citado, pois há um distanciamento mobilizado, apenas, por avaliação ou refutação do que foi citado, entretanto o estilo pictórico, tende a possibilitar uma maior assimilação da voz alheia através do discurso indireto, de acordo com Volóchinov:

O discurso indireto “ouve” diferentemente o enunciado alheio, percebendo-o ativamente e atualizando, na sua transmissão, outros aspectos e tons sem comparação com os demais modelos. É justamente por isso que é impossível transpor direta e literalmente o enunciado dos demais modelos para o indireto. A transposição sem intermediações é possível apenas nos casos em que o enunciado direto por si só já foi construído de modo um pouco analítico, nos limites do possível no discurso direto, é claro. A análise é a alma do discurso indireto. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 270)

De acordo com a citação acima, podemos dizer que a transmissão da voz alheia pode sofrer uma maior assimilação pelo enunciador quando a opção for o discurso indireto, pois este consegue transmitir a voz alheia com as suas próprias palavras, dessa forma, há certa consideração aos valores e ideologias atribuídos aos sentidos do discurso citado, o que o autor dessa citação chama de “alma”. Essa condição só é possível porque o discurso indireto permite mais intimidade ideológica na “Reação da palavra à palavra” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 251), dessa forma, o discurso citado serve tanto de amparo ao que está sendo discutido, como participa da construção ideológica de sentidos.

Em linhas gerais, o discurso citado não anula a opinião daquele que o cita, pelo contrário, o discurso citado vem fortalecer e justificar o posicionamento de quem enuncia,

de modo que haja coerência e atitude de avaliação axiológica entre as ideias de cada um, pois quem enuncia não é um ser mudo, mas sim cheio de vozes anteriores (VOLÓCHINOV, 2018). Encontramos no discurso citado a documentação que esclarece os posicionamentos a serem transmitidos. Assim, devemos entender que ele marca, de maneira visível, a presença do outro no discurso citante, com a finalidade comunicativa de expressão e defesa de pensamentos e ideias, caracterizando o caráter heterogêneo da língua.

Portanto, é importante, antes de tudo, compreendermos que nenhuma oração, mesmo de uma só palavra, jamais pode se repetir: é sempre um novo enunciado (ainda que seja uma citação). A mesma citação em enunciados diferentes tem razão diferente para se estar naquele lugar, dessa forma, tem um novo sentido a cada novo contexto.

No próximo capítulo, descreveremos a metodologia adotada para a realização desta pesquisa.

3 METODOLOGIA

Na escola escrevemos narrações; na vida lemos notícias, relatamos nosso dia, recontamos um filme, lemos romances. [...] Na escola, dissertamos sobre um tema dado; na vida, lemos artigos de opinião, apresentamos nossa pesquisa ou relatório, escrevemos uma carta de leitor discordando de um articulista. Os gêneros de texto, ao contrário, não são classes gramaticais para classificar textos: são entidades da vida. (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 26-27).

Depois de apresentarmos nossa base teórica, é importante apresentarmos os meios que nos possibilitaram a realização da pesquisa. Desde a escolha do gênero a ser trabalhado, passando pela metodologia a ser utilizada na intervenção até os métodos e a delimitação do objeto de análise são assuntos para este capítulo.

3.1 OS GÊNEROS DISCURSIVOS

Antes de tudo, é importante considerarmos o conceito de gêneros discursivos de acordo com Bakhtin (2016), o qual defende que os gêneros discursivos têm importante papel em nossa sociedade, pois se trata da materialidade dos enunciados produzidos em situações sociocomunicativas. Para ele, os gêneros discursivos são estruturas *relativamente* estáveis que, a depender das intenções comunicativas, apresentam suas especificidades e necessidades de atualização em sua formatação.

A necessidade de atualização de um gênero acontece porque importa o fato de vivermos em constante mudança social, e, assim, da mesma forma, a linguagem e suas representações sociais também sofrem essas mudanças para que determinado gênero continue sendo necessário para uso social.

Segundo os estudos bakhtinianos, os gêneros podem ser primários e secundários. Os primários são aqueles que ocorrem na oralidade ou imitam-na, eles são mais simples e produzidos no cotidiano em situações íntimas. Já os gêneros secundários apresentam utilidade pública e são produzidos mais frequentemente na modalidade escrita, apresentando uma função mais formal com base nas tipologias textuais. Segundo Rojo e Barbosa,

[...] os tipos de texto são classes, categorias de uma gramática de texto – portanto, “uma construção teórica” – que busca classificar textos com base em suas características linguísticas (léxico, referência, sintaxe, relações lógicas de coerência e coesão, tipos e tempos dos verbos, natureza da composição). Esses tipos de texto mais conhecidos – descrição, narração, dissertação/argumentação, exposição e injunção. (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 26)

Diante do exposto, compreendemos que alguns elementos constitutivos dos gêneros não devem ser dissociados, em razão dessas mudanças ou atualizações que os gêneros discursivos devem sofrer ao longo do tempo, são eles: a forma, o tema e o estilo. Segundo Rojo e Barbosa (2015, p. 87) “os temas de um texto ou enunciado se realizam somente a partir de certo estilo e de uma forma de composição específica.” E, portanto, não podem ser dissociados, eles são construídos a partir de elementos que compõem a temática, a estilística e a composição do que pretende ser enunciado. Compreendemos, assim, que apesar do dinamismo dos gêneros discursivos esses elementos não podem ser modificados, pois guardam a essência do gênero.

De acordo com Bakhtin,

[...] os gêneros do discurso vão se transformando, modificando-se de acordo com o espaço e o tempo em que estão situados. Tendo em vista que tais gêneros possuem elementos temáticos, estilísticos e composicionais de enunciados, que se formam sócio-historicamente a partir de situações da vida cotidiana, se estabilizando de acordo com as regularidades existentes nos gêneros e com as especificidades de cada campo discursivo ao qual pertencem. (BAKHTIN, 2003, p. 59)

Seguindo esse dinamismo indicado por esse teórico sobre a estruturação da linguagem, os elementos temáticos que definem a especificidade de cada gênero são definidos a partir dos usos em sociedade. Entendemos, então, que o tema trata do sentido expresso pelo gênero. Para Bakhtin (2003, p. 281), “as esferas sociais produzem enunciados com seus temas específicos, ou seja, que lhes são próprios.” O tema é o que se fala no enunciado, vinculado à situação comunicativa em que foi criado. Assim, entendemos que cada enunciado tem orientação específica para as finalidades discursivas de cada esfera social.

O outro elemento citado acima, que constitui um gênero discursivo, é a composicionalidade do texto. Para Bakhtin (2003, p. 266), as unidades composicionais são determinadas como “tipos de construção do conjunto, de tipos de seu acabamento, de tipos

de relação do falante com os outros participantes da comunicação discursiva”. Em outras palavras, trata-se da forma como se apresenta o texto.

Quanto ao terceiro elemento citado, o estilo se define como a seleção de meios linguísticos, (lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua) em função da imagem do interlocutor e de como se presume sua compreensão responsiva ativa. De acordo com Bakhtin (2003, p. 268), “onde há estilo há gênero. A passagem do estilo de um gênero para outro não só modifica o som do estilo nas condições do gênero que não lhe é próprio como destrói ou renova tal gênero”. Assim, compreendemos que o estilo é dinâmico, se ele muda, o gênero também muda ou apenas se renova, porque o estilo é inerente ao gênero.

Diante do exposto, concluímos que os gêneros do discurso têm importante papel em nossa sociedade, pois ele é a materialidade dos enunciados produzidos em situações sociocomunicativas.

A seguir, discutiremos a abordagem dos gêneros discursivos em sala de aula com o intuito de situar o espaço de discussão em torno do ensino de gêneros.

3.1.1 Os gêneros discursivos em sala de aula

A função social a que se refere cada gênero denota a importância do estudo com os gêneros discursivos na sala de aula, porém ainda é limitado o trabalho com os gêneros em sala de aula (MARCUSCHI, 2008). Na realidade escolar existem algumas questões que dificultam o trabalho com os gêneros discursivos, que vão além da falta de recursos físicos e materiais. Segundo Bezerra,

[...] herdeiros que somos de uma tradição de estudo do ensino do texto como categoria abstrata e difusa, centrada no conceito de tipos ou sequências textuais, depois de quase duas décadas de discussões mais intensas sobre gêneros, ainda deparamos com certas confusões em sua conceituação. (BEZERRA, 2017. P. 35)

Em outras palavras, mesmo reconhecendo que a importância de se estudar os gêneros discursivos na escola não é novidade, ainda existem profissionais da área da educação que os compreendem de maneira superficial e até equivocada, pois para muitos estudar sobre o assunto é algo repetitivo, como se todos já estivessem prontos desde a graduação para tratar de qualquer gênero discursivo. Ledo engano, pois cada gênero apresenta suas peculiaridades e pode modificar-se, adaptar-se de acordo com as necessidades de comunicação humana. A esse respeito, Brait diz que

[...] o maior ensinamento de Bakhtin [é] a atitude diante da linguagem que consiste não na aplicação de conceitos pré-estabelecidos a um corpus imobilizado pelas lupas do analista, mas numa atitude dialógica que permite que os conceitos sejam extraídos do corpus, a partir de um constante diálogo entre a postura teórico-metodológica e a dinâmica das atividades, da linguagem e da rica parceria por elas estabelecida. (BRAIT, 2007, p. 28)

No intuito de diminuir os problemas dessa falta de compreensão sobre os gêneros discursivos, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), documento que tem grande influência na formação de profissionais da educação, dinamizaram os estudos dos gêneros no Brasil, nas últimas duas décadas. Essa influência foi positiva no sentido de introduzir, em materiais didáticos, o estudo dos gêneros, apresentando uma série de textos veiculados nas mais diversas esferas da comunicação. Entretanto, devemos ser realistas e entender que, embora fosse positiva essa introdução, sabemos que havia poucos estudos naquele momento sobre o trabalho em sala de aula com os gêneros e pouca apropriação por parte dos próprios estudiosos.

Atualmente, temos a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017), um documento que determina os conhecimentos e as habilidades essenciais que todos os alunos e alunas têm o direito de aprender, também nos orienta sobre as metodologias de ensino de forma específica a cada área do conhecimento. Aqui, enfatizando as aulas de produção textual, observamos, nesse documento, a orientação para se trabalhar os gêneros do discurso em sala de aula. Para o documento, garantir a apropriação por parte dos alunos das práticas comunicativas presentes na sociedade, é imprescindível e possível a partir de um trabalho progressivo e aprofundado com os gêneros, tanto com os que os alunos estão familiarizados quanto com os novos, pois eles se complementam.

Com base no exposto, entendemos que o estudo dos gêneros discursivos é importante no meio escolar porque, de acordo com Marcuschi (2008, p. 149), os gêneros são “formas de ação social”, ou seja, desde qualquer atividade diária até a produção de artigos científicos, os gêneros organizam e estilizam as diversas esferas da comunicação para que sejamos compreendidos pelo outro, pois quando compreendemos um gênero, estamos conscientes de que o ato da linguagem pode realizar objetivos nas diversas situações sociais que envolva o ato da comunicação.

“Mas existe um gênero ideal a ser tratado em sala de aula?”, Marcuschi (2008, p. 206) faz esse questionamento. Usamos os gêneros a todo o momento em que usamos a linguagem e compreendendo que não é simples aprender alguns gêneros de forma natural,

faz-se necessário, principalmente para a aprendizagem dos gêneros mais formais, que a escola proponha atividades que aproximem os estudantes deles.

Porém, não há resposta precisa para a indagação de supracitada. Não se pode decidir qual gênero discursivo é ideal de maneira universal. “Mas é provável que se possam identificar gêneros com dificuldades progressivas, do nível menos formal ao mais formal, do mais privado ao mais público e assim por diante.” (MARCUSCHI, 2008, p. 207). O importante é propor aulas em que os estudantes vivenciem situações cotidianas e situações formais, seguindo os pressupostos de Bakhtin e de seu Circulo.

Desse modo, é pertinente pensar no trabalho com gêneros discursivos como sendo uma mola propulsora para o pleno desenvolvimento das competências e habilidades necessárias à produção escrita, considerando - segundo visão bakhtiniana - que o texto não só reflete o mundo, mas refrata-o na medida em que amplia ou modifica maneiras de pensar ou agir no mundo caracterizando o viés dialógico da linguagem.

Segundo Marchuschi,

[...] a razão é simples, pois desenvolver um texto escrito é fazer às vezes de um falante e do ouvinte simuladamente. Mesmo que o texto escrito desenvolva um uso linguístico interativo não do tipo comunicação face a face, deve, contudo, preservar os papéis que cabem ao escritor e ao leitor para cumprir sua função, sob pena de não ser comunicativo. (MARCHUSCHI, 2008, p. 58)

A partir dessa discussão, estabelecemos a ideia de que as situações de produção e recepção devem ser sempre consideradas, pois a comunicação é imprevisível justamente porque temos um enunciado que se concretiza em suas intenções e que é posto em confronto com um segundo sujeito e suas particularidades. E foi nessa perspectiva que organizamos a sequência didática sobre o artigo de opinião, já que se trata de um gênero formal, com estrutura composicional mais complexa. Pensamos que o modelo de organização do estudo dos gêneros sugeridos por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) orienta de maneira gradativa o estudante do gênero discursivo em estudo.

Portanto, trabalhar com os gêneros discursivos, a partir de uma sequência didática, permite-nos (re)conhecer as capacidades de compreensão e de produção que os estudantes têm acerca das produções de determinados textos, considerando suas experiências pessoais e estudantis, pois nossa comunicação verbal dá-se através de gêneros (MARCUSCHI, 2008,).

Assim, a nossa sala de aula deve estar em sintonia com as propostas de atividades escritas, baseadas em contextos de compreensão dos gêneros discursivos, de maneira a proporcionar o uso da linguagem nos diversos contextos sociais de atividade sociocomunicativa.

Trataremos, a seguir, sobre o gênero artigo de opinião.

3.1.2 O artigo de opinião

O artigo de opinião pertence à ordem do argumentar, pois nele interessa mais argumentar para defender um posicionamento, do que o simples fato de narrar ou descrever acontecimento. Conforme Rodrigues (2007), esse gênero não está interessado em narrar acontecimentos sociais, mas sim em analisá-los e apresentar pontos de vista. Além disso, observamos como característica composicional mais importante desse gênero discursivo a defesa do ponto de vista, partindo do cruzamento das vozes que circulam no meio social.

Esse gênero nasce da necessidade de opinar sobre um fato polêmico e atual, levando em consideração as tantas vozes participantes. Segundo Cunha (2002, p. 179), “o artigo de opinião é constituído de outros discursos sobre os fatos comentados e de antecipação das objeções do leitor, para fazer aderir ao seu ponto de vista e para criticar os outros com os quais mantém uma relação de conflito”. Esse encontro de diversas vozes em artigos de opinião fortalece a argumentação na defesa de um ponto de vista, já que coloca o articulista em meio a um debate de vozes que podem estar a favor do seu posicionamento ou contrário a ele, prova que o autor não está debatendo um assunto sem importância, mas que existe realmente uma problemática envolvendo o lugar onde vive.

Dessa forma, o articulista desenvolve o seu projeto de dizer, a partir da reflexão sobre o seu leitor. Ele se questiona sobre o seu posicionamento para refutá-lo assumindo uma posição responsiva. Essa atitude é importante tendo em vista que os artigos figuram as páginas dos jornais e das revistas que objetivam emitir opiniões sobre os mais diversos assuntos polêmicos que circulam em sociedade.

O seu contexto de produção leva-nos a perceber a estabilidade relativa do gênero, pois o enunciador é encarregado de apresentar seu ponto de vista embasado no emaranhado de vozes sociais. O assunto, responsável por fazer com que a produção do artigo seja possível, apresenta características polêmicas porque sobre ele as vozes entram em choque

ideológico e, por último, a finalidade comunicativa que permite a criação desse gênero discursivo.

Portanto, compreendemos que o artigo de opinião é constituído pelo debate entre as vozes que participam e discutem o tema abordado. As vozes por trás do articulista demonstram que o assunto é real e que merece ser debatido, além de sustentar o ponto de vista apresentado. Essas vozes contemplam, de certa forma, a mais importante das características composicionais porque dá sustentação ao debate. Assim, o processo dialógico de relação entre as vozes sustenta o ponto de vista do articulista.

Investigar vozes não é simples, já que elas povoam todos os enunciados que circulam por meio da linguagem. O artigo de opinião, em particular, tem, em sua estrutura, a necessidade articulada de exposição dessas vozes. Em outras palavras, sugere o uso consciente das vozes que circulam em favor da defesa de um ponto de vista.

Assim, o artigo de opinião tem o propósito de observar posicionamentos e vozes que sustentam a argumentação em defesa de um ponto de vista. Nesta esfera discursiva, podemos observar que a voz do articulista deve estar atrelada a outras vozes sociais, esta peculiaridade mostra-nos, de maneira explícita, como o posicionamento do articulista aparece em cada texto como enunciado único. Conforme Bakhtin, cada enunciado nasce de outro anteriormente construído,

o dado e o criado no enunciado verbalizado. O enunciado nunca é apenas um reflexo, uma expressão de algo já existente fora dele, dado e acabado. Ele sempre cria algo que não existia antes dele, absolutamente novo e singular e que ademais, tem relação com o valor (com a verdade, com a bondade, com a beleza, etc.). Contudo, alguma coisa criada é sempre criada a partir de algo dado. (Bakhtin, 2016, p. 95)

Essa compreensão de que os enunciados não são únicos ou isolados, favorecem a consciência de que a produção dos estudantes participantes dessa pesquisa apresenta suas próprias vozes entrelaçadas a outras vozes que rodeiam o ambiente em que vivem.

Dessa forma, pensando em como o gênero artigo de opinião pode ser construído, na sala de aula, a partir da vivência dos alunos em situações comunicativas de produção textual de artigos de opinião, elaboramos essa pesquisa e detalhamos melhor nos tópicos seguintes.

3.2 A CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa apresenta análise de natureza descritiva e interpretativa, segundo Yin (2016, p. 10), “a condição inicial deriva do desejo da pesquisa qualitativa de capturar o significado dos eventos da vida real, da perspectiva dos participantes de um estudo.” Entendemos, assim, a importância dessa abordagem para a investigação de situações questionáveis, já que pesquisar produções dos alunos enquadra-se nesses termos.

Entendemos esse estudo “como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação” (OLIVEIRA, 2007, p. 37). Buscamos refletir sobre o nosso *corpus* considerando a situação de produção e o sujeito envolvido no processo da realização da sequência didática.

É importante, ainda, defini-la como uma pesquisa-ação, pois o investigador também é o professor da turma em que realizou a proposta de intervenção. Trata-se de uma tentativa de intervir num problema social (OLIVEIRA, 2007, p. 74). Por isso a pesquisa-ação sugere que seja estabelecido um compromisso do pesquisador com a comunidade pesquisada. Propomo-nos, então, à investigação das produções de artigos de opinião, dos alunos do 9º ano, do ensino fundamental, a partir do desenvolvimento de uma sequência didática.

Acrescente-se à ideia dessa pesquisa, a sua orientação política, pois ouvir as vozes dos nossos estudantes, é ouvir as vozes dos que não são ouvidos. Moita Lopes (2009) coloca que essas vozes são excluídas e que é importante criar condições políticas para que o aluno seja ouvido. No meio acadêmico, é comum estudos na área de humanas que enfatizem temáticas parecidas com esta, porém é preciso expandir esses estudos para que os professores do ensino básico tenham a consciência dialógica de estudo da linguagem e busquem uma postura mais politizada diante das suas atribuições pedagógicas.

A seguir, serão apresentados os componentes essenciais desta pesquisa, os participantes. Afirmando aqui a participação desses que também são a principal motivação deste estudo

3.3 OS COLABORADORES DA PESQUISA

A presente pesquisa foi realizada em uma turma do 9º ano “A” do Ensino Fundamental - ano letivo 2019. A turma contava com a frequência de 28 alunos no turno

matutino. Na turma, os estudantes tinham idade entre 14 e 15 anos. Não havia distorção idade/série, ou seja, os estudantes não repetiram de série e nem foram desistentes em anos anteriores. Do total de estudantes, 19 tinham residência na zona rural e 11 na zona urbana do município de Luís Gomes-RN. Tiveram sua vida escolar, até então, somente em escola pública. Não se percebia, por fim, diferenças financeiras e de comportamento muito discrepantes.

Também é importante ressaltar que o município de Luís Gomes-RN tem um grande número de habitantes residindo na zona rural. Não são poucos os alunos que utilizam o transporte escolar, enfrentando diariamente uma viagem cansativa e perigosa, já que as estradas que ligam as comunidades rurais ao centro urbano são esburacadas e formadas por muitas ladeiras, pois moramos em uma serra com altitude de 640 metros com relação ao nível do mar. Fatores como este, interferem tanto na frequência quanto no desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes, que muitas vezes se negam a realizar algumas tarefas ou, em caso extremo, desistem dos estudos.

A intervenção, pré-requisito do curso de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), instruía para que a pesquisa fosse realizada na nossa própria sala de aula. No caso, a professora, também era pesquisadora. Acreditamos que conhecer essa realidade ajudou-nos na construção do *corpus*, já que a investigação partiu de um problema observado na turma supracitada e que motivou, de forma mais consciente, a escolha da sequência didática.

No item a seguir, apresentamos a proposta de intervenção realizada como atividade de pesquisa obrigatória do curso de Mestrado Profissional em Letras, PROFLETRAS.

3.4 A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

A reflexão sobre os problemas que afligem as aulas de produção escrita, na escola, foi necessária para que observássemos quais eram as necessidades de aprendizagem dos nossos alunos, para tanto, tivemos que estudar e pesquisar métodos de ensino que nos dessem o suporte teórico e metodológico necessário para contribuirmos tanto com a melhoria da aprendizagem dos estudantes quanto com o investimento em novos conhecimentos para a valorização da nossa própria carreira de professor de língua portuguesa.

Antes de apresentarmos a sequência didática - trabalho desenvolvido na intervenção - é importante refletirmos sobre o ensino de produção textual na escola, pois esses temas, que vêm sendo estudados e debatidos por especialistas e professores de língua portuguesa há um tempo considerável, ainda nos preocupa. Essa preocupação existe porque vemos serem lançadas “propostas enfadonhas e sem propósito social real que fazem os estudantes sentirem-se martirizados” em aulas de produção textual, como afirma Geraldi:

[...] o exercício de redação, na escola, tem sido um martírio não só para os alunos, mas também para os professores. [...] Antes de mais nada, é preciso lembrar que a produção de textos na escola foge totalmente ao sentido do uso da língua: os alunos escrevem para o professor (único leitor, quando ler o texto). A situação de emprego da língua é, pois, artificial. Afinal qual a graça em escrever um livro que não vai ser lido por ninguém ou que será lido apenas por uma pessoa (que por sinal corrigirá o texto e dará nota para ele)? (GERALDI, 1997, p. 65)

Em concordância ao que expôs Geraldi (1997), compreendemos o texto como sendo instrumento verbal de interação social e, considerando a materialidade da linguagem sob a ótica dialógica do discurso, fica claro que a escola tem a missão de ensinar a escrever sob a concepção de que, não apenas aspectos formais são importantes, mas também os aspectos comunicativos do texto têm fundamental importância nas aulas de produção escrita.

Diante do problema exposto, sentimos a necessidade de ancorarmo-nos à concepção dialógica da linguagem e pensar no trabalho com gêneros discursivos como sendo *mola propulsora* para o pleno desenvolvimento das competências e das habilidades necessárias à produção escrita considerando, segundo a visão bakhtiniana, que o texto não reflete o mundo, mas refrata-o na medida em que amplia ou modifica maneiras de pensar ou de agir no mundo caracterizando o viés dialógico da linguagem.

Assim, para a execução da nossa intervenção, organizamos uma sequência didática utilizando o material norteador da Olimpíada de Língua Portuguesa (OLP) - caderno de artigo de opinião. Uma vez que entendemos que escrever sugere a capacidade de atuar com consciência, considerando qual é a situação de produção, para quem é escrito o artigo de opinião, com qual finalidade e como ele irá circular na sociedade, tais fatores nos proporcionam uma metodologia de ensino coerente com esse pensamento dialógico.

A proposta de atividades do material da OLP é a mobilidade de escolha das atividades ofertadas ao professor que, a partir de uma primeira produção, para avaliação inicial da turma, tem a possibilidade de escolher quais das oficinas serão necessárias para o

desempenho dos alunos. Essa é, sem dúvida, uma abertura que possibilita a realização de uma sequência didática eficiente.

Assim, em cada atividade sugerida, os alunos entraram em contato com textos dos gêneros que circularam em jornais e revistas, como artigos de opinião, reportagens e notícias, e lhes eram sugeridas algumas reflexões de maneira direcionada sobre o que fora lido. O sucesso das aulas com esse material expressa-se em como ele apresenta questões polêmicas do nosso cotidiano. Essas questões são colocadas como forma de estabelecer debates para a busca coletiva por resposta sendo, portanto, “do pleno exercício da cidadania” (OLP, 2019, p. 17). Assim, é possível uma aprendizagem crítica, progressiva e autônoma.

Com base na problemática apresentada, a nossa proposta de intervenção teve como objetivo geral:

- Estimular a produção escrita do gênero artigo de opinião no 9º ano do ensino fundamental reconhecendo, assim, as peculiaridades composicionais do gênero, bem como identificando as vozes que permeiam o uso social da língua.

Seguindo a orientação do objetivo geral exposto acima, elaboramos os nossos objetivos específicos. Foram eles:

- Ler, compreender e analisar textos de variados gêneros jornalísticos;
- Confrontar opiniões e pontos de vista sobre temas polêmicos;
- Identificar a mobilização das vozes sociais na produção escrita do artigo de opinião; e,
- Estimular a prática de atividades que favoreçam a construção argumentativa segundo o ponto de vista abordado.

A partir dos nossos objetivos, planejamos as aulas com base no método de sequência didática. No próximo item, faremos a exposição do nosso trabalho interventivo com o gênero discursivo artigo de opinião.

3.5 A SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Como já foi definida anteriormente, a sequência didática trata-se da organização de um conjunto de atividades em formato de módulos, nos quais, de forma gradual, vão sendo apresentadas as convenções do gênero estudado (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004). Com base nesses autores, o método de aprendizagem em questão é utilizado para a

realização da OLP por se tratar de uma maneira sociointerativa de ensino a que se propõe o evento. O material apresenta um gênero diferente para cada ano/série escolar. E, apesar do gênero artigo de opinião ser destinado às 2ª e 3ª séries do ensino médio, utilizamos esse caderno para nossa intervenção. Por isso, devemos explicar que não realizamos todas as atividades propostas. As atividades foram resumidas em seis módulos, de acordo com a avaliação da turma feita na aula de apresentação.

Como produto dessa intervenção, resolvemos produzir um livro a partir da coletânea dos textos produzidos durante as aulas. Intitulado “Coletânea de Vozes”, o livro é constituído pelos artigos de opinião escritos pelos estudantes da turma, mesmo aqueles textos que não compuseram o *corpus* da pesquisa, puderam ser revistos e reescritos posteriormente em encontros individuais. Resolvemos publicá-los no formato de livro digital, pois os textos poderiam ser lidos por mais pessoas.

As atividades realizadas estão anexadas ao final deste trabalho. Cada módulo selecionado foi trabalhado de maneira minuciosa. Houve participação significativa da turma. Ao final da aplicação da sequência, pudemos observar que os alunos reconheciam, com facilidade, o artigo de opinião e, mesmo diante da dificuldade de escrita, percebemos, a partir das produções que houve aprendizagem, já que todos os textos apresentaram nuances dos conteúdos estudados. E, mesmo que alguns não tenham conseguido escrever um artigo de opinião com todas as características composicionais estudadas, percebemos que eles apresentaram o assunto, o debate e as vozes. É possível entendermos, de forma sintética, como se organizou esta sequência didática no quadro abaixo:

Quadro 1: Sequência Didática da Proposta Interventiva

AULA DE APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA PARA ADESÃO DA TURMA

(Ver detalhamento no anexo 1)

Duração: 2h/a

Objetivos: *Apresentar a proposta; instruir sobre o gênero Artigo de Opinião; e, sugerir a primeira produção.*

Módulo 1

COMPREENDENDO O GÊNERO

(Ver detalhamento no anexo 2)

Duração: 2h/a

Objetivos: *Ler artigos de opinião; e, conhecer as características principais deste gênero discursivo.*

Módulo 2

QUESTÃO DE POSIÇÃO E ARGUMENTOS

(Ver detalhamento no anexo 3)

Duração: 2h/a

Objetivos: *Reconhecer questões polêmicas; analisar a argumentação do autor; e, construir argumentos para defender uma tese (1ª produção escrita).*

Módulo 3

VOZES PRESENTES NO ARTIGO DE OPINIÃO

(Ver detalhamento no anexo 4)

Duração: 2h/a

Objetivo: *Identificar vozes, ou seja, as diferentes posições a respeito de um assunto com o qual o articulista interage.*

Módulo 4

PESQUISAR PARA ESCREVER

(Ver detalhamento no anexo 5)

Duração: 2h/a

Objetivos: *buscar informações sobre a questão polêmica; relacionar informações; e, socializar resultados de pesquisa.*

Módulo 5

ENFIM, O ARTIGO

(Ver detalhamento no anexo 6)

Duração: 2h/a

Objetivo: *Escrever individualmente um artigo de opinião (2ª produção escrita).*

Módulo 6

REVISÃO FINAL

(Ver detalhamento no anexo 7)

Duração: 4h/a

Objetivo: *Revisar e melhorar o texto individual.*

Fonte: Elaborado pela autora a partir do caderno (artigo de opinião) da OLP, 2019.

A seguir, apresentamos os critérios estabelecidos para a delimitação do *corpus*, assim como esclarecemos sobre a escolha das categorias e subcategorias de análise.

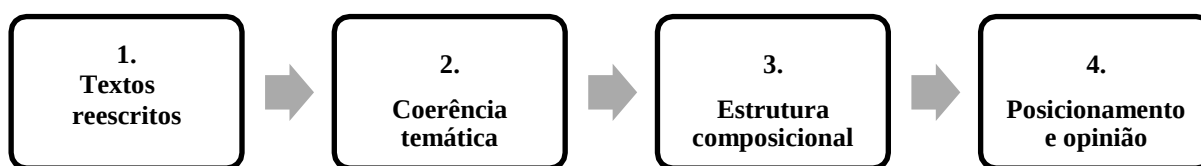
3.6 A CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* E AS CATEGORIAS DE ANÁLISE

Para respondermos as questões de pesquisa e atingirmos os nossos objetivos apresentados, observamos vinte e quatro textos escritos por alunos do 9º ano do ensino fundamental, de uma escola pública municipal, da cidade de Luís Gomes-RN, no ano de 2019. Os textos foram produzidos durante a aplicação de uma sequência didática apoiada no caderno Artigo de Opinião da OLP 2019.

Depois das produções prontas e entregues, do total de estudantes matriculados na série, 24 alunos entregaram seus textos. Desses, apenas 17 participaram da reescrita. Observamos, na sequência, que nem todos consideraram as orientações para reescrita, devolvendo os textos ainda com necessidades de ajustes e acréscimo de ideias. Desses textos, apenas doze apresentaram coerência temática no desenvolvimento dos parágrafos. O próximo passo foi observar aqueles que apresentavam a estrutura composicional de um artigo de opinião, restando-nos, por fim, nove produções. Porém, dessas produções restantes, três artigos apresentavam apenas narração e descrição de fatos, os quais foram retirados do *corpus*. Portanto, as seis produções que se adequaram a todos os critérios pré-estabelecidos formaram o nosso *corpus*.

A seguir, podemos observar o passo a passo dessa seleção:

Fluxograma 1: Critérios utilizados para a Seleção dos Artigos de Opinião



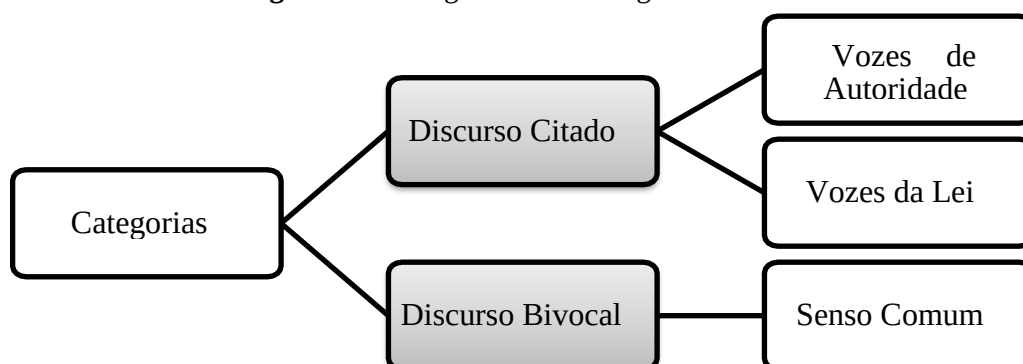
Fonte: Elaborado pela autora.

Concluída esta etapa, ao entrarmos em contato com o *corpus*, pudemos perceber, de maneira concreta, o que Bakhtin quis dizer com a palavra *semialheia*, a relação dialógica do “eu com o outro e do outro com o eu”, sugerindo assim, a apresentação das vozes em constante diálogo através do discurso citado e do discurso bivocal.

Nos textos, podemos observar algumas vozes sociais que compõem o posicionamento e os valores dos sujeitos pesquisados. Conseguimos identificar, portanto, uma variedade de vozes e as organizamos conforme duas categorias: discurso bivocal e discurso citado. Depois, pudemos observar que as vozes referentes ao discurso bivocal eram as vozes do senso comum, como a voz da justiça, dos pais, dos estudantes e de pessoas da comunidade rural. Já as vozes referentes ao discurso citado foram vozes de autoridade, como citações de especialistas, trechos de pesquisas, de reportagens, da mídia e, também, vozes de documentos oficiais (as leis).

A seleção das subcategorias foi possível a partir da observação da representatividade de cada uma das vozes identificadas no *corpus*, pois como sabemos, na língua, os enunciados são reflexos e refrações do que já ouvimos anteriormente, bem como das nossas próprias experiências. Vejamos abaixo como foram organizadas as nossas subcategorias:

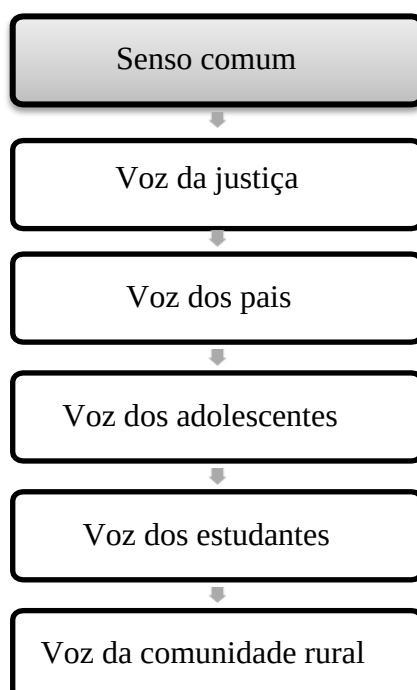
Fluxograma 2: Categorias e Subcategorias de Análise



Fonte: Elaborado pela autora.

Na representação acima, podemos observar que as categorias escolhidas para análise dos artigos de opinião foram o discurso citado e discurso bivocal, como já colocado anteriormente. O discurso bivocal é representado pela subcategoria: senso comum. Já o discurso citado apresenta-se, nos textos em análise, sob duas subcategorias: Vozes de autoridade e Vozes da lei.

No que diz respeito à subcategoria relacionada ao senso comum, ela foi organizada de acordo com o fluxograma abaixo:



Fluxograma 3: Detalhamento da Subcategoria de Análise Senso Comum

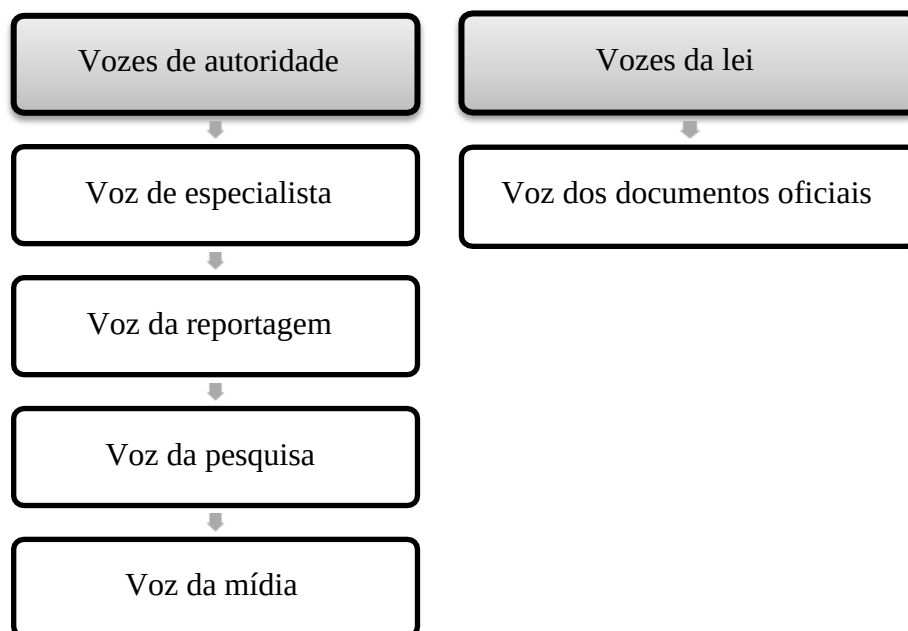
Fonte: Elaborado pela autora

Nessa subcategoria, foi possível observar a presença da voz da justiça (vozes que expressam as reivindicações por respeito aos direitos humanos, nos momentos cotidianos, através do conhecimento de mundo, sem se apoiar em documentos oficiais que apresentam as leis), da voz dos pais, dos adolescentes e dos estudantes, assim como da comunidade rural dentro da categoria de discurso bivocal. Essas vozes foram identificadas a partir da análise criteriosa dos posicionamentos e argumentos apresentados, pelos alunos articulistas, na apresentação da polêmica em debate.

Na categoria discurso citado, identificamos as vozes citadas nos artigos de opinião, apesar de apresentarem algumas dificuldades com relação ao conhecimento dos modelos de transmissão do discurso alheio (discurso direto e indireto). Na sequência,

apresentamos o detalhamento das subcategorias de análise do discurso citado.

Fluxograma 4: Detalhamento das Subcategorias Vozes de Autoridade e Vozes da Lei



Fonte: Elaborado pela autora

No fluxograma 4 acima, fizemos o detalhamento das vozes mais observadas no *corpus* e transmitidas a partir do discurso citado. As vozes de autoridade apresentaram-se através de citações de especialistas ou trechos de reportagem, bem como pesquisa ou das vozes da mídia. As vozes da lei apresentaram-se através de citação de documentos oficiais como, por exemplo, a lei Maria da Penha.

Conhecendo o percurso de análise do *corpus*, passemos, a seguir, para o capítulo de análise e interpretação dos dados mediante as categorias previamente elencadas.

4 AS VOZES PRESENTES NOS ARTIGOS DE OPINIÃO

A compreensão não repete nem dubla o falante, ela cria sua própria concepção, seu próprio conteúdo; cada falante e cada compreendedor permanece em seu próprio mundo; a palavra faculta apenas o direcionamento, o vértice do cone (BAKHTIN, 2016, p. 113)

A irrepetibilidade e o ineditismo do enunciado são aspectos que alicerçam nossas análises neste capítulo. Portanto, amparados em Bakhtin (2016), analisaremos a palavra outra nos artigos de opinião, objetos de análise desta pesquisa.

Neste capítulo, apresentamos a análise dos seis artigos de opinião produzidos por alunos do 9º ano, do ensino fundamental, da cidade de Luís Gomes-RN. Anteriormente a esse momento, realizamos a análise de cada um dos artigos e os organizamos de acordo com as seguintes categorias: discurso bivocal e discurso citado, assim como, com as subcategorias apresentadas no capítulo anterior. Achamos por bem fazer dessa forma tendo em vista a diversidade das temáticas apresentadas.

Antes de iniciarmos as análises, faz-se necessário dizer que os textos foram considerados nas suas formas de origem, sem correções ou cortes. Aqui os tratamos como enunciados concretos e irrepetíveis, considerando o contexto social e individual de cada um deles.

4.1 O DISCURSO BIVOCAL

Optamos por organizar este tópico de análise em seis subtópicos apresentados com o título referente a cada artigo que compõe o *corpus*, pois registramos a identificação do discurso bivocal em todos os artigos analisados e, para que fosse de fácil compreensão, em cada análise, seguimos o mesmo caminho de discussão: apresentamos o assunto debatido, destacamos e procedemos, primeiramente, com a análise descritiva dos excertos, com as vozes identificadas e, em seguida, elaboramos a nossa análise interpretativa de acordo com a teoria do Círculo de Bakhtin.

4.1.1 Menores de 18 anos podem frequentar festas noturnas sozinhos?

No Anexo 8 – Artigo de Opinião 1 intitulado “MENORES DE 18 ANOS PODEM FREQUENTAR CASAS NOTURNAS SOZINHOS?”, o assunto polêmico discorreu sobre

a possibilidade de jovens, menores de idade, frequentarem festas noturnas. A polêmica apresentou o embate de vozes gerado pelo confronto ideológico existente entre os adolescentes e seus pais. Assim, o ponto de vista defendido pelo articulista é carregado das vozes de outros adolescentes, menores de idade, que anseiam pela possibilidade de frequentarem esses ambientes e das vozes dos pais que zelam pela segurança dos filhos.

Na primeira linha do texto, as duas vozes aparecem: a dos adolescentes e a dos pais, conforme observado abaixo:

“Menores de 18 anos podem sim frequentar festas noturnas sozinhos tendo em vista que não devem consumir bebidas alcoólicas ou ingerir bebidas de outro copo.”

Neste trecho, percebemos o discurso bivocal, pois o eu apropria-se dos discursos alheios de maneira que não deixam transparecer os limites entre as duas vozes. Ou seja, quando o articulista afirma: “Menores de 18 anos podem sim frequentar festas noturnas sozinhos [...]”, constatamos a réplica da voz dos adolescentes. Compreendemos, então, que o “sim” enfatiza a espera por esta concessão por parte de seus pais.

Na sequência, observamos a réplica da voz dos pais quando aconselham seus filhos para que não consumam bebidas alcoólicas: “[...] tendo em vista que não devem consumir bebidas alcoólicas ou ingerir bebidas de outro copo.” Nesse fragmento, a voz dos pais ao fundir-se com a voz do articulista perde o formato de conselho ou advertência para expressar-se no tom de acolhimento e afirmação a fim de conquistarem a permissão de frequentar tais festas.

Partindo do pressuposto de que o processo bivocal é, essencialmente, dialógico (Bakhtin, 2003), quando o sujeito discursivo (articulista) apropria-se do discurso alheio, percebemos que este sujeito orienta-se axiologicamente de acordo com sua formação familiar e, talvez, religiosa. Desse processo de tensão, emergem posições hierárquicas (discurso formativo do pai para o filho) sobre o outro e sobre o discurso do outro, especialmente quando o articulista afirma que “não devem consumir bebidas alcoólicas ou ingerir bebidas de outro copo”. Tal bivocalidade é reafirmada nos trechos seguintes deste artigo de opinião.

No terceiro parágrafo, o discurso bivocal é percebido nas três primeiras linhas.

“Os pais se preocupa com os filhos ao sair para uma festa por medo porque não sabe o que lá seus filhos irá fazer. Então em casa os pais torna a desconfiar que o filho va beber ou consumir drogas.”

Novamente, a réplica expressa a relação de conflito existente entre a concepção dos pais com relação ao comportamento dos filhos adolescentes, fora de casa, e os filhos, por sua vez, já esperam que não lhes seja dada a confiança para saírem de casa à noite.

Quando o articulista diz que “Os pais se preocupa com os filhos ao sair para uma festa por medo porque não sabe o que lá seus filhos irá fazer [...]” fica evidente que o medo nega a confiança que poderia fazer parte da relação entre pais e filhos adolescentes.

No último parágrafo, o articulista reafirma o seu ponto de vista exposto no primeiro parágrafo quando diz:

“Portanto os jovens menores de 18 anos podem sim ir a festas noturnas, tendo a consciência que não deverão ingerir bebidas ou drogas e ao sair de casa deve ter a responsabilidade de garantir que a festa será com a segurança que merece.”

Além de reafirmar seu ponto de vista inicial, observamos, no trecho supracitado, mais um exemplo da voz do senso comum a ser expressa, a partir do discurso bivocal, visto que o articulista não cita, de forma explícita, a voz dos pais, mas assimila, o discurso deles no seu próprio discurso e fá-lo em forma de conselho, tomando a posição de pessoa responsável.

O próprio adolescente demonstrou compreender o medo e a insegurança daqueles que resistem em permitir que os seus filhos saiam da segurança de sua casa para uma festa à noite. Ele reforça, contudo, o conselho recebido pelos mesmos, os quais, em atitudes de responsabilidade, repetem esse tipo de conversa tanto quanto achem necessário, fazem parte do cotidiano familiar.

Por fim, segue abaixo a análise interpretativa do discurso bivocal e de suas subcategorias, de acordo com os três movimentos de assimilação da voz alheia, segundo Bakhtin (2003):

1. Assimilação das palavras alheias: As vozes dos pais e dos adolescentes que ecoam no cotidiano familiar são vozes conhecidas do articulista, já que a polêmica estabelecida traz o debate sobre um tema corrente em sua vida;

2. Reelaboração: A relação dialógica da própria voz do articulista, suas ideologias são postas frente à voz do outro. Este embate orienta a elaboração da réplica;
3. Movimento de (re)acentuar: Havendo um acordo de sentidos entre as vozes para a construção de sua réplica, percebemos que o confronto de valores entre a voz do articulista e a voz dos adolescentes seguem uma mesma ideologia, já com relação à voz dos pais, percebemos a reacentuação das vozes. Podemos observar isso a partir do tom de aconselhamento em que ouve a reelaboração das vozes identificadas no artigo para que o articulista conseguisse construir o seu enunciado.

Por fim, podemos observar que este artigo de opinião, apesar de ser um texto curto, nos apresenta o embate de vozes sociais. O articulista precisou articular o ponto de vista de seus colegas, também adolescentes, com o ponto de vista dos seus pais, para que, ao encontro de suas ideias e dos seus valores individuais, pudesse construir um discurso que fosse convincente. Ainda é possível destacarmos, no processo de bivocalização observado neste artigo de opinião, que as diversas vozes sociais que são ecoadas refratam questões sócio-históricas, principalmente os valores de formação do adolescente.

4.1.2 O uso de celular na sala de aula

No Anexo 9 – Artigo de Opinião 2, “O USO DE CELULAR EM SALA DE AULA”, trata-se de um assunto polêmico recorrente nas salas de aula do ensino fundamental e médio: o uso do celular no interior desses ambientes.

O ponto de vista do articulista não fica explícito no parágrafo de introdução, mas ele aponta o assunto como polêmico e mobiliza a opinião de outras pessoas sobre o problema, apesar de não mencionar de quem se tratam. Inferimos, de acordo com o contexto, que essas pessoas fazem parte da dinâmica escolar, aqui consideramos que fossem estudantes e professores.

No excerto abaixo, entendemos que esse assunto mobiliza pessoas que discutem sobre o uso do celular em sala de aula. Há vozes por trás da voz do articulista, que debatem sobre a polêmica do uso do celular no ambiente escolar. Essas vozes mobilizam a produção deste artigo de opinião. Assim, percebemos, no primeiro parágrafo, quando ele diz:

“Bem, o tema „o uso de celular em sala de aula” é uma questão muito polêmica pois muitas pessoas concordam em que deve se usa o celular e outras falam que não é preciso.”

No segundo parágrafo, é apresentado o ponto de vista do articulista e é possível percebermos sua voz engajada às vozes de outros estudantes, os quais também apresentam posicionamento favorável ao uso do celular em sala de aula. Ao afirmar que “é uma questão muito polêmica”, o articulista traz a confirmação de que o debate social tem dois lados, isso confirma que o articulista está situado no tempo presente (celular é um objeto contemporâneo) e no espaço (a sala de aula). Esse sujeito discursivo ao mobilizar a palavra, projetando as vozes alheias, prenuncia que há dois lados (a favor e contra) e espera uma resposta ativa e responsiva. Vejamos:

“Na minha opinião como estudante, devemos sim usar o celular em sala de aula até porque na maioria das aulas fazemos pesquisas e na escola não temos computadores suficientes para todos os alunos [...] mas como é proibida não realizamos todas as pesquisas em sala de aula, acho que deveria ser „legal” o celular em sala de aula pou causa de algum imprevisto [...]”

No trecho acima, o autor já se inclui enquanto classe de estudantes quando escreve em primeira pessoa do singular: “Na minha opinião como estudante”. A partir dessa colocação, o articulista inclui sua voz num grupo social específico que compartilhe os mesmos posicionamentos. Aqui, percebemos a voz daqueles que reivindicam o uso de celular na sala de aula através da mobilização de vozes que se remetem ao senso comum.

Na sequência, ainda são apresentados os motivos pelos quais seria interessante permitir o uso do celular como ferramenta de estudo. Quando o articulista coloca que “[...] devemos sim usar o celular em sala de aula até porque na maioria das aulas fazemos pesquisas e na escola não temos computadores suficientes para todos os alunos [...]” percebemos o discurso bivocal quando a voz dos estudantes, agrega-se à voz do articulista de maneira quase imperceptível.

No terceiro parágrafo, a réplica da voz dos professores também é inserida no enunciado, porém apresenta força argumentativa tratando-se da opinião daquele que possui

a autoridade para decidir sobre a necessidade de utilização do aparelho.

“Já por outra parte tem alunos que não faz nada em sala de aula com o celular na mão, o professor passa a atividade e ele nem liga, muito exagerado com o uso do celular.”

Podemos perceber, neste trecho, que a voz dos professores está reafirmada pelo articulista quando diz que *“tem alunos que não faz nada em sala de aula com o celular na mão, o professor passa a atividade e ele nem liga”*, essa percepção parte dos professores que avaliam o celular como instrumento que atrapalha a aprendizagem quando utilizado de maneira desregrada em sala de aula. Percebemos a bivocalidade discursiva sendo refratada através das diversas intenções e posições do articulista frente à realidade. Bakhtin (2010, p. 127) elucida que a palavra bivocal “serve simultaneamente a dois locutores e exprime ao mesmo tempo duas intenções diferentes”, assim, no caso do trecho em análise, por exemplo, fica evidente que a intenção do articulista refrata a voz do professor.

Para concluir, segue abaixo a análise interpretativa do discurso bivocal e de suas subcategorias de acordo com os três movimentos de assimilação da voz alheia segundo Bakhtin (2003):

1. Assimilação das palavras alheias: As vozes dos estudantes e dos professores são vozes que fazem parte do cotidiano escolar do articulista. Portanto, há uma certa intimidade entre as vozes identificadas e a voz do articulista;
2. Reelaboração: O articulista reelabora a sua própria voz a partir do embate dialógico com as outras vozes tão bem conhecidas por ele. A réplica da voz dos estudantes apresenta sentidos e valores coerentes com os pertencentes à voz do articulista, porém a incorporação da voz dos professores em seu enunciado traz valores novos para que se acrescente uma outra maneira de enxergar o problema do uso do celular em sala aula; e,
3. Movimento de (re)acentuar: A diluição das vozes dos estudantes e dos professores na voz do articulista promoveu, através do confronto de valores, o consenso. Na entoação da voz do articulista percebemos o sentido de aceitação e acordo entre as vozes, na busca de uma solução para minimizar o problema.

Portanto, é perceptível a mobilização das vozes dos estudantes e professores

asimiladas na voz do articulista, o qual demonstra compreender cada um dos argumentos expostos e, ao final do texto, sugere uma solução com bases nas concepções apresentadas por ambas as vozes. E com relação ao gênero artigo de opinião podemos destacar o debate sobre o assunto polêmico e a organização dos argumentos em defesa do ponto de vista. Como já dito, o articulista mobilizou vozes que expressaram o lado positivo e o negativo do uso de celular na sala de aula.

4.1.3 Amazônia em chamas

A polêmica apresentada no Anexo 10 – Artigo de Opinião 3 – intitulado “AMAZÔNIA EM CHAMAS”, trata-se da responsabilização de um problema ambiental muito grave, por isso a temática sobre os incêndios na Amazônia foi bastante debatida, pelos diversos meios de comunicação, no momento da escrita desse artigo. Sobre esse tema, o articulista apresentou o posicionamento de que a destruição da Amazônia é responsabilidade de uma minoria rica que somente explora suas riquezas.

Nesse sentido, o articulista debate, basicamente, utilizando as vozes da justiça produzidas pelo senso comum, pois a voz que denuncia não se ampara em meios documentais, mas sim nas vozes que ecoam cotidianamente sobre assuntos relacionados ao meio ambiente e poluição, como observamos, nas três primeiras linhas, quando o articulista afirma:

“As queimadas na Amazônia é uma problemática ambiental, afeta o planeta com consequências graves para o Brasil em que existe uma elite que explora e destrói.”

Considerando que em nosso cotidiano, as práticas discursivas nascem da palavra do outro (os já ditos), percebemos, neste trecho, o discurso bivocal, pois o articulista mobiliza as vozes daqueles que protestam em defesa da Amazônia de maneira incorporada a sua voz. Quando ele diz que uma minoria – a elite – rica e exploradora provoca situações como essa. A classe que explora é muito menor que a classe explorada e essa consciência nos é comum.

No quarto parágrafo, ocorre novamente a mobilização das vozes da justiça quando o autor coloca:

“Isso mostra que, os direitos humanos não estão sendo cumprido, que a política não está realizando o seu devido papel, com as leis e as vozes que estão tentando esclarecer o problema.”

Nesse trecho, a já referida mobilização da voz da justiça é, mais uma vez, advinda do senso comum quando o autor denuncia a falta de respeito para com direitos humanos, a corrupção política que ignora as leis e quem as defende para a resolução do problema.

Para finalizar, segue abaixo a análise interpretativa do discurso bivocal e de suas subcategorias de acordo com os três movimentos de assimilação da voz alheia segundo Bakhtin (2003):

1. Assimilação das palavras alheias: As vozes identificadas neste artigo foram as vozes da justiça assimiladas pelo senso comum, de uma maioria que não se conforma com o descaso de uma minoria frente aos problemas ambientais;
2. Reelaboração: Ao mobilizar as vozes de quem sofre com o descaso da “elite”, o articulista promove um encontro de vozes frente à polêmica do problema ambiental e ao encontro dessas vozes constrói sua réplica de protesto contra as atitudes que afetam a preservação da natureza; e,
3. Movimento de (re)acentuar: Sua réplica apresenta a posição axiológica da maioria que não concorda com o descaso da elite para com os problemas ambientais. Assim, o articulista revestiu as vozes do senso comum de algo novo, se essas vozes estavam caladas, no artigo, elas gritam.

Assim, o sentimento de preocupação e revolta na voz do articulista remete-nos às vozes sociais que buscam justiça, vozes subversivas que se declaram em forma de protesto aberto e como forma de resistência de uma classe social. As reivindicações por justiça que ecoam a cada protesto e denúncia mostram a tensão de vozes que coloca na mesma arena o poder (justiça), a elite e as classes menos empoderadas. A voz do articulista é assimilada, durante todo o artigo como a voz de uma maioria afetada pelos problemas ambientais causados pela minoria – a elite.

4.1.4 Legalização da maconha

O Anexo 11 – Artigo de Opinião 4 intitulado “LEGALIZAÇÃO DA MACONHA” debate acerca da legalização da maconha, assunto que não é novo, mas pode ser considerado atual e polêmico, principalmente quando se trata do debate sobre o seu uso medicinal. O posicionamento do articulista, nesse artigo, é a favor da legalização para fins terapêuticos, pois ele acredita que seu uso servirá para beneficiar muitas pessoas que sofrem por não terem acesso legal a essa substância, mesmo sendo direcionada para o tratamento de doenças.

Para a produção desse artigo, o autor mobilizou outras vozes para sustentar seu ponto de vista. Assim, no terceiro parágrafo, o autor cita o meio de informações sobre esse assunto o qual ele teve acesso:

“É comum esse tema ser debatido em programas de televisão e jornais e mostram casos de crianças que tinham certos tipos de doença e que a partir do uso do óleo do canabidiol eles tiveram uma melhora de até 80% e amenizam os sintomas dessas doenças que tanto fazem as pessoas sofrerem.”

Apesar de não termos as referências da fonte de tais informações, a voz da mídia é utilizada para comprovar que esse assunto é real. E, ainda assim, ficamos cientes de que há pesquisas sendo realizadas e que a defesa dessa legalização parte de vozes que estão por trás da voz do articulista, não sendo, dessa forma, apenas criadas por ele.

Concluindo a análise, segue abaixo a análise interpretativa do discurso bivocal e de suas subcategorias de acordo com os três movimentos de assimilação da voz alheia, segundo Bakhtin (2003):

1. Assimilação das palavras alheias: A voz da mídia foi identificada como a voz que defende o uso medicinal da maconha. Essa foi a única voz utilizada pelo articulista para a produção desse enunciado, apesar de percebermos, extra verbalmente, que o articulista dialoga com outras vozes que não concordam com o seu posicionamento;
2. Reelaboração: O articulista reelabora a voz da mídia para a construção de uma réplica que sirva de suporte para seus esclarecimentos sobre a luta pela liberação da maconha para fins medicinais; e,

3. Movimento de (re)acentuar: A voz da mídia traz coerência e suporte para sua posição favorável ao uso da maconha com finalidade medicinal, pois ele demonstra estar inserido entre vozes contrárias a essa posição. Através das notícias e reportagens veiculadas na televisão, na *internet* e em jornais, as vozes ecoadas nesses meios de comunicação fundem-se com a voz do articulista em uma única orientação axiológica, ajudando a compor seu posicionamento diante da polêmica em debate.

Diante do que foi apresentado, pudemos observar a mobilização de argumentos em defesa de um ponto de vista, já que o articulista mobilizou vozes para que, na polêmica da legalização da maconha, conseguisse o posicionamento a favor por parte do leitor. Entretanto, ainda percebemos a fragilidade na forma como as vozes, que deveriam impor a autoridade de conhecimento sobre o assunto, foram transmitidas.

4.1.5 O feminicídio no Brasil

No Anexo 12 – Artigo de Opinião 5 – intitulado “O FEMINICÍDIO NO BRASIL” trata de um assunto polêmico e muito testemunhado em nosso país. Nele, o articulista debate o assunto de maneira clara e expõe seu posicionamento de medo e revolta acerca de crimes cometidos contra a mulher.

No primeiro parágrafo, o articulista busca confirmar o problema apresentado com referência à sua divulgação em jornais e revistas de maneira superficial. Em seguida, no segundo parágrafo, podemos observar a voz do senso comum apresentada através do discurso bivocal:

“Muitas vezes, esses assassinatos contra as mulheres não mostram o verdadeiro motivo que leva a acontecer tal ato hediondo, como sabemos, tendo motivos ou não, não temos o direito de matar alguém, seja mulhere ou homens, mas a diversos casos de diversas pessoas que tentam nos mostrar o contrário. O Feminicídio acontece, na maioria das vezes, pelo fato de sermos mulheres e por sermos „fracas” ao ver dos homens, então eles usam isso contra nós.”

Nesse trecho, pudemos observar o emaranhado de vozes que debatem sobre o feminicídio. Primeiro, observamos a voz da justiça ecoada pelo senso comum com relação ao crime de tirar a vida de alguém: “*tendo motivos ou não, não temos o direito de matar alguém*”. Logo depois, observamos a voz daqueles que contrariam o senso comum de que não podemos matar: “*mas a diversos casos de diversas pessoas que tentam nos mostrar o contrário*”. Esse seria, portanto, o motivo pelo qual há abertura para que o crime contra a mulher aconteça desde sempre.

Por último, a voz da justiça disseminada pelo senso comum de que, a mulher é inferior ao homem, como justificativa infundada aos crimes que se cometem contra a mulher, o trecho: “pelo fato de sermos mulheres e por sermos “fracas” ao ver dos homens, então eles usam isso contra nós”. Essa voz tem recorrência social histórica e revela um senso comum que vive no preconceito de homens e, porque não dizer, das próprias mulheres as quais se omitem ou condenam-se por acreditarem, mesmo de forma inconsciente, que são fracas.

Ao mobilizar a voz do senso comum, o articulista mobiliza vozes que debatem entre si quando evocam os temas machismo e violência contra a mulher. Através do discurso bivocal, essas vozes são diluídas, possibilitando a criação de uma réplica voltada para um mesmo sentido contextual de valores e ideologia em que o feminicídio é visto como crime.

Portanto, segue abaixo a análise interpretativa do discurso bivocal e de suas subcategorias de acordo com os três movimentos de assimilação da voz alheia segundo Bakhtin (2003):

1. Assimilação das palavras alheias: As vozes do senso comum são mobilizadas pelo articulista para firmar seu posicionamento contra o feminicídio e outras questões que envolvem a violência contra a mulher;
2. Reelaboração: As vozes identificadas apresentam sentidos que flutuam entre o preconceito e a denúncia contra casos de feminicídio, porém o articulista assimilou-as de maneira a construir uma réplica que apresentasse o posicionamento único e ético com respeito à igualdade de gênero; e,
3. Movimento de (re)acentuar: O articulista mobilizou as vozes do senso comum para que seu ponto de vista se reportasse a essa polêmica sob forma de protesto. As vozes revestiram-se sob o formato de denúncia para que delas convergissem a voz da justiça.

Pudemos observar que o artigo de opinião analisado foi escrito de acordo os padrões composicionais do gênero discursivo, pois apresentou a polêmica somada ao ponto de vista do articulista e buscou selecionar argumentos em sua defesa. Também as vozes mobilizadas participaram do debate em prol do ponto de vista defendido.

4.1.6 O porte de armas

No Anexo 13 – Artigo de Opinião 6 – intitulado “O PORTE DE ARMAS”, o articulista optou por escrever sobre o porte de armas no Brasil. Já na primeira linha do texto, ele expõe seu ponto de vista positivo para a liberação do porte de armas. Para o autor, não foi difícil defender esse posicionamento, pois pudemos perceber que seus argumentos estavam fundamentados em vozes de especialistas no assunto, mesmo sem ter citado suas fontes, como ocorre já no primeiro parágrafo:

“O porte de armas de fogo deveria ser legalizado no Brasil, pois ele ajudaria a reduzir a criminalidade no Brasil razoavelmente em torno de 30%, porque os cidadãos estariam armados, e também o porte reduziria a taxa de assaltos, mas também, o porte deveria somente ser concebido a pessoas com ficha criminal limpa, exames de sanidade mental em dia (...) O porte ajudaria os cidadãos brasileiros a se defenderem, ajudariam os fazendeiros que possuem grandes propriedades rurais, a arma de fogo em posse do trabalhador rural o ajudaria a proteger sua propriedade de invasões.”

Já nas primeiras linhas desse parágrafo foi possível perceber a voz de estudos e pesquisas veiculadas em jornais ou sites de internet, porém não há referências da procedência dessas informações. Ele, ao invés de utilizar-se do discurso citado, para demonstrar com transparência de onde vem todo o seu embasamento sobre o assunto, faz o oposto. O articulista utiliza-se do discurso bivocal para expor tais informações. Dessa forma, ele assimila a voz do outro em seu discurso, contudo, ele apresenta dados que, geralmente, são divulgados em notícias e reportagens.

Ao final do parágrafo, é possível percebermos a voz das pessoas da comunidade rural assimilada na voz do autor. Nessa voz, a necessidade de proteção é colocada em destaque e, assim, percebemos que ele encontra o apoio nessas vozes.

Para concluir a análise deste artigo, segue abaixo a análise interpretativa do discurso bivocal e de suas subcategorias de acordo com os três movimentos de assimilação da voz alheia, segundo Bakhtin (2003):

1. Assimilação das palavras alheias: A voz de estudos e pesquisas feitos pelo articulista aparecem nesse excerto, porém não são apresentados esclarecimentos sobre a fonte. Identificamos também a presença da voz do senso comum estabelecido entre as pessoas que, assim como o articulista, residem na zona rural;
2. Reelaboração: As vozes da mídia que emitem o conhecimento mais específico sobre o porte de armas servem de apoio para a sustentação de seu ponto de vista e, somadas às vozes das pessoas da zona rural, mobilizam-se para a elaboração de uma réplica a favor da liberação do porte de armas; e,
3. Movimento de (re)acentuar: As vozes mobilizadas pelo articulista promovem esclarecimentos e justificativas sob um mesmo ponto de vista, ou seja, a assimilação das vozes estão apoiadas em uma mesma ideologia, interagem e apoiam-se no debate em questão.

Portanto, depois de observarmos a apresentação dos argumentos em defesa de um ponto de vista, ficou nítida a dificuldade do articulista em desenvolver um artigo de maneira objetiva, pois percebemos muitos trechos com descrições de armas e de munição que pouco contribuíram para a defesa da liberação do porte de armas. Porém, no percurso de sua escrita, pudemos notar que as vozes mobilizadas para junto do autor eram vozes que buscavam esclarecer sobre a necessidade do porte de armas para a segurança diária.

4.2 O DISCURSO CITADO

Organizamos este tópico de análise em três subtópicos, pois identificamos o discurso citado em três dos artigos analisados e, para facilitar a compreensão da análise, padronizamos: retomamos, de forma breve, o assunto debatido; destacamos os excertos com as vozes identificadas, descrevemo-los e, por fim, elaboramos a nossa análise interpretativa.

4.2.1 Legalização da maconha

O Anexo 11 – Artigo de Opinião 4 – intitulado “LEGALIZAÇÃO DA

MACONHA” apresenta debate sobre o assunto da legalização da maconha para fins medicinais.

O articulista conclui o seu artigo reafirmando seu posicionamento a favor da legalização da maconha e apresenta uma mensagem de esperança com a citação de um trecho de música.

“[...] e como na musica de jota quest fala teremos “dias melhores pra sempre.”

A referência feita ao trecho da música tem o objetivo de sensibilizar o leitor do artigo já que o debate é sobre a qualidade de vida das pessoas que necessitam do canabidiol como medicamento para alívio dos sintomas causados pelas doenças citadas no artigo. Assim, o discurso citado, apenas, fortalece a defesa do ponto de vista defendido porque esclarece a origem da voz citada, que por sua vez não sofre a interferência da voz citante. Esta última, toma a voz alheia como suporte, apenas a introduz e deixa a mensagem para reflexão.

Segue, abaixo, a análise interpretativa do discurso citado e de suas subcategorias de acordo com os pressupostos de Volóchinov (2018) – quanto ao estilo: linear ou pictórico e quanto ao modelo de transmissão do discurso: direto ou indireto.

1. No trecho em análise, podemos observar o estilo linear, pois o discurso citado é destacado e apresentado sem a interferência de quem o cita, do ponto de vista gramatical e composicional. O discurso alheio apresenta um isolamento máximo, na verdade ele é a transcrição fiel da letra da música; e,
2. O modelo de transmissão identificado foi o discurso direto, porém o articulista não demonstra os conhecimentos gramaticais necessários para a introdução do discurso alheio no artigo, apenas sinaliza com o verbo falar, dispensa o uso da pontuação correta e destaca com aspas o trecho da música. Também não faz comentários ou avaliação sobre o trecho citado, mas deixa a reflexão em aberto quando opta por finalizar o artigo com o trecho da música. Apesar desses problemas identificados na apresentação do discurso alheio, foi possível a sensibilização do leitor sobre o tema polêmico.

As vozes citadas pelo articulista não atingiram um patamar de autoridade, pois não houve a citação de um profissional ou especialista sobre o tema, mas ele conseguiu

trazer a confirmação de que sua busca por outras vozes que venham a argumentar sobre o seu mesmo ponto de vista é real. Contudo, fez valer a sua posição a partir das vozes que conseguiu mobilizar.

4.2.2 O feminicídio no Brasil

No Anexo 12 – Artigo de Opinião 5 intitulado “O FEMINICIDIO NO BRASIL” o articulista debate o assunto polêmico de maneira clara e expõe seu posicionamento contrário à violência contra a mulher.

Observamos o discurso citado no terceiro parágrafo, quando o articulista cita as vozes da lei, no caso, a Lei Maria da Penha. A citação é apresentada através do estilo linear, assim podemos perceber os limites entre o discurso citado e o discurso citante. Além disso, percebemos a avaliação feita pelo autor, que cita a voz do outro utilizando o modelo de transmissão discurso direto e, em seguida, avalia o discurso citado ao expor seu ponto de vista.

“De acordo com a lei Maria da Penha (Lei 11.340/06), é bem específica quando se trata de violência contra mulheres, seja física, psicológica ou sexual, porém essa lei não está sendo muito bem aplicada no Brasil, porque além das mulheres estarem sendo violentadas agressivamente, estão sendo assassinadas das piores maneiras. Mas de acordo com a pesquisa avaliando a efetividade da Lei Maria da Penha (Ipea, 2015), „(A diminuição da taxa) implica dizer que a Lei Maria da Penha foi responsável por evitar milhares de violência no país”. ”

Aqui, pudemos observar que a efetividade da lei citada é avaliada pelo articulista como não sendo bem aplicada: *“porém essa lei não está sendo muito bem aplicada no Brasil, porque além das mulheres estarem sendo violentadas agressivamente, estão sendo assassinadas das piores maneiras.”* Segundo o autor, a lei não consegue sanar a incidência do feminicídio, porém cita um trecho de uma pesquisa onde afirma exatamente o contrário de sua avaliação: *“Mas de acordo com a pesquisa avaliando a efetividade da Lei Maria da Penha (Ipea, 2015), „(A diminuição da taxa) implica dizer que a Lei Maria da Penha foi responsável por evitar milhares de violência no país”.* Essa voz vem refutar a opinião do articulista e sobre isso não há comentário.

No parágrafo seguinte, podemos observar a articulação da voz de uma autoridade no assunto através do discurso citado:

“Segundo Eleonora Menecucci, Ministra-chefe da Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres da Presidência, „trata-se de um crime de ódio. O conceito surgiu na década de 1970 com o fim de reconhecer e dar visibilidade à discriminação, opressão, desigualdade e violência sistemática contra as mulheres, que em sua forma mais aguda, culmina a morte. Essa forma de assassinato não constitui um evento isolado e nem repentino“.”

O conceito de feminicídio na voz da ministra sustenta a apresentação do problema, pois trata-se da voz de autoridade. Ela apresenta os requisitos que a tornam especialista no assunto.

Segue, abaixo, a análise interpretativa do discurso citado e de suas subcategorias de acordo com os pressupostos de Volóchinov (2018) – quanto ao estilo: linear ou pictórico e quanto ao modelo de transmissão do discurso: direto ou indireto.

1. Nos trechos em análise, podemos observar o estilo linear de introdução dos discursos citados, pois os limites entre o discurso citado e o discurso citante estavam nítidos. Neles o discurso alheio foi isolado da interferência da voz do articulista; e,
2. Identificamos o discurso direto como modelo de transmissão nos trechos acima. Neles podemos observar a introdução de cada citação por expressões introdutórias como: “segundo” e “de acordo com”. Também, o isolamento da voz alheia pelas aspas seguidos do comentário e da avaliação do articulista denotam que o mesmo conhecia bem os recursos gramaticais de introdução do discurso direto. Portanto, estes recursos tornaram a defesa do ponto de vista defendido pelo articulista mais forte, mais convincente, pois as vozes das autoridades citadas carregam forte poder de conhecimento e ideologia no debate da polêmica.

Pudemos observar, portanto, que o articulista conhece bem o modelo de transmissão do discurso alheio por meio do discurso citado. Além disso, ele apresentou embasamento sobre o assunto quando mobilizou citações de documentos oficiais e de autoridade. Em suma, o artigo em questão apresentou de forma coerente e linguisticamente correta a voz de quem tem conhecimento no assunto.

Realizadas as análises, passaremos para as nossas considerações finais.

4.2.3 O porte de armas

No Anexo 13 – Artigo de Opinião 6 – intitulado “O PORTE DE ARMAS”, o articulista optou por escrever sobre o porte de armas no Brasil e expõe seu ponto de vista positivo para a sua liberação.

No excerto a seguir, podemos observar o discurso citado, porém, a voz citada não é referenciada. Sabemos, apenas, que a pesquisa parte de um estudante.

“Armas de fogo são muito caras [...] De acordo com um pequeno estudo feito por um estudante que não consegui localizar, a produção de armas no Brasil e a compra pelos brasileiros quando for liberado o porte o PIB aumentará em torno de 3% com a produção de armas nacionais [...]”

Observamos nesse trecho que o articulista mobilizou a voz de um estudante que apresentasse o interesse em posicionar-se favoravelmente à liberação do porte de armas. Como esse também era o seu ponto de vista, optou por citar o estudo, mesmo sem informações importantes sobre o mesmo, para demonstrar que a sua voz tem o apoio de outras vozes. Gramaticalmente analisando, percebemos o uso correto do discurso indireto, mas com relação ao sentido e à veracidade da informação foi deixada uma lacuna pela falta da referência.

Segue, abaixo, a análise interpretativa do discurso citado e de suas subcategorias de acordo com os pressupostos de Volóchinov (2018) – quanto ao estilo: linear ou pictórico e quanto ao modelo de transmissão do discurso: direto ou indireto.

1. No trecho em análise, pudemos observar o estilo pictórico de introdução do discurso citado, pois observamos que foi elaborado um meio mais sutil de apresentação da voz alheia, tendendo a quebra da integralidade do discurso citado. No trecho, o articulista coloca com suas próprias palavras, seguindo suas próprias intenções, o que dizia o estudo; e,
2. Identificamos o discurso indireto como modelo de transmissão. O trecho citado foi introduzido pela expressão “De acordo com um pequeno estudo feito por um estudante que não consegui localizar”, apesar de não saber ao certo qual o estudo apontado pelo articulista, percebemos que o mesmo tem o conhecimento

gramatical sobre a introdução desse modelo de transmissão. Mas, apesar de não apresentar comentário ou avaliação sobre a voz citada, percebemos sua posição favorável ao porte de armas, já que no discurso indireto a voz citada é assimilada pela voz citante. O articulista, certamente pesquisou sobre a liberação do porte de armas com interesse no setor da economia, pois, de sua voz, ecoa a confirmação de lucros para o Brasil com a produção e venda de armas.

Portanto, pudemos observar a dificuldade de inserir a voz citada no corpo textual, mesmo o articulista tendo demonstrado que reconhece o valor da citação de um argumento de autoridade para a defesa do ponto de vista, ele desconhece fontes de pesquisa ou apenas não compreende os modelos de transmissão do discurso alheio.

5 O GRANDE ENCONTRO DE VOZES

Vivo num mundo povoado de palavras alheias. E toda minha vida então, não é senão a orientação no mundo das palavras alheias, desde assimilá-las, no processo de aquisição da fala, e até apropriar-me de todos os tesouros da cultura". (BAKHTIN, 2003, p. 347).

No presente trabalho, buscamos, a partir da perspectiva dialógica do discurso, apresentada por Bakhtin e seu Círculo, analisar as vozes sociais presentes em artigos de opinião produzidos por estudantes do 9º ano, do ensino fundamental, do município de Luís Gomes-RN. Dessa forma, elaboramos duas perguntas: Quais as vozes sociais que aparecem nos artigos de opinião escritos pelos alunos do 9º ano do ensino fundamental? De que maneira as vozes sociais aparecem nos artigos dos alunos, seguindo a compreensão de discurso bivocal e discurso citado? A partir desses questionamentos, o primeiro passo foi identificar as vozes sociais enunciadas no discurso dos alunos articulistas e, depois, analisar o uso do discurso bivocal e do discurso citado nos enunciados produzidos por eles.

O *corpus* desta pesquisa foi produzido a partir de uma proposta de intervenção realizada no 9º ano do ensino fundamental da cidade de Luís Gomes-RN, para isso selecionamos algumas oficinas do caderno Ponto de vista, da Olimpíada de Língua Portuguesa (O formato das oficinas segue a metodologia de sequência didática). Foram momentos de debates e construção de ideias acerca do gênero artigo de opinião e de temas geradores de polêmicas que culminaram com a produção de artigos de opinião.

Ao final da aplicação da sequência didática, observamos que a turma estava integrada às leituras e aos debates sobre tantos assuntos polêmicos, uma vez que foi instigante e motivador. Mesmo observando algumas dificuldades de escrita e de compreensão da composição do gênero discursivo, ao final, percebemos a mobilização de vozes nos textos e consideramos que houve aprendizagem.

O *corpus* foi composto por seis artigos de opinião. Investigar vozes em textos de alunos do ensino fundamental fez-se necessário para que pudéssemos observar o quanto são diversos os valores e as ideologias defendidas por eles. Quando começamos a observar o quanto de alheio existe naquelas produções, compreendemos ainda mais cada defesa de seus pontos de vista.

As nossas análises mostraram que as vozes foram inseridas nos artigos a partir do discurso bivocal e do discurso citado com a finalidade de dar suporte ao ponto de vista

defendido pelo aluno articulista. Além disso, percebemos que as vozes do discurso bivocal, por apresentarem-se de maneira simples representaram a maioria das vozes identificadas nos artigos, pois as vozes do senso comum figuraram os discursos bivocais analisados. Não obstante, percebemos que essa forma de mobilização da voz alheia remeteu-nos a vozes presentes nas situações cotidianas, a exemplo das vozes dos pais e professores apresentadas nos textos.

Percebemos, por outro lado, que na análise do subitem que trata do discurso citado, as vozes foram inseridas no enunciado, a partir do uso do discurso direto e indireto, as quais aparecem introduzidas por expressões e isoladas pelo uso de sinais de pontuação, o que delimita, de maneira explícita, os limites entre a voz que cita e a voz citada. Mesmo os articulistas não conseguindo utilizar todos os meios linguísticos de introdução do discurso alheio que são sugeridos para melhor compreensão, reconhecem a importância e tentam hierarquizar suas ideias com as alheias, conseguindo dar credibilidade ao texto.

Nos dois tipos de introdução do discurso alheio, dos artigos de opinião, percebemos que, no discurso bivocal, a voz do outro é assimilada pela voz que o cita. Já no discurso citado, a voz do outro é citada de forma destacada da voz citante e, nesse caso, foi possível perceber que a voz citante pode avaliar a voz citada. Essas ocorrências observadas mostraram-nos que as vozes relacionam-se dialogicamente em todos os discursos porque não há discurso inédito, mas sim, discursos povoados de vozes sociais.

Além disso, é importante destacar que os estudantes do ensino fundamental apresentaram maior facilidade em utilizar o discurso bivocal, já que o conhecimento do senso comum é mais simples de ser articulado nessa categoria de discurso e está atrelado ao cotidiano dos articulistas, por isso verificamos essa categoria de análise em todos os artigos que compõe o *corpus*.

Por outro lado, percebemos a dificuldade de articulação da categoria discurso citado pelos estudantes. Identificamos essa categoria em três artigos, dois utilizaram o estilo linear e um utilizou o estilo pictórico de apresentação da palavra outra. Observamos alguns problemas referentes aos conhecimentos gramaticais de introdução do discurso alheio. Em alguns casos não houve a introdução do discurso citado utilizando os recursos de pontuação para delimitá-lo, como também, sentimos falta das fontes de onde foram pesquisadas as citações. Mesmo que os estudantes, ainda, não tenham apresentado o conhecimento gramatical satisfatório sobre a apresentação do discurso citado,

consideramos que houve a compreensão sobre a articulação das vozes sociais nos artigos de opinião analisados.

Ressaltamos a relevância da presente pesquisa que nos oportunizou a compreensão de como as vozes sociais aparecem em textos de alunos do ensino fundamental, como também, consideramos que o trabalho de produção textual, na sala de aula, tem grande importância para o desenvolvimento de habilidades de escrita, não somente escolar, mas para a formação do estudante para atuar com consciência crítica nas diversas esferas comunicativas da sociedade.

Nós, enquanto professores de língua portuguesa, buscamos contribuir com os estudos linguísticos voltados para aulas de produção textual de acordo com os pressupostos teóricos de Bakhtin e seu Círculo, pois, como sabemos, o assunto *linguagem* é inesgotável e, tratando-se disso, os estudos dialógicos sempre nos permitirão o grande encontro de vozes na busca por novas e contínuas aprendizagens.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Teoria do Romance I: A estilística**. Tradução, prefácio, notas, glossário de Paulo Bezerra. Organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2005.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 4. ed. rev. e aum. Tradução: Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 6. ed. Tradução: Aurora F. Bernardini, et al. São Paulo: Hucitc, 2010.

_____. **Os gêneros do discurso**. 6. ed. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BESSA, José Cezinaldo R. **Referência ao discurso do outro: uma análise de problemas de relações de sentido entre discurso citado direto e discurso citante no gênero monográfico**. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

BEZERRA, B. G. **Gêneros no contexto brasileiro: questões [meta] teóricas e conceituais**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BRAIT, B. O discurso sob o olhar de Bakhtin. In: GREGOLIN, M. R. do; BARONAS, R. (Org.). **Análise do discurso: as materialidades do sentido**. 3. ed. São Carlos, SP: Claraluz, 2007.

_____. Dialogismo e polifonia em Mikhail Bakhtin e o Círculo (dez obras fundamentais). In: **Guia bibliográfico da FFLCH [s.l.: s.n.]**, 2016.

BRAIT, B; SILVA, M. C. S. (Orgs.). **Texto ou Discurso?** São Paulo: Contexto, 2012, p.302.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: ciências naturais**. Brasília, DF: MEC, 1998.

_____. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental.** Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BUBNOVA, T; BARONAS, R. L; TONELLI, F, Voz, sentido e diálogo em Bakhtin, **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 6, n. 1, p. 268–280, 2011.

COSTA, Jailma R. F. **Discurso citado e a construção da autoria em artigos de opinião das olimpíadas de língua portuguesa 2016.** 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, 2017.

CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro. O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais & ensino.** 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola.** Tradução: Roxane Rojo, Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo:** as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula.** São Paulo: Editora Ática, 1997.

GONÇALVES, T. M. Leitura de charges: questões metodológicas. **Letrônica: Revista Digital do Programa de Pós-graduação em Letras da PUCRS**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 264-281, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/23809/15317>. Acesso em: 26/06/2020

LIMA, R. R. P. **Vozes Sociais em diálogo:** uma análise Bakhtiniana dos diários de leituras produzidos por alunos do ensino médio. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, 2013.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

OLIVEIRA, M.M. de. Como fazer pesquisa qualitativa. 7. ed. revista e atualizada – Petrópolis, RJ: **Vozes**, 2007.

PAULA, L. Círculo de Bakhtin: uma análise dialógica de discurso. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 21, n. 1, p. 239-257, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/125169>. Acesso em: 2 dez. 2019.

PAULA, Luciane de. Círculo de Bakhtin: uma análise dialógica de discurso. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 21, n. 1, p. 239-257, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/125169>>. Acesso em: 2 dez. 2019.

RENFREW, A. **Mikhail Bakhtin**. 1. ed. Tradução: Marcos Macionilo. São Paulo: Parábola, 2017.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; ROTH, D. M. **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ROJO, R.; BARBOSA, J. M. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SIPRIANO, B. F.; GONÇALVES, J. B. C. O conceito de vozes sociais na teoria bakhtiniana. **Revista diálogos: Relendo Bakhtin**, v. 5, n.1, 2017. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/5084/pdf>. Acesso em: 2 mar 2020.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Tradução: Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2016.

ANEXOS

ANEXO 1 – Aula de apresentação da proposta para adesão da turma



Os movimentos da argumentação

objetivos

- Tomar contato com o artigo de opinião.
- Estabelecer uma definição de argumentação.

prepare-se!

Qual a diferença entre argumentar e opinar?
Antes de começar a trabalhar com os alunos, leia as definições que estão nesta oficina. Você precisa se apropriar desses termos para ensiná-los.

39
pontos de vista

material

- Coletânea de artigos de opinião (PDF)
- Jornais e revistas que contenham artigos de opinião

1ª etapa

Artigos de opinião: onde circulam, quem escreve, para que leitores, com que objetivo

atividades

- Divida a classe em grupos e apresente os artigos da Coletânea. Peça-lhes que escolham um dos artigos para ser lido. Para cada artigo selecionado, o grupo deverá responder às seguintes perguntas:
 - Em que veículo o texto foi publicado?
É bastante conhecido do público?
 - Que tipo de autor o escreveu?
Além do nome, há mais informações sobre ele?
 - Qual é o assunto principal abordado pelo texto?
É atual ou ultrapassado em relação à data de publicação?
Parece relacionado a alguma notícia do mesmo período?
 - Para que tipo de leitor o artigo se dirige?
Que importância essas informações podem ter para esse leitor?
 - Com que finalidade esse assunto é abordado?
 - Considerando que se trata de textos argumentativos, que ideia ou tese o autor parece defender?
Com que argumentos?

Você poderá enriquecer a discussão com outras informações a respeito do que é argumentar.

Argumentar é uma *ação verbal* na qual se utiliza a palavra oral ou escrita para defender uma tese, ou seja, uma opinião, uma posição, um ponto de vista particular a respeito de determinado fato.

Quem argumenta, como a própria palavra sugere, se vale de argumentos, que nada mais são que razões, verdades, fatos, virtudes e valores (éticos, estéticos, emocionais) tão amplamente reconhecidos que, justamente por isso, servem de alicerce para a tese defendida.

Assim como num jogo, quem argumenta faz suas "jogadas" para se sair vencedor: entre outras coisas, afirma, nega, contesta, explica, promete, profetiza, critica, dá exemplos, ironiza. E todas essas jogadas estão a serviço da criação de um clima favorável à adesão do público às posições defendidas. A cada "lance", o argumentador se esforça para comprovar que está indo pelo caminho certo; caso contrário, perderá credibilidade e será vencido.

Um auditório é o conjunto dos que assistem a um debate, acompanham ou se interessam potencialmente pelo assunto em questão. Nos grandes debates, ele é o representante da *opinião pública*. Por isso mesmo, a função do auditório é frequentemente decisiva para o debate. Quando alguém escreve uma carta a um jornal, por exemplo, argumentando contra uma posição defendida em determinada matéria, está querendo convencer, antes de tudo, o conjunto dos leitores, ou seja, o auditório.

Todo jogador desenvolve estratégias, isto é, um plano e um estilo próprios de ação verbal para, por meio deles, vencer o adversário. No jogo argumentativo, entretanto, é preciso convencer, ou seja, vencer com a ajuda de todos, que precisam aderir à tese, graças à eficiência das estratégias e à força dos argumentos. Daí o valor social da argumentação, na medida em que se trata de uma vitória coletiva.

42
pontos de vista

- ▷ Após recolher as respostas dos alunos, mostre-lhes algumas características dos artigos de opinião:
 - ▷ costumam circular em veículos tipicamente jornalísticos e de grande penetração popular: jornais impressos, revistas, sites de notícias etc.;
 - ▷ geralmente são escritos por especialistas num determinado assunto, pessoas publicamente reconhecidas por suas posições, por exemplo, autoridades;
 - ▷ abordam assuntos e/ou acontecimentos polêmicos atuais, recentemente noticiados e de interesse público;
 - ▷ dirigem-se a um leitor que o jornal considera como potencialmente envolvido no debate, na qualidade de cidadão;
 - ▷ têm como finalidade defender uma opinião ou tese, a qual é apresentada com base em argumentos coerentes.

2ª etapa

Argumentação

atividades

- ▷ Uma vez identificadas as principais características dos artigos de opinião, aprofunde a explicação sobre o que seja discurso argumentativo.
- ▷ Com os resultados obtidos na 1ª etapa, proponha aos alunos um debate sobre o que é "argumentação", até chegar a uma definição coletiva.

41
pontos de vista

Argumentação

Pode-se definir a argumentação como a ação verbal pela qual se leva uma pessoa e/ou todo um auditório a aceitar uma determinada tese, valendo-se, para tanto, de recursos que demonstrem a consistência dessa tese. Esses recursos são as verdades aceitas por uma determinada comunidade, assim como os valores e os procedimentos por ela considerados corretos ou válidos. Dessa forma, argumentação é um termo que se refere tanto a esse ato de convencimento quanto ao conjunto de recursos utilizados para realizá-lo.

Por isso mesmo, a argumentação sempre parte de um objetivo a ser atingido (a adesão à tese apresentada) e lança mão de um conjunto de estratégias próprias para isso, levando em conta aquilo que faz sentido para quem lê ou ouve. Daí a importância de conhecer-se o leitor ou o ouvinte; afinal, o argumento que funciona muito bem para um grupo de estudantes adolescentes não terá o mesmo efeito sobre uma comunidade de senhoras católicas – e vice-versa.

Segun da Oliveira Rangel. O processo avaliativo e a elaboração de "protocolos de avaliação". Brasília: Semtec/MEC, 2004. (Adaptado)

43
pontos de vista

3ª etapa

Artigos de opinião nos jornais

atividades

- ▷ Leve para a classe um jornal que tenha pelo menos uma coluna de opinião.
- ▷ Peça à turma que procure em que parte do jornal encontra-se o artigo de opinião. Isso possibilitará aos alunos o aprendizado de como o gênero é graficamente apresentado em um de seus veículos mais típicos – o jornal impresso. Além disso, permitirá que você explore com eles as diferenças entre as várias seções e seus gêneros próprios: matérias assinadas e não assinadas; texto opinativo e não opinativo; o que é informação pura e o que está condicionado a uma visão particular ou específica do mundo etc.



44
pontos de vista

- ▷ Ajude-os a perceber que o jornal procura delimitar claramente os territórios em que as matérias são opinativas e, com isso, dá a entender que as demais são neutras e imparciais. Discuta até que ponto esse pressuposto se confirma.
- ▷ Leia com a classe o artigo selecionado e retome a conversa sobre as características próprias do artigo de opinião, como fizeram na 1ª etapa, enfatizando que o articulista levanta uma questão polêmica de acordo com o ponto de vista dele. A finalidade é apresentar uma posição e argumentar a favor dela, mostrando aos leitores por que devem concordar com o autor. Por isso, o tom é de convencimento, ou seja, o texto é argumentativo.
- ▷ Considerando o artigo lido, proponha aos alunos que reflitam e instigue-os com perguntas:
 - ▶ Qual é a questão polêmica que o artigo discute?
 - ▶ Como o autor a retoma em seu texto?
Como se refere ao debate de que pretende participar?
 - ▶ Para que tipo de leitor ele se dirige?
Que aspectos do texto remetem a esse leitor?
 - ▶ Que posição, ou tese, o autor defende?
 - ▶ Que argumentos são utilizados para defender e/ou fundamentar essa tese?

ANEXO 2 – Compreendendo o gênero



Informação versus opinião

objetivo

- Relacionar e diferenciar notícia de artigo de opinião.

prepare-se!

Vocês analisarão duas charges, uma notícia e um artigo de opinião que abordam práticas, usos e/ou aspectos negativos da internet.

47
pontos de vista

Nesta Oficina vamos debater práticas, usos e/ou aspectos negativos da internet. O tema tem sido cada vez mais debatido, seja em função de episódios internacionais recentes de espionagem eletrônica de autoridades, empresas e governos, seja pelos resultados de pesquisas acadêmicas sobre o impacto da internet na vida cotidiana dos cidadãos. Atualize-se a respeito, lendo notícias e artigos de jornais. Algumas dicas:

1. *Observatório da Imprensa* (<http://observatoriodaimprensa.com.br>), ONG brasileira especializada na análise do comportamento da mídia, em especial a jornalística. Usando o buscador do próprio *Observatório*, você poderá ter acesso a matérias sobre fotos e vídeos adulterados, cada vez mais comuns na internet. Por exemplo, a matéria "Como identificar fotos e vídeos adulterados" (<http://observatoriodaimprensa.com.br/curadoria-de-noticias/com-identificar-fotos-e-videos-adulterados>).
2. "O lado negro do Facebook", matéria de capa da revista *Superinteressante*, edição 348, de junho de 2015. Sintetizando pesquisas internacionais, a revista aponta o efeito psicológico negativo das redes sociais sobre o psiquismo dos usuários.
3. *Caiu na rede, é peixe*, livro organizado por Cora Rónai (Rio de Janeiro: Agir, 2005). A obra reúne 67 textos literários de larga circulação na internet, falsamente atribuídos a autores como Millôr Fernandes e Carlos Drummond de Andrade, discutindo essa prática de desinformação, comum na mídia eletrônica.

ANEXO 3 – Questão de posição e argumentos

1ª etapa



Questões polêmicas

Objetivos

- Identificar questões polêmicas.
- Reconhecer bons argumentos.
- Escolher ou formular uma questão polêmica.

Prepare-se!

Na última etapa desta oficina seus alunos escreverão o primeiro artigo de opinião. Você precisará ajudá-los a definir questões polêmicas, identificando o que é polêmico na comunidade deles.

61 pontos de vista

O que é uma questão polêmica?

atividades

- ▷ Proponha aos alunos que encontrem ou formulem **duas questões polêmicas gerais** que os mobilizem e mereçam ser discutidas por sua relevância social. Para isso, faça um levantamento, com a participação de toda a turma, de assuntos polêmicos que estão circulando no rádio, na TV ou na imprensa.
- ▷ Como já foi explicado, questões polêmicas envolvem confronto entre diferentes pontos de vista sobre um mesmo tema. Por exemplo:
- ▶ A sociedade tem o direito de tirar a vida de um criminoso?
 - ▶ A política de cotas tem colaborado para diminuir as desigualdades sociais relacionadas às minorias étnicas?
 - ▶ A organização de grandes eventos esportivos no país, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, mina recursos que deveriam ser utilizados em ações mais relevantes e estratégicas para o desenvolvimento do país?
 - ▶ Há formas certas e erradas de falar o português?

49
pontos de vista62
pontos de vista

- ▷ Esses e outros exemplos são importantes para os alunos perceberem que uma questão polêmica, capaz de motivar a escrita de um artigo de opinião, envolve, necessariamente, *um assunto de interesse público*, ou seja, uma demanda em que ao menos uma determinada comunidade esteja envolvida, e diferentes soluções ou respostas, cada uma das quais reunindo posições favoráveis e contrárias. Assim, trata-se de estabelecer – e sempre por meio do debate – qual delas deveria ser assumida pela comunidade afetada.
- ▷ Para compreensão do que é uma questão polêmica e dos debates que ela pode provocar, discuta brevemente com a turma algumas das sugestões aqui apresentadas.
- ▷ Em seguida, identifique com o grupo questões polêmicas próprias da sua comunidade que recentemente tenham provocado discussões. Por fazer parte dessa comunidade o aluno terá maior familiaridade com o debate e, certamente, mais conhecimento de causa do que está em jogo, podendo desenvolver argumentos próprios. Além disso, refletindo sobre questões relativas à realidade dele, exercitará uma discussão que será de grande utilidade na preparação do artigo que escreverá para participar da Olimpíada, cujo tema será “O lugar onde vivo”.
- ▷ Uma vez garantido o interesse do aluno, dê preferência, sempre que possível, a questões que estejam relacionadas a polêmicas mais amplas. O meio ambiente, por exemplo, é um tema que pode envolver tanto questões locais (vantagens e desvantagens da canalização de um córrego, construção de moradias em área de mananciais, destinação do lixo da comunidade etc.) quanto nacionais e internacionais (aquecimento global, diminuição das reservas de água potável, desmatamento, entre outras). O mesmo se verifica com temas como a violência cotidiana, o conflito de gerações etc. Dessa maneira, você poderá ampliar o universo de referência do aluno sem, no entanto, deixá-lo desprovido das coordenadas básicas que possam orientá-lo quanto à sua realidade imediata.
- ▷ Se as questões apontadas não despertarem o interesse dos alunos, proponha-lhes que escrevam sobre o tema “Polêmica na escola” ou, sobre assuntos controversos que estejam vivendo na escola, como:
 - ▷ O Enem é um exame democrático, como forma de acesso à universidade?
 - ▷ Deveria ser permitido o namoro no pátio da escola?
 - ▷ Deve-se proibir o uso de celular em sala de aula?
 - ▷ O aluno pode participar das decisões relativas ao que será ensinado em cada semestre?
 - ▷ As escolas deveriam especializar-se num único ciclo de ensino-aprendizagem (anos iniciais do Ensino Fundamental; anos finais do Ensino Fundamental; Ensino Médio)?
- ▷ Essas perguntas aquecem o debate e facilitam a escrita, pois sobre elas os alunos têm o que dizer. Não se esqueça, no entanto, de fazê-los pensar sobre a relação entre essas questões e os debates mais amplos, como a construção da cidadania, a civilidade, o bem comum etc. Afinal, a escola, assim como o lugar em que cada um vive, não está isolada do resto do mundo.
- ▷ Ao examinar as questões com os alunos, chame a atenção deles para a importância de uma estratégia argumentativa adequada na condução de um debate. Para isso, explore as diferentes formas de propor um debate, considerando determinada questão polêmica.

63
pontos de vista

Jogo Q.P. Brasil

Se a sua escola possui *Q.P. Brasil: Questões Polêmicas do Brasil – O jogo da argumentação*, você poderá usá-lo na escolha do tema para a produção de um artigo de opinião. Procure conhecer as questões polêmicas das cartas coloridas e as das cartas de cor laranja.

No Manual do jogo você vai encontrar atividades complementares às oficinas deste Caderno; como exercício, faça a atividade 1, que está na página 7 dele.



64
pontos de vista

Estratégia argumentativa e questão polêmica

Podemos definir **estratégia argumentativa** como o conjunto de procedimentos e recursos verbais utilizados pelo argumentador para convencer tanto seus adversários quanto o auditório envolvido. Como em qualquer outra área de atividade humana, uma boa estratégia é fundamental para garantir um resultado favorável. No caso da argumentação, isso envolve desde a escolha das palavras mais apropriadas, o “tom” mais adequado, até os tipos de argumento empregados e a organização geral da argumentação.

Um passo fundamental para definir uma boa estratégia argumentativa é a definição de “por onde” se vai entrar no debate, já que toda **questão polêmica** envolve aspectos muito diversos. Discutir se há formas certas e erradas de falar o português, por exemplo, envolve fatores diversos. O que dizem os pesquisadores (linguistas, gramáticos, filólogos etc.) a esse respeito? O que pensam os diferentes “profissionais da linguagem” (escritores, jornalistas, professores, editores etc.)? Que aspectos culturais e sociais estão associados a essa questão? Cada um desses fatores permite ao argumentador uma entrada diferente no debate, reservando-lhe tanto um “lugar” a ocupar quanto um estilo particular de argumentação a desenvolver.

Assim, ao decidir “por onde entrar”, o argumentador “se situa” no debate, definindo, ainda as estratégias a serem utilizadas. Para quem escolhe o caminho do direito, por exemplo, recorrer à autoridade de um jurista pode ser de grande valia; para aquele que envereda pelo campo das ciências experimentais, no entanto, o recurso ao conhecimento de um especialista será de pouca ou nenhuma valia se o argumentador não dispuser de dados e experimentos confiáveis para demonstrar sua tese. Outro exemplo: carregar no apelo emocional (ou moral) pode ser uma estratégia decisiva num debate eleitoral; mas dificilmente será apropriado numa discussão sobre saúde pública. E assim por diante.

2ª etapa

O debate

atividades

- ▷ Para preparar a turma para o debate regrado, converse com os alunos sobre a diferença entre *emitir uma opinião pessoal* e *debater*. Quem debate, certamente emite opiniões pessoais. No entanto, ao contrário daquele que apenas opina — muitas vezes só para “marcar posição” — o debatedor se envolve na discussão coletiva de uma questão que, por seu caráter polêmico, pode interessar a todos. Nesse sentido, o compromisso mais importante do debatedor é o de colaborar para, tendo em vista o bem comum, estabelecer consensos possíveis a respeito das escolhas mais adequadas a uma determinada comunidade. Logo, *estabelecer regras* é fundamental para o bom funcionamento de um debate.
- ▷ Com o objetivo de promover essa discussão sobre *o que é e para que serve* um debate bem conduzido, leia com os alunos “Teste rápido: Você faz papel de idiota nas redes sociais?”. Trata-se de uma matéria do jornalista Leonardo Sakamoto, redigida como um desses “testes psicológicos” muito comuns na mídia digital e em seções de autoajuda de revistas de grande circulação. O teste proposto por Sakamoto põe o leitor diante de uma realidade cada vez mais comum em ambientes digitais: o desejo narcisista de opinar (“Pronto, falei!”), sem, no entanto, sustentar suas posições nem tampouco ouvir o que o outro tem a dizer.
- ▷ Você pode apenas ler em conjunto o “teste”, indagando os alunos a respeito dos objetivos pretendidos pelo autor. Mas também pode ser produtivo e divertido pedir que eles respondam ao teste, discutindo, depois, as paixões que, muitas vezes, nos impedem de entender e aproveitar um debate. Seja como for, o importante é deixar o mais claro possível a diferença entre marcar/defender território e trabalhar para a construção coletiva de consensos.



Teste rápido: Você faz papel de idiota nas redes sociais?

Leonardo Sakamoto
17/11/2015

Escolha apenas uma alternativa:

- Após ler o título de um texto sobre um assunto que te interessa, você:
 - Parte para esculhambar e xingar o autor.
 - Começa a elogiar e endossar o autor.
 - Diz que aquela postagem é a prova que os Illuminati estão dominando o mundo.
 - Avisa que aquilo não tem importância alguma porque Cristo vai voltar em breve.
 - Lê o texto.
- Você recebeu uma mensagem no WhatsApp com uma denúncia séria, mas com autoria desconhecida e sem fontes de dados confiáveis. Então:
 - Encaminha a postagem para 50 amigos no WhatsApp.
 - Encaminha a postagem para 50 amigos no WhatsApp e replica no Twitter.
 - Encaminha a postagem para 50 amigos no WhatsApp, replica no Twitter e bomba no Facebook.
 - Encaminha a postagem para 50 amigos no WhatsApp, replica no Twitter, bomba no Facebook e fica falando dele no Snapchat.
 - Dá um Google para checar e, caso haja uma dúvida razoável, avisa a quem te mandou, a fim de que evite espalhar conteúdo que pode ser falso.
- Quando percebe que não manja muito de um assunto em um debate nas redes sociais, você:
 - Inventa dados para ganhar o debate.
 - Cria histórias para sustentar seus argumentos.
 - Enfia palavras na boca de terceiros.
 - Distorce o que não é favorável a você.
 - Não tem vergonha de dizer "não sei", "não faço ideia" e "me explica".

67
pontos de vista

4. Quem xinga alguém durante uma discussão nas redes sociais está:

- Colocando a pessoa no seu devido lugar.
- Mostrando a ela quem manda por aqui.
- Deixando claro a todo mundo quem é o pica das galáxias.
- Dando uma lição em quem se atreveu a questioná-lo.
- Sendo um babaca.

5. Alguém que discorda educadamente do seu post é:

- Um petralha imundo que mama nas tetas do governo.
- Um tucanilha nojento e insensível à dor do semelhante.
- Uma feminazi maldita que quer destruir os homens de bem.
- Um gayzista que quer transformar meus filhos em sodomitas.
- Alguém que discorda educadamente do meu post.

A quem respondeu qualquer coisa que não fosse a alternativa "e": Há pessoas preocupadas em ganhar debates e que ignoram as dores do outro. E ofendem, xingam, maltratam, espantam. E há aquelas que querem construir algo através de conversas nas redes sociais. E ouvem, entendem, toleram, absorvem. Qual desses grupos de pessoas você acha que vai deixar saudades, se partir? Qual desses grupos de pessoas você acha que são fundamentais para o futuro do País?

Disponível em <<http://blogdosakamoto.blogosfera.ud.com.br/2015/11/17/teste-rapido-voce-faz-papel-de-idiota-nas-redes-sociais>>.

atividades

- ▷ Na sequência, organize o debate. Divida a turma em dois grupos; cada um deles deve ficar responsável por uma das questões polêmicas estabelecidas na "1ª etapa" (página 62). Proponha ao grupo 1 que se organize em dois subgrupos, A e B, para a realização de um debate que será assistido e avaliado pelo grupo 2.
- ▷ "Primeiro turno": de um lado, devem estar os que irão argumentar a favor de determinada posição ou proposta (subgrupo A – tese 1); de outro, aqueles que irão argumentar contra, defendendo, se acharem necessário, uma posição alternativa (subgrupo B – tese 2). Estabeleça consensualmente tanto a duração máxima quanto

68
pontos de vista

as normas básicas para o debate, bem como o tempo concedido a cada fala, o direito (ou não) à réplica e/ou à tréplica, o respeito à pessoa do adversário (especialmente na maneira de se referir a ele) e à sua vez de falar, o tipo de linguagem a ser empregada (mais formal, mais descontraída) e as “penalidades” que podem ser aplicadas aos que desrespeitarem as normas.

- ▷ Lembre à turma que o respeito às regras garante não só o bom funcionamento e a fluência do debate como o direito de fala de cada participante.
- ▷ Oriente os membros do grupo 2 para que, durante cada fala, façam as anotações necessárias para uma análise geral do debate, considerando as seguintes questões:
 - ▶ As normas foram respeitadas? O debate foi fluente?
 - ▶ As posições ou teses foram claramente explicitadas, em cada caso?
 - ▶ Que estratégias argumentativas foram usadas pelos debatedores?
 - ▶ Que argumentos principais foram utilizados contra e a favor de cada tese?
 - ▶ Os argumentos foram convincentes? Por quê?
 - ▶ Foi possível chegar-se a algumas conclusões? Por quê?
 - ▶ Que sugestões o grupo 2 faria para os subgrupos A e B, que representam o grupo 1, no sentido de melhorar o desempenho?
- ▷ Para o “segundo turno”, diga aos alunos que deverão inverter as posições. O grupo 2, agora dividido em dois subgrupos (A e B), é que deverá debater a questão polêmica por ele escolhida. Caberá ao grupo 1, por sua vez, avaliar o debate nos moldes já propostos.
- ▷ Ao final, faça o mesmo balanço coletivo do funcionamento do debate. Retome, com toda a turma, a definição de estratégia argumentativa e aproveite a oportunidade para esquematizar, na lousa ou em folhas de papel kraft, as teses e as estratégias argumentativas de cada grupo de debatedores.

- ▷ Durante a atividade, seu papel será, inicialmente, o de orientar a organização e a formulação, pelos alunos, da tese em torno da qual se posicionarão *contra* (grupo B) ou *a favor* (grupo A). Estimule-os a fazer perguntas contundentes, como:

- ▶ Por que vocês pensam assim?
- ▶ Vocês têm algum dado estatístico que comprove o que sustentam?
- ▶ Já leram sobre esse assunto?
- ▶ O que falava o texto (artigo, notícia, livro, editorial, cartaz)?
- ▶ Conhecem situações similares? Se sim, o que aconteceu?

- ▷ Num segundo momento, você será o mediador. Por isso, não deverá tomar partido, limitando sua participação às intervenções necessárias para a fluência e o bom funcionamento do debate.

- ▷ Ao final de ambas as participações, faça uma avaliação coletiva da atividade. Tente mostrar aos alunos quais dos argumentos elaborados mostraram-se mais confiáveis, justamente por apresentarem com maior precisão o que justifica e/ou fundamenta a opinião defendida. Reforce, nesse momento, que os melhores argumentos são os que vão além do “porque eu sei”, “porque eu acho”, “porque é melhor assim”, “porque todo mundo concorda”.

- ▷ Com isso, você e os alunos poderão identificar o que já têm a dizer sobre a questão e o que ainda precisam conhecer para justificar de forma consistente a posição assumida. Após esse levantamento, você terá condições de orientá-los para a pesquisa que será realizada posteriormente.

69
pontos de vista

70
pontos de vista



Debate

Durante um debate, os participantes usam a palavra para expressar o que sabem e pensam sobre o assunto em questão. Retomam o discurso do outro, fazem críticas, se situam, tomam posição e, com respeito e civilidade, podem rebater o ponto de vista contrário.

O debate é uma situação de comunicação privilegiada para desenvolver capacidades de linguagem argumentativa nos alunos, pois aprofunda conhecimentos, possibilita tanto a concentração no foco da discussão quanto a transformação de valores e normas de interação social.

É fundamental que os debatedores, no decorrer do processo, considerem pontos de vista e falas dos demais protagonistas, mantendo o diálogo sempre aberto. Essa é uma boa oportunidade para perceber a importância da flexibilidade de pensamento e tomar consciência da pluralidade de opiniões como um valor que deve ser respeitado. Nesse sentido, valerá a pena resgatar, aqui, a discussão sobre o valor da argumentação em situações difíceis e sobre "como conversar com um fascista".

Jogo Q.P. Brasil

Com o *Q.P. Brasil*, uma boa opção é substituir a 2ª etapa desta Oficina por uma partida. Divida os alunos em três grupos e entregue uma caixa média e um tabuleiro para cada um deles.

Professor, para fazer isso, é essencial que você conheça o jogo e saiba jogá-lo.

Caso opte por não jogar neste momento, recorra aos envelopes coloridos para propor debates, com a utilização das questões polêmicas e dos argumentos que estão no jogo.



ANEXO 4 - Vozes presentes no artigo de opinião



Vozes presentes no artigo de opinião

Objetivo

- Identificar as vozes, ou seja, as diferentes informações e/ou posições a respeito de um assunto com as quais o articulista interage.

Prepare-se!

Para realizar essa atividade é imprescindível que você conheça o texto aqui analisado e saiba reconhecer as vozes nele presentes.

Sobre a oficina

Nesta oficina, vamos trabalhar com o texto “Tá com dó do refugiado? Leva pra casa...”. A questão polêmica a que o texto se refere é parte de um debate mais amplo, sobre os direitos dos migrantes e, em especial, dos refugiados. Se quisermos formular essa questão em formato de pergunta, a exemplo do que fazem alguns jornais, teremos algo como: “Devemos exigir que o Estado desenvolva políticas públicas que garantam os direitos de migrantes e refugiados?”.

Já pelo título escolhido, o jornalista Leonardo Sakamoto entra no debate “citando” uma fala bastante ouvida em lugares do país em que refugiados e migrantes — bolivianos, haitianos e sírios, principalmente — estão mais presentes.

As atividades propostas procuram levar os alunos a perceberem que um artigo de opinião tende a reproduzir, no corpo de seu próprio texto, o debate no qual se insere. Nesse sentido, costuma trazer diversas “vozes”, isto é, referências explícitas ou implícitas a informações e/ou posições de diferentes protagonistas do debate, apontados como aliados, adversários, ou, ainda, como parte do auditório. No primeiro caso, a voz de um aliado tem a função de apoiar a tese defendida. Já a voz de um adversário, representa um contra-argumento possível (como referido nas Oficinas 7 e 8) e vem mencionado pelo articulista para ser rebatido. O auditório aparece, muitas vezes, nas referências ao leitor, ao cidadão, à comunidade, ao país etc. De maneira geral, o auditório representa, no debate, o conjunto dos interlocutores que o argumentador quer convencer, ou, ainda, a opinião pública, conforme explicado na Oficina 2.

As vozes de um texto

O termo “voz” não se refere apenas à palavra, falada ou escrita, de indivíduos e instituições. Números, estatísticas, dados quantitativos ou qualitativos de diferentes ciências também são considerados vozes, na medida em que são assumidos socialmente por especialistas e/ou instituições que funcionam como protagonistas de um discurso. Num texto argumentativo, as vozes assumem funções específicas, e tendem a se organizar como num debate.

1ª etapa

Um artigo tem... atividades

- ▷ Prepare os alunos para a leitura do artigo “Tá com dó do refugiado? Leva pra casa...”. É importante que você lhes ofereça algumas “pistas” do texto que irão ler, para que tenham condições de fazer a análise.
- ▷ Inicie dizendo que a **finalidade** dessa leitura é descobrir as diferentes “vozes” presentes no texto. Explique-lhes o que são as “vozes” que deverão identificar.
- ▷ Faça perguntas sobre o **título do artigo**. Leve os alunos a perceberem que, por aparecer entre aspas, o título já se reporta a uma voz que não é a do articulista. Pergunte se já ouviram ou leram, em algum lugar, frases semelhantes. Em caso positivo, explore um pouco o contexto em que esse tipo de frase ocorreu, assim como as pessoas envolvidas. Pergunte, também, se, pelo título, dá para se ter ideia não só do assunto que será tratado, como das posições que o autor defenderá a respeito.
- ▷ Chame a atenção para o **veículo** do artigo: *Blog do Sakamoto*. Pergunte se eles têm alguma informação a respeito; e estimule-os a pesquisarem, argumentando sobre a relevância de conhecermos características de um veículo – como sua história e/ou a imagem pública a que um *blog* e/ou seus autores estão associados – para aprofundar a leitura dos textos que ele difunde.
- ▷ Faça perguntas sobre o **gênero**. Como vocês já estão trabalhando com artigo de opinião, é provável que os alunos antecipem que o texto trará uma questão polêmica e argumentos diversos. Com base no que discutiram sobre o título, pergunte qual pode ser a questão polêmica, e se é possível formular boas hipóteses a respeito da tese do artigo. Essa exploração preliminar poderá ser cotejada, ao final, com os resultados da análise que, com base nas orientações aqui fornecidas, vocês farão coletivamente.
- ▷ Chame a atenção dos alunos para os **créditos** relativos ao autor, ao final do artigo. Discuta com eles se essas informações são ou não relevantes para o leitor. Pergunte quais delas pareceram mais importantes, e por quê.
- ▷ Anuncie que o novo artigo é diferente dos demais, na forma como conduz sua argumentação. Peça que procurem “descobrir”, durante a leitura, que diferença seria esta.
- ▷ Depois dessa preparação para a leitura, divida a classe em grupos e apresente a Coletânea. Leia o artigo para os alunos ou ouça junto com eles a leitura pelo áudio.

135
pontos de vista

136
pontos de vista



atividades

- ▷ Instigue os alunos com perguntas que os levem a perceber, no texto, as diferentes vozes. Escreva na lousa as questões abaixo e peça-lhes que, em pequenos grupos, releiam o texto, discutam as questões e localizem as respostas. *Identificar os trechos que contenham elementos que ajudem a responder às perguntas é uma boa estratégia de aprendizagem.*
 - ▶ Qual é o ponto de partida (D) da argumentação?
 - ▶ Qual é a posição ou tese (C) do articulista sobre a questão?
 - ▶ Para construir seus argumentos (J), Sakamoto tanto recorre a vozes que lhe são favoráveis quanto analisa e contesta (R) vozes que lhe são contrárias. Peça aos alunos que identifiquem os trechos correspondentes.
- ▷ Para finalizar, um representante de cada grupo lerá para a classe as respostas elaboradas, cabendo a você promover, como fechamento da atividade, uma discussão coletiva capaz de estabelecer consensos e de chegar a resultados satisfatórios.
- ▷ Para ajudar no trabalho de sala de aula, a reprodução do artigo a ser analisado vem, aqui, acompanhada de um comentário geral e de observações pontuais, distribuídas ao longo do texto.

Artigo de opinião

“Tá com dó do refugiado? Leva pra casa!”

Leonardo Sakamoto
8/9/2015

- 1 “Tá com dó? Leva para casa!” é uma daquelas frases icônicas, através das quais consegue-se avaliar se o interlocutor merece respeito ou um abraço forte e solidário. É utilizada por pessoas com síndrome de pombo-enzadrista (faz sujeira no tabuleiro, joga ignorando regras mínimas de sociabilidade e sai voando, cantando vitória), normalmente diante do clamor para políticas voltadas àquela gente pobre, parda, perdida ou violada que habita as frestas das grandes cidades.
- 2 E só falar da necessidade de políticas específicas que garantam qualidade de vida para esse pessoal mas, ao mesmo tempo, respeitem seu direito de ir e vir e ocupar o espaço público que o povo vira bicho. Ou melhor, vira pombo.
- 3 Este tema não é novo por aqui, mas vi que a frase passou a ser usada diante da última crise de refugiados na Europa. Gente empregando-a para negar a necessidade de acolher refugiados, não só da Síria, mas da Ásia, África e América Latina. “Querem trazer mais deles para o Brasil? Coloque-os na sua casa!”
- 4 Não viu esse tipo de coisa na sua timeline? Acha que o mundo é só solidariedade? Culpe o algoritmo de sua rede social, que te colocou numa bolha cor-de-rosa. O mundo lá fora, minha gente, é flicts.

O jornalista interpela diretamente o leitor a respeito da situação referida no parágrafo anterior. Ao mesmo tempo, põe em cena duas novas vozes em contraste: a das redes sociais, com seus filtros cor-de-rosa, e a de Ziraldo, autor de um livro infantil, *Flicts*, que defende o direito de um lugar ao sol para toda e qualquer diferença.

No livro, *flicts* é uma cor que, por ser diferente e única, não encontra um lugar próprio, seja no arco-íris, seja em uma bandeira qualquer. Mas acaba se reconciliando com sua singularidade; e, assim, conquista o seu posto.

Ao citar a frase entre parênteses, Sakamoto dá voz a uma opinião corrente de parte da população brasileira sobre refugiados. E ao manifestar sua crítica a respeito, anuncia uma segunda voz: a posição que pretende defender no artigo.

As duas posições/vozes são retomadas. A posição defendida pelo articulista se explicita, em favor de políticas específicas para os refugiados. Em contraposição, reaparece a voz dos que “viram bicho” diante dessa opinião.

Novamente citadas, as duas posições/vozes são atualizadas em relação à “última crise de refugiados na Europa” e seu contexto político nacional e internacional.

137
visto

138
pontos de vista

138
pontos de vista

5 Tanto na Europa quanto por aqui, ações individuais ajudam a mitigar o impacto inicial dos refugiados, garantindo apoio a quem perdeu tudo. E é ótimo que seja assim. Mas eles devem ser alvo, principalmente, de uma política pública, com intervenção direta do Estado, única instituição com tamanho e legitimidade para garantir uma ação nacional, transnacional e de escala. Porque isso também inclui a garantia da autonomia econômica e social às famílias. Quem acha que o Estado é um simples entrave e não a forma que construímos para impedir que nos devoremos, tem dificuldade de entender que o acolhimento de refugiados e migrantes não é caridade individual, mas sim a efetivação de compromissos assumidos internacionalmente por um povo.

6 Ao mesmo tempo, o Estado é responsável por aprovar o mais rápido possível a nova lei brasileira de migração, que facilita a acolhida de estrangeiros de locais com instabilidade, guerras, violações a direitos humanos. O projeto, já aprovado no Senado e que está em análise na Câmara dos Deputados (PL 2516/15), repudia a xenofobia, tendo um caráter mais humanitário que o Estatuto do Estrangeiro atual, um Walking Dead – morto, mas segue aí, atrapalhando. Não é a panaceia para todos os problemas, mas um passo importante. Migrantes geram riqueza para seus novos países, mas a narrativa é de que são custosos para o poder público. Prova de que uma mentira contada mil vezes vira verdade.

7 Tenho dó e desse povo que tem medo de tudo e acha que a vida é uma selva, do nós contra eles. Pessoal que pensa assim, na boa, sua vida deve ser ruim demais.

Disponível em

<<http://blogdosakamoto.blogspot.com.br/2015/09/08/ta-com-do-do-refugiado-leva-para-casa>>.

Dando à questão dos refugiados uma dimensão internacional, o autor menciona as boas iniciativas individuais; mas aponta para a responsabilidade do Estado, na questão. E contrapõe a voz de “quem acha que o Estado é um simples entrave” à daqueles que o concebem como um instrumento “que construímos para impedir que nos devoremos”.

Duas vozes oficiais distintas são confrontadas: a do atual “Estatuto do Estrangeiro” e a “nova lei brasileira de migração”, qualificada no artigo como mais humanitária. Sakamoto conclama o Estado brasileiro a aprovar o mais rápido possível a nova lei, argumentando, em sua defesa, que “migrantes geram riquezas para seus novos países”.

Ao afirmar que “uma mentira contada mil vezes vira verdade”, o jornalista alude a uma nova voz: a de Joseph Goebbels, célebre ministro da propaganda da Alemanha nazista e autor da frase citada. Assim, o articulista aponta o que há de nazista na posição dos que divulgam mentiras, como a de que imigrantes são um estorvo econômico, com a intenção de fazê-las passar por verdades.

A conclusão aparece em primeira pessoa, na voz do próprio autor, dirigindo-se a seus oponentes. Se formulada em terceira pessoa, como é o usual nos artigos de opinião, a conclusão seria algo como: “Aqueles que têm medo do suposto perigo dos refugiados devem sentir-se numa selva. Devem, portanto, ser dignos de dó”.

Leonardo Sakamoto é jornalista e doutor em ciência política pela Universidade de São Paulo. Cobriu conflitos armados em diversos países e o desrespeito aos direitos humanos no Brasil. Professor de jornalismo na PUC-SP e pesquisador visitante do Departamento de Política da New School, em Nova York; é diretor da ONG Repórter Brasil e conselheiro do Fundo das Nações Unidas para Formas Contemporâneas de Escravidão. Fonte: Blog do Sakamoto (<http://blogdosakamoto.blogspot.com.br/2015/09/08/ta-com-do-do-refugiado-leva-para-casa>).

139
pontos de vista

Comentários gerais sobre o artigo “Tá com dó do refugiado? Leva pra casa!”

- ▷ Para que seus alunos compreendam e “curtam” o artigo, certifique-se de que certos termos e expressões, entre eles os destacados no texto, tenham sido bem compreendidos: pautas do Congresso; temperança; passionalidade; furor público; furor dos acontecimentos; leis casuísticas; panaceia etc. Se quiser, recorra à edição eletrônica do *Dicionário Caldas Aulete* (<http://www.aulete.com.br>), gratuitamente disponível na internet.
- ▷ Em seguida, discuta com eles quais são as informações – ou as orações/períodos – que resumem cada parágrafo (como fazemos aqui), de forma que produzissem uma síntese coletiva do texto e permitissem uma rápida apreensão dos raciocínios desenvolvidos.
- ▷ Finalmente, reconstrua com eles a trajetória desenvolvida pelo autor para nos convencer de sua(s) tese(s). Mostre a eles que, graças à *estratégia argumentativa* de contrastar vozes antagônicas ao longo do artigo, Sakamoto “dramatiza” a questão polêmica de que parte: “Os refugiados têm direito a uma política pública específica?”; e, assim, “encena” o próprio debate em seu texto. Isso lhe permite:
 - ▶ Identificar-se e confundir-se com as vozes que sustentam uma resposta positiva para a questão;
 - ▶ conclamar o Estado a fazer a parte que lhe cabe;
 - ▶ chamar o leitor às falas;
 - ▶ interpelar diretamente seus opositores.

140
pontos de vista

140
pontos de vista

Em consequência, essa estratégia dá ao artigo o mesmo poder de atingir emocionalmente o público que os espetáculos teatrais têm: o leitor “vê” a realidade diante de si. E então, identificando-se com as situações, personagens e “falas” retratadas, é chamado a tomar o seu próprio lugar na cena. Um efeito que os gregos da Antiguidade reconheciam em suas tragédias, denominando-o como “catarse”.

Vejamos como esse caminho se desenha ao longo do texto.

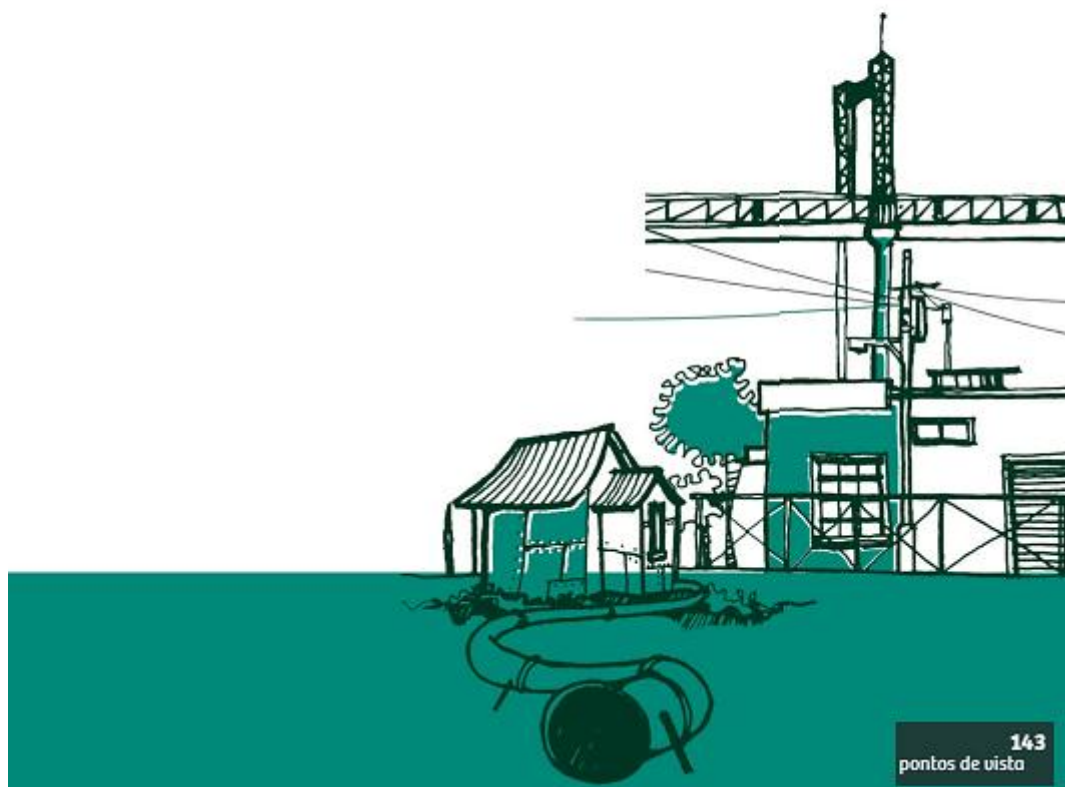
- ▷ O Dado (D) de que o artigo parte é a *fala* que lhe dá título: “Tá com dó do refugiado? Leva pra casa!”. O ponto de partida de toda a argumentação é, portanto, uma voz que o autor qualifica como “icônica”, representativa, portanto, do senso comum, no que diz respeito aos refugiados. Pelas críticas feitas a essa primeira voz — “é utilizada por pessoas com síndrome de pombo-enxadrista” —, o autor deixa evidente que ele e outros pensam de outra forma. Por outro lado, na forma como descreve os refugiados (“gente pobre, parda, perdida ou violada que habita as frestas das grandes cidades”), assim como na expressão que utiliza para se referir às vozes que se levantam em favor deles (“**clamor** por políticas voltadas àquela gente pobre...”), Sakamoto faz ouvir uma segunda voz: a sua própria e a de todos os que pensam de forma semelhante.
- ▷ No parágrafo seguinte, essa segunda voz se explicita: trata-se da fala que defende “políticas específicas que garantam qualidade de vida para esse pessoal”. E o seu antagonismo com aqueles que “não têm dó dos refugiados” fica claro.
- ▷ Na sequência, o texto alterna essas duas posições. Em alguns momentos, a primeira voz se manifesta, e sua fala é marcada pelas aspas; em outros trechos, os comentários do autor ecoam e desenvolvem o discurso da segunda voz. Favoráveis ou contrárias a esses direitos, as posições se alternam, fazendo com que o texto evolua como um drama.

141
pontos de vista

- ▷ Nas reflexões que contestam a primeira voz, no quinto e no sexto parágrafos, surgem, então, os argumentos, ou seja, as **Justificativas (J)** que sustentam, no artigo, a defesa de políticas públicas específicas para os direitos dos refugiados: as iniciativas pessoais são “ótimas”, mas insuficientes; o Estado tem, por princípio, responsabilidade na questão; além disso, só o Estado tem os meios indispensáveis a ações da envergadura necessária; o Estado não é um entrave, e sim uma forma de não nos devorarmos; o Estado brasileiro deve agilizar a aprovação da nova lei de migração, um avanço em relação ao atual Estatuto. Todas elas reportam-se ao papel que o Estado deve desempenhar na questão; nesse sentido, todos esses argumentos são **Suportes (S)** uns dos outros.
- ▷ Por conta da estrutura dramática do texto, o articulista, exatamente como fazem os atores, em certas peças, interpela o público em meio ao “espetáculo”: “Não viu esse tipo de coisa na sua timeline? Acha que o mundo é só solidariedade? Culpe o algoritmo de sua rede social que te colocou numa bolha cor-de-rosa. O mundo lá fora, minha gente, é flicts”. Ao fim do drama/artigo, o jornalista dirige-se a seus opositores, numa fala que, respondendo diretamente à que dá título ao texto, representa a **Conclusão (C)** de todo o seu raciocínio/diálogo: “Pessoal que pensa assim, na boa, sua vida deve ser ruim demais”.

142
pontos de vista

- ▷ Apesar da organização original do artigo, os argumentos e contra-argumentos expressos por essas vozes antagônicas garantem a estrutura dissertativa do texto: o primeiro parágrafo, correspondente aos Dados (D), funciona como *Introdução*; os parágrafos de 2 a 6, que alternam e confrontam vozes que portam Justificativas (J) para as ideias com que o autor se identifica e, por isso defende, são o *Desenvolvimento*; finalmente, a tese apresentada no último parágrafo corresponde à *Conclusão*.



ANEXO 5 - Pesquisar para escrever

Pesquisar para escrever

Objetivos

- Buscar informações sobre a questão polêmica.
- Relacionar informações de caráter universal com realidades locais.
- Socializar os resultados das pesquisas.

Prepare-se!

Os alunos deverão pesquisar questões polêmicas locais para terem o que dizer nos artigos de opinião que eles vão escrever. Ajude-os a encontrar as formas para obter informações sobre temas que lhes interessem e sejam representativos do lugar onde vivem.

145
pontos de vista

1ª etapa

Grupos de pesquisa

Jogo Q.P. Brasil

Para introduzir essa etapa, proponha a atividade 3 do Manual do jogo Q.P. Brasil.



atividades

- ▷ Retome com os alunos as questões polêmicas locais já levantadas. Peça-lhes que façam uma pesquisa cujo foco seja o assunto sobre o qual irão escrever, visando à construção de argumentos consistentes.
- ▷ Divida a classe em grupos de pesquisa. Cada um deles terá de buscar informações (dados histórico-culturais, estatísticas, pontos de vista de diferentes autoridades, leis ou projetos de lei, causas e consequências, exemplos de acontecimentos) sobre um dos aspectos da questão polêmica. Eles devem organizar os dados obtidos por temas – podem até criar uma “minipasta” para cada tema – com o objetivo de organizar todo o material levantado, bem como anotações feitas durante a pesquisa.
- ▷ Para que as informações sejam confiáveis, eles devem consultar diferentes fontes, como jornais, livros, internet e vídeos informativos; universidades, prefeituras, secretarias, delegacias, ONGs etc.; entrevistas com pessoas que sejam autoridades no assunto; enquête/pesquisa de opinião com moradores do município.

146
pontos de vista

- ▷ Finalizada a pesquisa, os alunos deverão fazer uma síntese (texto corrido ou dividido em tópicos) das informações mais relevantes, que servirá para sustentar a argumentação na escrita individual.
- ▷ Suponha que o assunto seja a violência contra a mulher. A questão polêmica poderia ser: "A vítima deve ou não denunciar o agressor para a polícia ou para organizações de defesa da mulher?".
- ▷ Os alunos podem e devem colher informações e opiniões de âmbito nacional, mas precisam trazer o problema para "o lugar em que vivem", tomando como ponto de partida dados locais. Use como exemplo o texto "Cavaleiros da cana *versus* mecanização", que faz parte da Coletânea e foi escrito por Mariane Cheli de Oliveira, aluna finalista da 1ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro.

2ª etapa

Socialização dos resultados da pesquisa

atividades

- ▷ Para socializar a pesquisa sobre os diferentes aspectos da questão polêmica, cada grupo deverá ter em mãos a síntese que preparou. Nessa socialização, a participação de todos é fundamental. Uma boa forma de organizar os trabalhos é pedir aos alunos que apresentem oralmente as informações levantadas nas pesquisas, enquanto você anota, na lousa, as mais relevantes, aquelas que poderão ser transformadas em argumentos de diferentes tipos.
- ▷ Para facilitar o trabalho, consulte novamente o quadro "Tipos de argumento" (páginas 116 e 117), apresentado na Oficina 9.

ANEXO 6 - Enfim, o artigo



Enfim, o artigo

objetivo

- Escrever o texto individualmente.

prepare-se!

Agora é o momento de observar o resultado de seu trabalho! Leia os artigos de opinião produzidos por seus alunos e faça indicações, em cada um deles, do que pode ser melhorado. Alguns alunos precisarão de dicas bastante pontuais; para outros, alguns apontamentos serão suficientes. Você, que os conhece, fará as indicações necessárias para que todos aprimorem os textos.

159
pontos de vista

A produção final

atividades

- ▷ Retome com os alunos o percurso feito até agora. Nas oficinas anteriores, eles escolheram uma questão polêmica que afeta a comunidade onde vivem. Fizeram entrevistas, pesquisas em jornais e revistas, colheram dados para melhor embasar a posição deles.
- ▷ Cada aluno vai produzir agora um texto individual, com base na questão polêmica escolhida anteriormente ou numa nova questão que esteja em evidência na comunidade.

160
pontos de vista

- ▷ Antes de começarem, lembre aos alunos que, como articulistas, eles devem:
 - ▷ partir de uma questão polêmica local e situar o leitor em relação a ela;
 - ▷ tomar posição em relação à questão polêmica e defender o ponto de vista dele como sendo o melhor; assim, será preciso apresentar argumentos ora de autoridade, ora por exemplificação, ora baseados em princípios, comparações, evidências ou em relações de causa e consequência;
 - ▷ incluir opiniões de adversários, contestando-as ou desvalorizando-as com os argumentos deles (é preciso tomar cuidado para que não seja feita uma desvalorização preconceituosa, até porque isso não pode ser considerado um bom argumento);
 - ▷ concluir o texto reforçando a posição tomada;
 - ▷ usar elementos articuladores como os que:
 - anunciam a posição do articulista ("do nosso ponto de vista", "penso que", "pessoalmente", "acho que");
 - marcam as diferentes vozes presentes no artigo ("como dizem os economistas...", "segundo alguns empresários...", "muitas pessoas dizem que...", "há pessoas que negam...", "algumas pessoas afirmam...", "para muitos é importante... para outros...");
 - introduzem argumentos ("porque", "pois", "mas"); anunciam a conclusão ("então", "consequentemente", "por isso", "assim").
- ▷ Recolha as produções dos alunos e indique as alterações que devem ser feitas para aprimorar o texto.

ANEXO 7 - Revisão final



Revisão final

Objetivo

- Revisar e melhorar o texto individual.

Prepare-se!

Com os artigos prontos, defina com os alunos como publicá-los. Lembre-se de que um artigo de opinião, para ser efetivo, precisa ser lido pelo maior número possível de pessoas. Prepare um cartaz com o roteiro para a análise da produção.

163
pontos de vista

atividades

- ▷ Prepare um cartaz com o roteiro descrito abaixo. Distribua aos alunos as produções deles para que possam revisar e melhorar o texto.
- ▷ Ajude-os com relação ao roteiro e explique que ele não representa um conjunto de regras a serem cumpridas. São apenas orientações, não precisam ser seguidas à risca.

Roteiro

- » Seu artigo parte de uma questão polêmica?
- » Você colocou o leitor a par da questão?
- » Tomou uma posição?
- » Introduziu sua opinião com expressões como "penso que", "na minha opinião"?
- » Levou em consideração os pontos de vista de opositores para construir seus argumentos? Por exemplo: "Para fulano de tal, a questão é sem solução. Ele exagera, pois..."
- » Utilizou expressões que introduzem os argumentos, como "pois", "porque"?
- » Utilizou expressões para anunciar a conclusão, como: "então", "assim", "portanto"?
- » Concluiu o texto reforçando sua posição?
- » Verificou se a pontuação está correta?
- » Corrigiu os erros de ortografia?
- » Substituiu palavras repetidas e eliminou as desnecessárias?
- » Escreveu com letra legível para que todos possam entender?
- » Encontrou um bom título para o artigo?



ANEXO 8 – Artigo de Opinião 1

Menores de 18 anos podem frequentar Festas Noturnas seguras?

Menores de 18 anos podem sim frequentar festas noturnas seguras, tendo em vista que não devem consumir bebidas alcoólicas ou ingerir bebidas de outra forma.

A preocupação dos pais com filhos menores ao sair de casa para uma festa é grande porque muitos jovens de hoje em dia com influência de outros jovens chegam a fazer coisas que afetam a sociedade até mesmo a convivência familiar.

Os pais se preocupam com os filhos ao sair para uma festa por medo porque não sabe o que lá os seus filhos irá fazer. Então em casa os pais tendem a desconfiar que o filho irá beber ou consumir drogas.

Portanto os jovens menores de 18 anos podem sim ir as festas noturnas, tendo a consciência que não deverão ingerir bebidas ou drogas, e ao sair de casa deve ter a responsabilidade de garantir que a festa seja com a segurança que merece.

ANEXO 9 – Artigo de Opinião 2

O uso de celular em sala de aula

Bem, o tema "o uso de celular em sala de aula" é uma questão muito polêmica, pois muitas pessoas concordam em que deve-se usar o celular e outras dizem que não é preciso.

No minha opinião como estudante, devemos sim usar o celular em aula até porque na maioria das aulas fazemos pesquisas, e na escola não tem computadores suficientes para todos os alunos, certo que a escola tem uma biblioteca e que não tem dicionários, porém as pesquisas que as professoras fazem não dependem apenas de dicionários, exige muito o internet mas como é proibido não utilizamos todos as pesquisas dentro de sala de aula, acho que deveria ser "igual" o celular em sala de aula por causa de algum imprevisto, às vezes os alunos ficam doentes e não podem o celular de algum da direção com vergonha.

Já por outra parte tem alunos que não faz nada em sala de aula com o celular na mão, a professora passa a atividade e ele nem liga, muito exagerado com uso do seu celular, portanto acho que a solução seria todos trazer seus aparelhos e deixar na diretoria, caso ocorra alguma emergência, ir lá pegar, quando for no fim da aula os alunos passam na diretoria e recebem seus aparelhos, mas não deixar de ser a favor do uso do celular em sala de aula, é muito importante para alguns tanto para realizar pesquisas como em caso de emergência.

ANEXO 10 – Artigo de Opinião 3

Amazônia em chamas I

As queimadas na Amazônia é uma problemática ambiental, afeta o planeta com consequências graves, para o Brasil com que existe uma elite que explora e destrói.

Uma problemática recorrente na sociedade brasileira refere-se aos acontecimentos na Amazônia "onde ocupa uma área de mais de 6,5 milhões de km²". Em plena Segunda-Era, dia 16 de agosto o fogo tomou o centro de um das maiores florestas da Amazônia.

Segundo o site Amazônia.org.br, no Brasil em 2005 foram 187-93 km² de áreas desmatadas, sendo que uma das principais causas é a extração de madeira, na maior parte ilegal.

Nesta forma, vale salientar que os cuidados necessários com a natureza, a consciência dos seres humanos não estão sendo exercitados como se espera.

Tudo mostra que, os direitos humanos não estão sendo cumpridos, que a política não está desempenhando o seu devido papel, com as leis e as regras que estão tornando escleroses o problema.

É evidente que o Brasil está passando por vários problemas e que a sociedade está se afastando cada vez mais uma da outra.

Portanto, o nosso país está se afundando em chamas, porém a "conservação de unidade de conservação na Amazônia é o projeto ARPA (áreas protegidas da Amazônia) que tem como meta atingir um total de 50 milhões de hectares", e uma das instituições que está apoiando esse projeto é o Banco Mundial. Nunca é tarde para existir, vamos lutar por um país ecologicamente correto.

ANEXO 11 – Artigo de Opinião 4

Legalização da Macaêba para uso medicinal

Atualmente milhões de crianças e adolescentes no Brasil precisam de remédios a base de macaêba, para tratamento de vários tipos de doenças como Asma, epilepsia, dores e doença neurológica e déficits cognitivos. E esses medicamentos a base de Canabidiol além de serem muito caros, não chegam no Brasil.

Não há chance de deputados votar para ser votado a lei que legalize o uso do remédio e a plantação para fins medicinais.

Da minha parte de vista a situação está sendo empurrada para a frente, pois esse projeto de lei foi proposto no início do ano e ainda não foi para Câmara.

É comum esse tema ser debatido em programas de televisão e jornais e mostram casos de crianças que tinham certos tipos de doença e que a partir do uso do óleo de Canabidiol elas tiveram uma melhora de até 80% e amenizaram a sintoma de sua doença que tanto pagam as pessoas sofrem: Convulsões, depressão, epilepsia, doenças raras, entre outras.

Assim se for legalizado o uso do medicamento a base de Macaêba, essas crianças e adolescentes terão em quadros de melhora, felicidade e poderão viver uma vida melhor, e como no musical de Jota Quest fala "temos dias melhores para sempre".

ANEXO 12 – Artigo de Opinião 5

O Feminicídio no Brasil

O Brasil, país em que diversos problemas fogem parte de nossas vidas, altas taxas de violência e patulhados, um dos muitos assuntos que tudo indica ser terrível popularmente, é o feminicídio. Sem dúvida, é algo alarmante para nós mulheres, várias vezes de assassinatos já foram divulgados ao longo das ruas, por meio de jornais e sites.

Muitas vezes, esses assassinatos contra as mulheres, não mostram a verdadeira motivação que leva a cometer tal ato hediondo, como esbôços, dando motivos ou não, não vemos a dor de matar alguém, seja mulher ou homem, mas a diversos casos de divórcios pensamos que talvez não mostrem a realidade. O feminicídio ocorre, na maioria das vezes, pela falta de segurança das mulheres e por serem "fritas" na vida dos homens, então elas vivem inseguras com os maridos.

De acordo com a Lei Maria da Penha (Lei 11.340/06), é bem específica quando se trata da violência contra mulheres, seja física, psicológica, ou sexual, porém essa lei não está sendo muito bem aplicada no Brasil, porque além das mulheres serem constantemente violentadas, estão sendo responsabilizadas das piores coisas. Mas de acordo com a pesquisa Avaliando a Eficácia da Lei Maria da Penha (Ipes, 2015), "[A diminuição da taxa] implica dizer que a Lei Maria da Penha foi bem aplicada, por evitar milhares de violências no país".

Segundo Eleanora Memmery, ministro-chefe da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência, "trata-se de um crime de ódio. O crime surgiu na década de 1970 com o fim de reconhecer e dar visibilidade à discriminação, pobreza, desigualdade e violência sistêmica contra as mulheres, que, em sua forma mais aguda, culmina a morte. Essa forma de assassinato não constitui um evento isolado e nem repentino". Um dos casos de assassinato, na área, o feminicídio, que ocorreu no Brasil em 22 de julho de 2018, a advogada Tatiane Spitzman, foi agredida e assassinada por seu marido Luiz Felipe, a vítima foi jogada da escada da prédio onde morava, assim falecendo.

Concluindo, casos de feminicídio não ocorrem somente no Brasil, é algo mundial, então para minimizar esses tipos de problemas, medidas e soluções devem ser tomadas, para que os responsáveis, como nós e outras mais, não tenham mais, assim dando mais proteção para as mulheres, para que se sintam seguras.

ANEXO 13 – Artigo de Opinião 6

O porte de armas de fogo no Brasil

O porte de armas de fogo deveria ser legalizado no Brasil, pois, ele ajudaria a reduzir a criminalidade no Brasil razoavelmente em torno de uns 30%, pois que os cidadãos estariam armados, e também o porte reduziria a taxa de assalto, mas também o porte deveria somente ser concedido a pessoas com ficha criminal limpa, exames de sanidade mental em dia, pois nunca se deu dar uma arma extremamente letal a uma pessoa que já cometeu algum delito, ou dar uma arma a uma pessoa com sanidade mental. O porte de armas hoje só é concedido a advogados, comerciantes ou caçadores, oficiais de justiça, policiais que atuam na segurança pública, agentes de trânsito, policiais (em quanto cumprem o mandato), moradores de áreas rurais, motorista (transporte de cargas), conselheiros tutelares, funcionários de segurança, e militares. O porte ajudaria os cidadãos brasileiros a se defenderem, ajudariam os fazendeiros que possuem grandes propriedades rurais, a arma de fogo em posse do trabalhador rural e ajudaria a proteger sua propriedade de invasões.

Armas de fogo no Brasil não muito caras, por exemplo uma pistola Glock 19, calibre 9 milímetros, no Brasil custa por volta de 3 a 5 mil reais, agora, quando o porte for legalizado completamente, creio que o preço aumentaria razoavelmente, para reduzir os preços e os impostos em cima das armas de fogo o Brasil deveria focar na produção nacional e parar de importar armas dos Estados Unidos, o Brasil tem o poder de fazer suas próprias armas de fogo em território nacional, utilizando as fábricas de armas e munições, a Tomba e a Taurus que são grandes fábricas, atualmente o fuzil padrão das forças armadas brasileiras é o FAL 7.62 e fuzilado russo-falcos, e ele está sendo substituído pelo Tomba 1A2, calibre tanto 5.56 quanto 7.62, já a Taurus segue fazendo revólveres e pistolas para a PM, ela fez uma pistola que seu projeto tem base na PT 92 uma pistola americana, a Taurus fez uma cópia brasileira desta arma, assim podemos ver que essas fábricas tem total capacidade de suprir as necessidades de armamento do Brasil. De acordo com um pequeno estudo feito por um estudante que não consigo localizar, a produção de armas no Brasil e a compra pelas famílias quando for liberado o porte o PIB aumentaria em torno de 3% com a produção de armas nacionais, não é um aumento grande, mas fará alguma coisa, o Brasil com a produção de armas nacionais, ele poderia vender suas armas para outros países, assim aumentando a renda.

Mas, talvez, aconteçam alguns problemas com a legalização do porte, pois a população armada, uma pequena minoria poderia utilizar a arma para cometer delitos, mas com o porte de armas, o porte só seria concedido a pessoas com ficha criminal limpa, e exames de sanidade mental feitos, assim reduzindo os riscos desta opção, o portador de arma deveria ter o curso de tiro completo para ter sua arma, e deveria legalizar a arma de fogo na Polícia Federal.